

LIVROS DE UMBANDA, OCULTISMO E MAGIA

COMO ADIVINHAR O FUTURO NA BOLA DE CRISTAL.
COMO COMBATER O FEITIÇO — Maria Helena Farelli.
COMO EVITAR O OLHO GRANDE — Carlos Francisco Xavier.
COMO FAZER SIMPATIAS — Maria Bebiana Ferreira dos Santos.
FEITIÇOS DO CATIMBÓ — Prof. Severino Cavalcante.
IMPRESSIONANTES CASOS DE MAGIA NEGRA — Antônio A. Teixeira.
LIVRO DA BRUXA OU FEITICEIRA DE ÈVORA — Amadeo de Santander.
LIVRO COMPLETO DOS SONHOS — Mahal Bathan.
LIVRO DO FEITICEIRO ATHANASIO
LIVRO GIGANTE DE SÃO CIPRIANO CAPA DE AÇO.
LIVRO GIGANTE DE SÃO CIPRIANO CAPA PRETA.
LIVRO DE ORAÇÕES.
LIVRO DA PODEROSA CRUZ DE CARAVACA.
LIVRO DA SAGRADA CRUZ DE CARAVACA.
LIVRO DA SANTÍSSIMA CRUZ DE CARAVACA.
LIVRO DE SÃO CIPRIANO DAS ALMAS — J. Botelho Sabugosa.
LIVRO DOS SONHOS DE GAGLIOSTRO.
LIVRO DA VERDADEIRA CRUZ DE CARAVACA.
MANUAL DA CARTOMANTE — Yllema Hormazabal.
MANUAL DE REZAS E MANDINGAS — Cândido Emanuel Félix.
PODEROSO LIVRO DE SÃO CIPRIANO.
TAROT O BARALHO DA FORTUNA — Nicodemus del Valle.
VERDADEIRO BREVIÁRIO DE NOSTRADAMUS — M. Nostradamus.
BANHOS DE DESCARGA E AMACIS (Defumações e Oferendas).
BREVIÁRIO DO UMBANDISTA — Altair Pinto.
CARTILHA DA UMBANDA — Cândido Emanuel Félix.
CATECISMO DO UMBANDISTA — Pompílio Possera Eufrásio.
COMO DESMANCHAR TRABALHOS DE QUIMBANDA — Vol. I.
COMO DESMANCHAR TRABALHOS DE QUIMBANDA — Vol. II.
CURAS, MANDINGAS E FEITIÇOS DE PRETO VELHO.
DICIONÁRIO DA UMBANDA — Altair Pinto.
NA GIRA DA UMBANDA E DAS ALMAS — Dr. Byron Tôrres de Freitas.
GUIA E RITUAL PARA ORGANIZAÇÃO DE TERREIROS DE UMBANDA.
LIVRO DOS EXUS — Antônio de Alva.
ORAÇÕES DA UMBANDA — José de Arimatéa Nunes.
OXALA — Lucius.
OXÓSSI — Antônio A. Teixeira.
O PODER DAS ERVAS NA UMBANDA — José Ribeiro.
LIVRO DOS MEDIUNS DE UMBANDA — Antônio A. Teixeira.
MAGIAS DA UMBANDA — Jota Alves de Oliveira.
AS SETE FORÇAS DA UMBANDA — Maria Helena Farelli.
TRABALHOS DE PRETOS-VELHOS — Luely Figueiró.
UMBANDA PARA TODOS — DECELSO
A MAGIA E A ASTROLOGIA DOS CIGANOS — Maria Helena Farelli.
MAGIAS PARA O AMOR — Maria Helena Farelli.
ANASTACIA (ESCRAVA E MÁRTIR NEGRA) Antônio A. Teixeira.

PEDIDOS A



Rua Marquês de Pombal, 172 - Caixa Postal 11.000 - 20.230
Telefones: 221-5016 e 232-4681 - Rio de Janeiro - RJ

O VERDADEIRO JOGO DOS BUZIOS



BABALAWO
OJU-OBÁ

URSAVN A DEUSA
DAS FOLHAS

Fernandes Portugal

Livro do sociólogo Fernandes Portugal, figura sobejamente conhecida entre os praticantes dos Cultos Afro-Brasileiros.

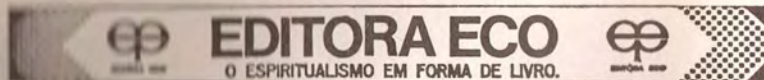
São constantes as suas aparições nos meios de divulgação, quando o tema é cultura africana. Nesta obra, ele reuniu uma série de assuntos inéditos de grande interesse dos praticantes do Candomblé e Cultos Afros. Entre outros assuntos abordados destacamos os capítulos "Assento de Eshu", Aspectos da religiosidade do Gantois", onde faz interessantes revelações sobre o Culto aos Orishás no Gantois, revelações feitas pela chefe do Culto, Mãe Menininha do Gantois. Outros capítulos se referem as principais folhas dos Orishás, Éguns, Eshu, etc., um valioso material sobre "Ati", feixes de ervas e pós sagrados do bem e do mal, o Banho de Dixié.

O primeiro capítulo intitulado "Introdução sobre a Cultura Afro-Brasileira, dá uma visão parcial sobre a cultura religiosa negra.

A fim de atender a curiosidade constante do leitor, editamos esta obra, que significa uma grande abertura, devido ao ineditismo que ela contém.

Adquira hoje mesmo este valioso compêndio em todas as livrarias ou diretamente à nossa editora.

O Verdadeiro Jogo dos Búzios



IMPRESSO NO BRASIL

PRINTED IN BRAZIL

DIREITOS RESERVADOS À EDITORA

Ilustração da capa
NILTON MENDES MENDONÇA

Fotolitos e clichês
CLICHERIA GARCIA LTDA.

Revisão
NAASSON VIEIRA PEIXOTO

Publicado pela EDITORA MANDARINO LTDA.
C.G.C. 34.026.245/0001-00 — INSC. 81.202.540

RUA MARQUES DE POMBAL,
172 — CAIXA POSTAL 11 000
20.230 — Telefone: 221-5016 —
RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL

BABALAWÔ OJU-OBÁ

O Verdadeiro Jogo dos Búzios

3ª EDIÇÃO

O jogo de búzios é uma das práticas divinatórias mais populares trazidas pelos negros Yorubanos para o Brasil. É praticamente encontrado como elemento litúrgico em todas as casas de culto aos Orishas, possui várias denominações, é conhecido popularmente como Ifá, Delogum, Búzios ou Cauris. Ifá ou Fâ é o termo empregado pelas tribos Malê, conhecidas no Brasil como Mussurumim, e também as tribos Jêjê, oriundas do Daomé (atual República Popular de Benim).



Índice

Fundamentos dos Búzios	7 a 12
Jogo de Búzios	13 a 26
Jogo de Odú	27 a 37
Como Ofertar Obi ao Orishá	38 a 55
Jogo de Búzios, do Obi e do Orobó	56 a 59
Os Babalawôs	60 a 69
Ebós dos Odús	70 a 88
Culto aos Orishás — O Candomblé	89 a 116
Animais Sacrificados para cada Orishá	117 a 125
Crendices, Costumes, Agouros e Outras Particulari- dades dos Angolanos	126 a 143
O Angoroci, Preparação para a Primeira Festa	144 a 167

“Fundamentos dos Búzios”

Os praticantes de liturgia Afro-Negra consideram alguns aspectos essenciais, chamando-os de “fundamentos”; efetivamente, o segredo do Jogo dos Búzios está ligado ao mediunismo de quem o exercita, caracterizando-se por alguns fatos insólitos, entretanto existem algumas regras usuais que facilitam o estudo e o entendimento lógico desta prática levando-se em conta a experiência pessoal de cada ser, a prática da psicologia empírica, o uso das tradições orais e a ligação cosmogônicas entre seres e deuses. Temos ouvido vários relatos de Babalawôs que concordam com nossa assertiva de que a margem de acertos nas perguntas aos Odús deve-se em conta a grande experiência em manuseá-los, o conhecimento das emoções humanas e finalmente a ligação auricular homem Orishá, as intuições pessoais e a grande facilidade que essas pessoas têm em manusear e liberá-las, trazendo para os terreiros o aviso de prudência ou cobrando obrigações. Sabemos que a sabedoria dos negros africanos, originários do tribalismo, tem sofrido sérias restrições, no seu contesto comumente denominado “sagrado”, chegando aos grandes centros urbanos e servindo para consumo rápido e enriquecimento de alguns falsos Babalawôs. Tido como base de todas as interpretações do Ashé, os búzios foram incorporados também a outros ritos oriundos do Candomblé, aparecendo também na Umbanda no Rio de Janeiro e em São Paulo, interpretados por caboclos, pretos-velhos e Eshús. De tudo pode concluir-se tratar-se do que chamamos de “fundamentos”, sendo fundamentos todas as partes ritualísticas que compoem o Candomblé; especificar, por

exemplo, que o sacrifício de um quadrúpede seja fundamento, seria considerar que o padê e as danças rituais dos Orishás não o sejam. Em tudo estão contidos os sinais vivos do ashê. O erô (segredo) está contido nas interpretações que o Orishá faz aos iniciados e no conhecimento pelo menos aproximado da caída dos búzios ao serem lançados. Podemos afirmar que a expressão "jogo de búzios" se baseia no conhecimento aritmético que se tem para entendê-los, todavia, optamos pela expressão "interpretação dos búzios" substituindo a de "jogo de búzios". Os búzios são entregues aos iniciados pelo Babalorishá ou Yalorishá e recebem as mesmas obrigações de seus portadores, isto é, eles também são iniciados e levam os nomes dos Orishás aos quais são consagrados. Os Babalorishás experientes sabem identificar se um búzio é masculino ou feminino. Depois das obrigações, os búzios são guardados nos quartos destinados aos Orishás, recebendo as cerimônias e preceitos e ficam vitalizando-se ali por um período nunca inferior a dois meses.

Os iniciados que se dedicam ao mister da interpretação dos búzios começam seus estudos, para melhor conhecê-los, em grupo de quatro, sendo cada grupo consagrado a um Orishá e os demais compoem as qualidades desse Orishá. Por exemplo: Shangô Afonjá, Shangô Eshé, Shangô Lubé e Shangô Obáguerê.

Como podemos observar, cada búzio representa um Orishá e os restantes irão respondendo segundo a maneira que caem, sob a influência do Orishá, nunca repetindo caídas.

Por ocasião do lançamento dos búzios, pronuncia-se o Orô (melodia litúrgica), utilizando-se, para tal, palavras sagradas do culto dos Orishás que é uma invocação apropriada à cerimônia, isto é, cantam-se os Odús.

Podem-se utilizar os búzios colocando-os em ordem numérica, obtendo resposta para vários consulentes.

Para a interpretação dos búzios, o Babalawô, como o consulente, deverão estar com boa saúde física ou pelo menos controlada, com vestes limpas sem vestígios de excitação sexual ou álcool, podendo, em caso contrário, não obter resposta algu-

ma, perdendo, em parte, a força espiritual. É fundamental que o corpo esteja limpo.

O jogo de búzios não tem como objetivo adivinhar, mas, sim, interpretar e orientar os consulentes e os iniciados na Casa do Candomblé, sendo a melhor maneira do Babalawô conversar com o Orishá. No Candomblé, os direitos espirituais são quase os mesmos, tratando-se de Babalorishás. Se os demais iniciados sentirem-se prejudicados na Casa do Candomblé deverão pedir licença aos irmãos mais velhos ou à Yalorishá, indo ao peji, batendo a cabeça no chão e fazendo sua queixa diretamente ao Orishá. O Babalorishá deverá então jogar os búzios para saber se a queixa do iniciado tem fundamento e como deverá atendê-la. O que for determinado pelo jogo será cumprido. Esta consulta é um direito inalienável, pois constitui um direito do filho-de-Santo. O jogo de búzios é uma decisão livre e espontânea, porém a desobediência a esta decisão produz efeitos imprevisíveis, não sendo aconselhado ao filho ou filha-de-Santo não cumprir as ordens do Orishá. Em se tratando de consulente estranho à Casa, mas que necessita de socorro espiritual, o Babalawô é obrigado a traduzir os búzios, contando-lhe fielmente as respostas recebidas. O Babalawô que assim não procede, preferindo enganar o cliente, deverá sofrer punições de seu anjo da guarda. Assim, quando alguém é determinado para colocar uma oferenda em um lugar para um Orishá, deverá fazê-lo de qualquer maneira.

A interpretação dos búzios deverá ser feita em uma mesa, tendo ela uma vela e um copo de água sobre uma toalha branca, estando os búzios entre os fios de conta do iniciado. Para compreender-se o sentido das caídas é necessário que se conheça o simbolismo das lendas dos Orishás.

Assim sendo:

Oshalá: Orishá que representa todo o sentido da criação: Orishá de branco, o homem justo, pai e amigo, representa também a paz universal.

Shangô: Orishá dos raios e da justiça, homem de meia-idade, justo, conselheiro.

Ógún: o deus do ferro e de todos os metais, militar guerreiro, representa a coragem e a decisão.

Oshóssi: o deus da caça. Curioso, rápido e eficiente.

Omulu/Obáluayê: um velho decrepito, curador de doenças tropicais e outros males físicos, representa a vida e a morte.

Oshum: a deusa das parturientes, das gestantes, da febre e do dengue.

Oyá: a deusa das tempestades, moça faceira, impetuosa, petulante.

Yemanjá: uma mulher de meia-idade, conselheira maternal.

Naná: mãe e avó. A senhora da morte.

Ybéji: as crianças de um modo geral.

Bombogira: interpretação de mulher leviana, arrogante.

Eshú: intermediário entre os homens e os deuses.

"A LENDA DE ODÚ"

Havia na cidade de Ybadan, Nigéria (África Ocidental), dois irmãos negros que nunca tinham brigado, mas um dia saíram a passeio pelo campo, iam alegres e felizes, quando Odú resolveu aparecer e fazê-los se desintenderem. Colocou em sua cabeça um barrete contendo duas cores: preto e vermelho e passou entre os dois irmãos bruscamente. Os dois ficaram surpresos e comentaram: viu aquele sujeitinho de chapeuzinho preto que passou entre nós sem pedir licença. O outro: vi, mas o chapeuzinho dele não era preto, era vermelho. Daí os dois entraram em discussão, até saírem aos tapas. Quando Odú voltou, os dois viram que a carapuça era de duas cores.

"BÚZIOS"

Búzio aberto: uma das faces, quebrada.

Búzio fechado: uma das faces, intacta.

O búzio é uma concha (Cauwri) oriunda das praias da costa africana. Os búzios são usados para o jogo de adivinhar. O Babalawó os sacode, fechados entre as duas mãos unidas

em forma de concha, e lança-os, sobre uma toalha, formando, segundo a maneira que caem, combinações que são reveladas, de acordo com as interpretações dadas pelos Orishás.

"ORUMILÁ IFÁ, O ORISHÁ DOS VATICÍNIOS"

Divindade representada pelo dendezeiro (pé de coco de dendê).

O Orishá Ifá também é representado por dois potes de cerâmica que têm quatro orifícios cada um. Dentro dos potes são colocadas dezesseis sementes do dendezeiro. Com esses potes, são realizados vaticínios, sendo os mais comuns atualmente os efetuados pelo "jogo de búzios" que são, também, em número de dezesseis. Esses vaticínios são realizados pelos Babalawôs (sacerdotes do Ifá) ou Olowôs (adivinhos). — Olowô: olhador de Ifá.

O jogo do Ifá é feito nos cultos afro-brasileiros por raríssimos Babalawôs, e atualmente está quase extinto,

O Orishá Ifá é conhecido por adivinho, isto é, aquele que tudo revela.

Ifá aprendeu os mistérios do oráculo com Elegbá (o feiticeiro).

Entre Ifá e Elegbá existe um pacto.

Ifá é um porta-voz de Orumilá e dos Orishás. Em suma, é o Orishá da revelação.

Em toda casa de culto tem que haver o culto a Ifá e todo Babalawô deve ter o seu Ifá próprio, pessoal, constituído de duas mãos de dezesseis nozes de palma consagradas a Orumilá. Com o segredo cósmico, no exterior-Eshú, no interior-Oshalá.

O chapeuzinho de Ifá — o Odú (Signos).

Merindologum — significa dezesseis: abreviatura: Delogum ou Dilogum.

Conta a lenda que Eshú Elegbá tinha outrora, como mensageiro dos outros Orishás, a faculdade de fazer adivinhação. Mas, a pedido seu, Orumilá transmitiu seus poderes a Ifá em troca de privilégios, agora concedido a Eshú: de sempre re-

ceber em primeiro lugar as oferendas e os sacrifícios, antes de qualquer Orishá.

Oshum era companheira de Ifá e os homens lhe pediam constantemente que respondesse às suas perguntas. Oshum contou o caso a Orumilá, que concordou que ela fizesse a adivinhação, com a ajuda de dezesseis búzios, mas as respostas seriam indicadas por Eshú. Este, então, retomou as suas antigas funções e começou a responder às perguntas da Oshum. É por isso que o espírito de vingança de Eshú atormenta mais as filhas Yawôs da Oshum.

A função de Ifá é de guia e conselheiro. Os sacerdotes da Oshum, os Oloshuns, são os que especialmente recebem as qualificações do jogo dos Diloguns.

O intermediário do Dilogum não é Ifá, e sim, Eshú Elegbá, por isso as primeiras cerimônias e os primeiros sacrifícios de animais são realizados no assentamento do Ifá no dendezeiro.

Eshú também é assentado com o Ifá.

Tradicionalmente o presente de Eshú é separado e realizado na porteira da roça.

O Orishá tem como sua cor ritual o branco.

Seu dia de culto é às quintas-feiras.

Sua festa é no dia 25 de dezembro.

No seu oráculo, há o culto a Odú, onde são depositados aos seus pés os búzios, obi, orobô, pimenta da Costa, pedrinhas, moedas etc.

No sincretismo, Ifá representa o Divino Espírito Santo.

Jogo de Búzios

MÉTODO OBANIKÁ

KÊTO

(Traduzindo para o Omolocô) Angola

BÚZIOS

CINCA — de pé

CINCAN — deitado

“A LENDA DE OBARÁ”

Existem dezesseis irmãos na cidade de Ifé na Nigéria.

- 1 — OKARAN XOXO (Eshú)
- 2 — EGI OKÔ (Ybéji)
- 3 — OGUNDÁ (ògún)
- 4 — IROSUN (Oshóssi — Shangô)
- 5 — OSHÊ (Oshum)
- 6 — OBARÁ (Shangô)
- 7 — ÓDI (Eshú)
- 8 — EJI ONILÊ (Oshalá — Yemanjá — Oshum-Marê — Naná)
- 9 — OÇÁ (Yansá — Oshalá)
- 10 — ÔFUN (Oshalá)
- 11 — OWANRIN SOOBÊ (Eshú)
- 12 — EGI LAXE BORÁ (Shangô)
- 13 — EGI OLUBÔ (Xapaná)
- 14 — IJÁ (Obaluayê)
- 15 — IFALAHÊ (Ifá)
- 16 — ORUMILÁ BABA (Ifá) (adivinhação)

O mais pobre era Obará. Os irmãos se reuniram sem Obará saber e como eles tinham negócios e eram ricos, todos os anos procuravam um Babalawô. Chegaram na casa do sacerdote e pediram que ele botasse uma mesa. Está faltando uma pessoa da família aqui, quem é? Eles se entreolharam e disseram é Obará, nosso irmão mais pobre, nós nunca o procuramos para nada, é a ovelha negra da família. O sacerdote jogou, jogou e tirou os ebós necessários para os 15 irmãos.

Como na África os Babalawôs dão sempre um presente à pessoa que vai consultar o sacerdote, virou-se e disse: eu, como no momento não tenho nada, vou dar a cada um uma abóbora, para vocês levarem. Entregou as abóboras e eles se retiraram. No caminho, uns comentavam com os outros que o Olowô não lhes tinha dado o valor merecido, pois dera a cada um apenas uma abóbora, presente insignificante, e gritavam dizendo que somente os porcos lá de sua casa é que comiam aquilo; um deles, falando bastante alto, disse: como faz muito tempo que não vamos visitar o nosso irmão Obará, e ser já quase noite, pernoitaremos na casa dele e, ao amanhecer, iremos todos embora. Todos concordaram e o mais novo sugeriu que, ao saírem de lá, deixariam as abóboras para Obará comer. Ao chegarem na casa de Obará à noitinha, bateram na porta e quem veio atender foi a esposa de Obará.

Os irmãos entraram e saudaram Obará.

Obará ficou satisfeito com a visita dos 15 irmãos e perguntou o que era aquilo; eles olharam entre si e disseram: fomos a um Babalawô e ele nos declarou que este ano você vai morrer, então, como você é nosso irmão, viemos nos despedir.

Obará abanou a cabeça, a mulher começou a chorar com os filhos.

Obará, então, respondeu: como é ritual, quando se vai morrer, oferecer-se um jantar, neste caso, vocês jantarão aqui comigo.

Os irmãos aproveitaram a oportunidade e comeram tudo da casa de Obará; no outro dia, bem cedo, se arrumaram, se despediram e, ao sair, cada um deixou sua abóbora para

Obará. Aí começou a chover, chover e choveu três dias; a mulher de Obará reclamava e dizia que as caças tinham comido a carne seca, também as frutas, então ele, Obará, lembrou-se das abóboras, vá buscá-las, vamos comê-las, mas ao abrir a primeira, dentro dela só encontrou moedas de ouro, ao abrir a segunda só tinha brilhantes, na terceira só tinha pérolas e assim aconteceu com todas as outras abóboras, cada uma tinha uma riqueza dentro dela. Então uma voz gritou: não digas nada do que tens a ninguém, senão voltarás ao que eras.

Obará prosperou, prosperou; passados meses os irmãos fizeram os ebós e nada resolveram. Então tiveram que procurar um novo Olowô, se reuniram e lá foram eles novamente. O sacerdote fez os preparativos e ao jogar os deloguns disse: falta uma pessoa de sua família aqui, quem é? Eles responderam: é Obará. Vocês fizeram uns ebós e nada resolveram, cada um de vocês recebeu um grande presente, mas jogaram fora; eles responderam: de fato, o outro sacerdote deu a cada um de nós uma abóbora. Respondeu então o Olowô: vocês deram a riqueza que era de vocês a este seu irmão. Neste momento, eles escutaram toques de clarins na rua e o povo todo correndo e gritando que vinha um homem muito rico oferecer presentes ao rei. Os irmãos correram para a janela, viram, de longe, um homem todo de branco, que, montando num cavalo branco, de 100 em 100 metros mudava para outro cavalo da mesma cor. O cavalo tinha os seus arreios em prata, um séquito de escravos e soldados o acompanhavam.

Eles, surpreendidos, gritaram: é Obará, nosso irmão. O sacerdote então jogou os deloguns e gritou: é a riqueza que estava nas abóboras. Eles se entreolharam, coçaram a cabeça e disseram: amanhã vamos lá tomá-la. O sacerdote, ao terminar o jogo, ofereceu uma moeda a cada um, dizendo que as guardassem, pois aquele ano nada seria bom para eles.

Nem havia amanhecido o dia, os irmãos estavam na porta do palácio de Obará, que, antes, era uma pequenina casa de barro. O chefe da guarda perguntou a quem deveria anunciar; voltando, logo depois, o chefe da guarda trouxe, de parte

de Obará, o seguinte recado: que não podia atendê-los, porque estava com visitas importantes em casa e tinha vergonha de apresentá-los como irmãos, então eles gritaram que queriam as abóboras de volta.

Obará, de cima, determinou que abrissem o chiqueiro dos porcos e devolvessem as abóboras que já estavam podres, pois os porcos já as haviam comido.

Então a mesma voz respondeu: Obará, não digas nada do que tens a ninguém, senão voltarás ao que eras. Os irmãos respondiam: queremos as abóboras de volta, Obará respondeu: apodreceram.

Por isso é que quem é deste Odú deverá dar-lhe comida dentro de uma abóbora todo início de mês.

Obará é o Odú pobre que se torna rico; se a pessoa desse Odú falar do que tem aos irmãos (os outros Odús) tomam tudo e a pessoa volta de 2 a 6 vezes pior do que era. Em vista disso é que as pessoas de Obará usam o vintém com a coroa para frente e a cara para trás, a fim de que ninguém veja a cara de Obará.

CINCA — OKUNRIN (HOMEM) ESHÚ
CINCAN — OBINRIN (MULHER) .. LEGBÁ (BOMBOGIRA)

O dono do ponto é o Cinca, que responde de pé.

1.^a jogada: 1 búzio aberto e quinze fechados — Odú (signo) OKARAN fala Eshú.

LISTA DE TIPOS DE ORISHÁS

- 3 OSHALÁS
- 4 OSHÓSSIS
- 7 ÒGÚNS
- 7 YEMANJÁS
- 9 YANSÁS
- 12 SHANGÓS
- 16 OMULUS
- 21 ESHÚS

ESHÚ representa o bem e o mal; por isso traz a jogada de três pontos: o tridente

ESHÚ é para a nossa defesa, se soubermos tratá-lo

Sete espadas — representação em ferro significa os sete caminhos da vida

“ESHÚ XOROKE”

ESHÚ OKARAN — ODÚ

Fala 1 búzio aberto — 15 fechados

ESHU — VILA MAVAMBO

1.^o escravo de OSHALÁ

Dono do Ponto

Neste Odú — representa maus augúrios. Significa tudo de mal: roubo, ambição; no trabalho: discussões, brigas, inimizades, prisão, polícia, perdas, desastres, ruína ou trabalhos feitos.

“TIPOS DE ESHÚS”

ESHÚ ALAKETO

ESHÚ TIRIRI

ESHÚ BARAKESSAN

ESHÚ YANGUI

ESHÚ TEIMOSO

ESHÚ CAVEIRA

ESHÚ BARABÔ OU MARABÔ

ESHÚ TRANCA RUAS DAS ALMAS

ESHÚ BARA

ESHÚ IJELÚ

LABORÉ FUMEM

PAVENÁ

MOJUBÁ

OLODE

EMBARABÔ

BOMBOGIRO (macho/fêmea)

Calu um búzio sobre o outro: Eshú é o intermediário entre os Orishás e o crente.

Cada Orishá tem o seu escravo: a força de choque.

Trabalho de comunicação dos Orishás:

Rege as vias de acesso, os caminhos, as encruzilhadas, as estradas (inclusive as estradas de ferro).

Juntamente com Eshú percorrendo os caminhos, temos os seus irmãos:

Omulu do Tempo — senhor da vida e da morte.

Ògún Tempo Xhiré — senhor da guerra, embates e questões.

Shangô Airá — senhor do trovão, justiça.

Yrokô — senhor do tempo Lôoko, nascer e morrer.

Eshú é o primeiro filho de Nanã com Oshalá.

Assentamento de Eshú: Cômoro de cupim e barro (argila) ou em madeiras.

JUJUS

Eshú é uma divindade fálica e metamorfósica.

Legbá — macho;

Legbara — fêmea;

Bombogiro — macho/fêmea.

“ORÔ DE ESHÚ” (rito de Ketu)

Eshú Tiriri

Bara ô bebê Tiriri Lonã

Eshú Tiriri

Bara ô bebê Tiriri Lonã

Eshú Tiriri

(Repetir 3 vezes) — Bater paó

ANGÓNGORONGÓ AROLÊ (Araloê)

ANGÓNGORONGÓ AROLÊ

ANGÓNGORONGÓ AROLÊ

ANGÓNGORONGÓ AROLÊ

O consulente vem fazer uma consulta:

1.º saber se o mal que o aflige é material ou espiritual;

2.º obtida a certeza, jogar os búzios;

3.º Interpretar a resposta dos búzios, conforme as respostas, se é física ou espiritual.

Assentamento de Ifá — dezesseis cocos de dendê.

“OUTRAS MODALIDADES DE JOGO DE BÚZIOS”

Uma das muitas maneiras de jogar búzios se processa através da caída de búzios, que é uma maneira bastante popular nos terreiros como veremos a seguir:

1 aberto, 15 fechados — Eshú fala

2 abertos, 14 fechados — Ybéji fala

3 abertos, 13 fechados — Ògún fala

4 abertos, 12 fechados — Shangô fala

5 abertos, 11 fechados — Yemanjá e Ògún falam

6 abertos, 10 fechados — Yansã fala

7 abertos, 9 fechados — Eshú fala

8 abertos, 8 fechados — Oshalá fala

9 abertos, 7 fechados — Yemanjá fala

10 abertos, 6 fechados — Eshú fala

11 abertos, 5 fechados — Eshú fala

12 abertos, 4 fechados — Shangô fala

13 abertos, 3 fechados — Nanã fala

14 abertos, 2 fechados — Oshum-Marê fala

15 abertos, 1 fechado — Obá fala

16 abertos ou 16 fechados — anular o jogo e recomeçar

“JOGO DE BÚZIOS PARA ESHÚ”

Os quatro búzios abertos para cima: a resposta é SIM, TUDO BEM — ALAFIA.

Os três búzios abertos para cima e um fechado para baixo: a resposta é NÃO-ETAWA.

Os dois búzios abertos para cima e dois fechados para baixo: a resposta é FAVORÁVEL, CAMINHO ABERTO — EJA-LA KETO.

Um búzio aberto para cima e três fechados para baixo: a resposta é TUDO MAL, NEGATIVO, ESHÚ NOS CAMINHOS, PERIGO À VISTA — OYACU (OKARAN).

Os quatro búzios caem uns por cima dos outros: a resposta é TUDO EM DESORDEM, IMPEDIMENTOS, JOGO FECHADO, ESHÚ TRANCANDO TUDO, É NECESSÁRIO FAZER NOVA JOGADA E OBRIGAÇÕES PARA LEGBÁ.

Os quatro búzios caem para cima: a resposta é JOGO NULO, ESHÚ FECHANDO O JOGO, FAZER OBRIGAÇÃO DAS SETE ENCRUZILHADAS.

“ALAFIA”

Os quatro búzios abertos — FALA ESHÚ QUE ESTÁ TUDO BEM, PROVIDÊNCIAS A TOMAR: BANHO DE DESCARGA DO PESCOÇO PARA BAIXO, DE ARRUDA, PAU D'ALHO, FOLHAS DE MANGUEIRA. FAZER SACUDIMENTO COM VASSOURINHA DE RELÓGIO, COM UMA VELA QUEBRADA; OFERECER QUATRO BOLOS PARA ESHÚ, sendo um de farinha com água — EGÛN —, um de dendê, um de cachaça, um de mel e, ainda, uma garrafa de parati, uma rosa vermelha (sem espinhos), um charuto, sete moedas de qualquer valor, uma caixa de fósforos, três velas acesas em forma de triângulo, com o padê no meio.

Fazer a saudação a Eshú Tranca-Ruas e a Bombogiro; bater paó e se retirar. Oferenda no canto da encruzilhada. A cachaça é despejada em quatro partes, em cruz (não há pre-dileção por onde começar).

No mato despachar o que sobrou do sacudimento.

“ETAWA”

Os três búzios abertos para cima e um fechado; resposta NEGATIVA. ESHÚ FALA PELA MAGIA BOA E MÁ (conforme a pergunta).

ESHÚ é para a nossa defesa.

Nessa jogada traz o tridente em pé: A pessoa está em dificuldades para realizar o que deseja (maus presságios): doenças, mortes, brigas, perdas etc.

PROVIDÊNCIAS A TOMAR:

Tomar três banhos de descarga forte, em um só dia;

Ervas: pinhão roxo, beldroega, brinco de princesa, vassourinha de relógio;

Fazer sacudimento de folhas de beladona (a que cura a mata);

Rasgar as roupas;

Fazer três defumações de bagaço de cana-de-açúcar (em caso de ser difícil, o açúcar serve);

Acender três velas em triângulo e fazer o sacudimento com o paciente no meio;

Mudar três roupas limpas e brancas;

Oferecer o padê de três farofas em uma encruzilhada. No canto, colocar o alguidar com três farofas (mel, dendê, cachaça); três ovos; vinte e uma moedas de qualquer valor;

Fazer o sacudimento de três ovos na encruzilhada;

Defumar a casa toda e jogar três copos de água pela porta da rua;

Fazer nova jogada de búzios.

“EJI ALAKETO”

Os dois búzios abertos para cima e dois fechados. Fala Eshú que está tudo favorável — ESHÚ ALAKETO;

Caminhos abertos — o paciente está sendo vítima de inveja e é necessário retirar as perturbações para que Eshú possa trabalhar em sua defesa.

OBRIGAÇÕES A FAZER:

Sacudimento com vassourinha de relógio;

Um banho de descarga forte com “comigo-ninguém-pode”, fedegoso, pinhão roxo;

Fazer uma vassourinha de fedegoso e varrer a casa;
Rasgar as roupas usadas, trocando-as por brancas e novas;
Defumação com bagaço de cana-de-açúcar;
Passar três velas no corpo do paciente e quebrá-las nas
juntas e despachá-las;

Oferecer na encruzilhada um padê em cima de uma folha
de mamona, farofa de dendê, cachaça, moedas, charutos, pi-
pocas.

“OKARAN”

Um búzio aberto para cima e três fechados. Fala Eshú
que está tudo mal: desastres, brigas, prisões, trabalhos feitos,
demandas, questões, inimizades, perdas em negócio, ruínas ou
até morte.

1.^a jogada ou mão: Fala Eshú, o chicote da justiça.

1 búzio aberto e 15 fechados.

“ODÚ ONICANÇAN”

Representa esta jogada a magia boa e má.

Indica este jogo que o consulente tem dificuldade em rea-
lizar qualquer coisa na vida, quer no setor físico, moral, sen-
timental, jurídico ou financeiro.

Os caminhos estão fechados e se não tratarmos a Eshú
convenientemente, como fala este jogo, o cliente terá maus
presságios, discussões, brigas, inimizades, trabalhos feitos, per-
das em negócios e amores, ruína.

Eshú também é para nossa defesa, pois representa uma
dupla personalidade: a do bem e a do mal.

Nem tudo está perdido para se livrar dessas perturbações.

PROVIDÊNCIAS A TOMAR:

Fazer sacudimento completo de Eshú é de Ègún;
Tomar três banhos de descarga e defesa (no mesmo dia);
Ervas para os banhos:

Vassourinha de relógio, pinhão roxo, pau d'alho, figueira.
Usar defumador “Bagaço de Cana”;

Acender três velas brancas com um copo de água e atirar
três copos de água com sal grosso para fora da porta da rua.

Defumar a casa toda com incenso, benjoim, alecrim, alfa-
zema e jogar o carvão e as cinzas na rua e jogar sete copos
de água para fora pela porta da rua.

Oferecer padê de sete encruzilhadas para Eshú e fazer
nova consulta para ouvir a fala do Orishá.

Obs.: Caso necessário, fazer outras obrigações conforme
o caso.

2.^a jogada/2.^a mão — fala OMULU/OBÁLUAYÊ — Orishá
das doenças.

2 búzios abertos e 14 fechados.

“ODÚ EDINEGÊ”

Representa esta jogada o Orishá das doenças — Vida e
Morte — e das grandes dificuldades.

Quando este Orishá fala, é que está pronto para defender
o consulente no que for possível.

Revela o fim de sofrimento e tendência para triunfar nas
atribuições da vida.

O consulente possui grande inteligência, mas tem tido vá-
rias perturbações e decepções amorosas, apesar de seu bom
censo e gênio comunicativo.

Para poder vencer, tem de fazer obrigações para o Orishá.

Teve uma doença e a venceu.

É capaz de destruir seus inimigos.

PROVIDÊNCIAS A TOMAR:

Tomar três banhos de rosas e cravos brancos em três se-
gundas-feiras ou em três dias seguidos junto com o banho de
abô; se não tiver abô, tomar banho de defesa e descarga com
as seguintes ervas: cenza, salva, babosa, velame.

Acender três velas brancas e se defumar, trocar suas roupas por brancas claras e limpas.

Fazer o sacudimento de pipocas (flores de Obáluayê) — doburú — e entregar num oberó (alguidar) um pouco de pipocas com dendê ou puras, conforme o jogo determinar.

Fazer o despacho de akukó (galo preto com doburú (pipocas)).

Muitas coisas boas acontecerão para o consulente e será o fim de seus sofrimentos.

A entrega do caranguejo, feito de sete maneiras para OMULU/OBÁLUAYÊ, só poderá ser feito em caso de vida ou morte, como a troca de cabeça. OBS.: Só poderá entrar o caranguejo para Omulu em ocasiões de feituuras de santo ou obrigações extremas. Fazer e despachar logo.

O galo do despacho do akukô não é cortado o pescoço; faz-se o ritual de lavar os pés etc. Falar no ouvido etc., e o sangue deve escorrer diretamente para o alguidar (da faca para o alguidar).

O doburú do alguidar é para o Orishá.

“O JOGO DE ALUBOSA”

Alubosa é uma palavra Yorubá que significa “cebola”. É também conhecida pela corruptela de alobaça (cebola do mato, cem cem), é tipicamente uma prática divinatória de caboclos, é geralmente os caboclos que respondem ao cair das metades da cebola. É utilizada também para a matança de Eshú. Utilizando-se uma alubosa de bom tamanho (médio), sem defeito, nova. Arma-se no chão sobre uma decisa (esteira) uma toalha branca, com uma vela acesa, um copo de água e o zelador invoca Oshóssi. Com uma faca virgem (nova), de aço, parte a cebola ao meio e atira-se sobre a toalha. Cacular a cebola é cortá-la (neste caso cortar a cebola ao meio). Uma das três respostas dá a alobaça: **sim — não — talvez**, dependendo da maneira como as duas partes da cebola (metades) venham a cair.

Obs.: Não é necessário que a pergunta do cliente seja feita em voz alta; o que pretende saber, o sacerdote dá-lo-á ao interpretar as respostas: **sim — não — talvez**. Em caso de dúvida, repete-se o jogo, mas agora com outra cebola.

Em todos os atos de fundamento nos cultos de nação Congo/Angola se exige bastante concentração, respeito, silêncio, limpeza corporal do Zelador e dos assistentes.

Embora rudimentar, o jogo da cebola orienta perfeitamente a clientela dos terreiros, dependendo, é claro, da força espiritual do Zelador. É com o poder do caboclo que muitas dúvidas, durante horas e horas, podem ser respondidas. É o poder do caboclo Juremeiro, dono da alobaça, que desvenda o futuro, investigando o presente.

“OBI DÁGUA”

É feito com deitada de três ou sete dias.

O obi é cortado em quatro partes, sendo que duas partes são raladas. As partes raladas se destinam para fazer a água boricada em tigela de ágata (Nagé) ou de louça branca, com água de poço, de chuva ou de fonte e com água de canjica (Ebô de Oshalá).

Deverá ser bebida na hora da deitada.

Uma das partes do obi, aquela que não foi ralada, é colocada dentro de um copo com água, ficando na cabeceira, juntamente com a mesa de Oshalá. A parte restante é dividida para ser mastigada pelo paciente e pelo Zelador, misturando-se, depois, os dois bolos com sangue de pombo. A mistura resultante é passada nas pálpebras, lábios, ouvidos, e também colocada no ory do paciente por sete dias, descarregando depois em água corrente.

AS OBRIGAÇÕES DE OBI NO RONCÓ CONSTAM DE SACUDIMENTOS, BANHOS, BORI DE ÁGUA (FRIA)

Recolher-se ao Roncó; colocar sobre o ory três folhas de tapete de Oshalá (no centro da cabeça, na nuca, na testa).

Sobre cada folha, colocar canjica e acaçá. Enrolar o torso e deitar para o anjo da guarda.

Cebolas catuladas: uma na cabeça; uma no umbigo; uma nos pés.

OBS.: Os fuxicos do Orishá (Alobaça) são colocados embaixo da decisa (esteira) com as folhas dos Orishás. As cebolas deverão ser escolhidas de acordo com o Orishá a ser boricado: se for Orishá homem, cebola macho; se for Orishá mulher, cebola fêmea.

Para o ÓBORY DE SANGUE de sete dias: a quantidade de folhas para cada Orishá é de sete.

A) OSHALÁ	ADJUNTO (SHANGÔ)
Parreira	Brada mundr
(uva branca)	Levante
Saião	Manjericão
Tapete de Oshalá	
Palmas de Jerusalém	B) OSHALÁ — OSHUM
Pétalas de Girassol	Idem Alamanda
	Yuca (cacho floral)
ORISHÁ (YANSÁ)	Oriri de Oshum
Erva prata	Oripepeu
Carqueja	Macaçá
Dormideira	

OSHÓSSI
Goiabeira
Mangueira
Bredo
Pega pinto

A seguir três folhas para cada Orishá (Obi de água) ou sete para cada Orishá (Óbory de Sangue).

As roupas usadas são as de Nação, brancas: o camisú-axó, camisa ceroula (que vai até os joelhos), calçolão, torço (para a cabeça).

“Jogo de Odú”

1 aberto, 15 fechados	— ESHÚ ODUN OKARAN
2 abertos, 14 fechados	— ÒGÚN — ODUN OSA
3 abertos, 13 fechados	— OSHÓSSI — IOWOARIN MEGI
4 abertos, 12 fechados	— OBÁLUAYÊ — ODUN — ESI — OLACHEBORA
5 abertos, 11 fechados	— OBÁLUAYÊ — ODUN OSSO MARE
6 abertos, 10 fechados	— OSO MARE — ODUN OLACHEBORA
7 abertos, 9 fechados	— ESHÚ — ODUN ONIKASAN
8 abertos, 8 fechados	— YEMANJÁ — ODUN ETA-OGUNDA — MEGI
9 abertos, 7 fechados	— NANÁ — ODUN ANI MEGI
10 abertos, 6 fechados	— NANÁ — ODUN NANZI BURUKO
11 abertos, 5 fechados	— SHANGÔ — ODUN OBARA
12 abertos, 4 fechados	— SHANGÔ — ODUN OBARA
13 abertos, 3 fechados	— YANSÁ — ODUN OSO — MEGI
14 abertos, 2 fechados	— YANSÁ — ODUN OSO — MEGI
15 abertos, 1 fechado	— ESHÚ — ODUN ONIKASAN
16 abertos	— OSHALÁ — ODUN — EFUN

“OKARAN” — 1 aberto e 15 fechados. — ESHÚ

Fala Eshú nesta jogada. Eshú representa a magia boa e má, por isso traz jogada de três pontos em sua mão. Eshú é para nossa defesa, se soubermos tratá-lo convenientemente. Nesta fala, temos maus presságios: significa roubo, ambição,

discussão, inimizade, trabalhos feitos, perda em negócios, ruína, susto, prisão.

O consulente sente dificuldades em realizar seus negócios, provocadas por inimigos invejosos. É necessário retirar as perturbações para que Eshú possa trabalhar em sua defesa.

Quando este Odú vem, levanta-se e despacha-se na rua.

"ODIOKO" — 2 abertos e 14 fechados — **Oshalá mais velho e Ybéji.**

Este Odú fala em união, amizade, casamento, amigação, boa notícia, demanda, indecisão, fim de sofrimento, tendência para grande triunfo, inimigos ocultos impedindo o progresso, realizará seu intento.

"ETAOGUNDÁ" — 3 abertos e 13 fechados — **ÒGÚN**

Neste Odú, fala Ògún, que representa a espada da lei e é o senhor da batalha. Consulta as tuas forças, para não recuar, mas para destruir obstáculos, o mal com o bem. O consulente está sob as vistas do Orishá e este pode dar proteção. O consulente está lutando com dificuldades para realizar um grande projeto. Enfrentará sérias conseqüências e prejuízos se não tiver calma. Deve agir conforme a justiça. Não confiar demasiadamente no amigo, para não ser traído. Terá lucro com seu esforço. Cuidado com uma decepção e uma doença passageira. Este Odú fala também de prisão, briga, pancadaria, desfecho de caso em Justiça, papéis. Vencerá os maiores obstáculos com razão.

"IOROSSUM" — 4 abertos e 12 fechados — **YANSÁ e ÒGÚN OSHÓSSI e YEMANJÁ**

Neste Odú fala Yansá, que representa decisão, traição, calúnia, sangue, grandes desgraças, desastres, ciladas, roubo, em falsidade dentro de casa, indecisão. Tem proteção de Shangô e Oshalá. Vive cercado de amigos que, na realidade, não o são.

Se a jogada anterior tiver sido Odi, terá notícia de morte; se Odi saiu depois, o consulente terá grandes prejuízos, roubo, ou pessoas queridas a perder.

Em casos de amor ou questão, este Odú exerce grande influência em Odi e em Ofum, ou então existe grande choque de correntes, mas, se forem outros Odús, fica tudo normal. O

Odú terá força pessoal e revelará qualquer dificuldade, intriga pequena, perdas compensadas com lucros, doença passageira

"OSHE" — 5 abertos e 11 fechados — **OMULŪ**

Fala em Oshum e Yemanjá.

Temos em nossa frente um Orishá que trata de grandes causas e está pronto a defender o consulente no que for possível. Revela fim de sofrimento e tendência para um grande triunfo. Fala em grandes homens, mistérios, caráter, mediunidade, chefe de terreiro.

Se for este Mêje é falsidade de mulher, promessa de homem ou mulher, gosta muito de prazer, influente, ambicioso. Fracasso no amor, pensa em grandes lucros, não sabe agir e perde grandes oportunidades. Seus inimigos ocultos impedem que seus esforços sejam bem recompensados, contudo espera vencer, terá lucro e realizará seu pensamento. Teve uma doença e a venceu. É capaz de destruir seu próprio inimigo. Ele é também ligado a Ifá, Shangô, Ògún e Eshú.

"OBARÁ" — 6 abertos e 10 fechados — **SHANGÔ, ESHŪ**

As pessoas que estão sobre a influência deste Orishá são vítimas de calúnias, fuxicos, questão na Justiça às vezes, casos amorosos, sentimental. Terá auxílio inesperado e não deve perder a oportunidade. Tem grandes idéias a realizar, mas não sabem como começar. Fracassam às vezes por não pedirem ajuda, mas o sofrimento não é duradouro, pois vencerão pela força de vontade, porque dispõem de proteção espiritual. Procura os amigos que estão prontos a auxiliar.

Obará — Odi — Ossãe = Feitiço

H. B. — Se Obará cair três vezes é perda e não ganho.

"ODI" — 7 abertos e 9 fechados — **OSHUM, OSHÓSSI, OSHALUFAN, ÒGÚN**

Este Odú pode falar também nos Orishás Logum, Ossãe, Oshum-Marê.

As pessoas ligadas a este Orishá são influentes, gostam dos prazeres, são ambiciosas, pensam em grandes lucros e viagens. Sempre fracassam no amor. Sofrem perturbações por coi-

sas simples. Não sabem agir e perdem grandes oportunidades. Precisam de orientação.

Este Odú poderá ser muito bom às vezes. Significa desgosto, banalidade, imoralidade, perda de virgindade. Para pessoa doente, significa morte. Grandes desfechos que poderão ser vencidos se a pessoa tiver fé em Deus. Fala em guerra, barulho, perseguição, fuxico. A pessoa está sempre sofrendo porém é do futuro. Odi-Mêje significa doença, choro por morte.

"EJONILÉ" — 8 abertos e 8 fechados — SHANGÔ, OSHA-GUIAM. Também fala numa Oshum. As pessoas sob este Odú têm grande proteção espiritual, boas amizades. Procuram a calma, mas têm muito gênio. As vezes são vingativas, porém, em geral, são delicadas, honestas, de grandes paixões e sofrem por amigos. O Orishá avisa sobre acidentes, doenças grandes, males diversos, traições, roubos etc. Descanso. Quando este Odú sai tem que se levantar três vezes em reverência. Ele pede asseio, é muito perigoso para a pessoa doente. Engana a morte, é mentiroso. Sempre que aparece, ele ganha dos outros Odus. O Odú verdadeiro é o Odú de Shangô.

"OSSAE" — 9 abertos e 7 fechados — YEMANJÁ, YANSÁ, OSHÓSSI

A pessoa consultante derrama lágrimas, sempre tem em mente grandes projetos, mas não procura realizá-los. É inteligente, vive cercado de pessoas que fingem ser amigas. Tem muita proteção de Oshalá e Shangô. Deve ter força de vontade para vencer os obstáculos e realizar seus projetos, contando com esses Orishás. Este Odú fala em autoridade, capricho, teimosia, grandes desastres, caminhos de abismos, caminhos perigosos, viagens, espíritos com má notícia, falsidade, perseguição de mulher ou homem. Uma perda lhe trará desgosto.

Se cair três vezes é felicidade, boas notícias.

"OFUM" — 10 abertos e 6 fechados — OSHALÁ, OSHUM
Fala em Shangô Ogodô.

As pessoas, sob a influência deste Odú, são sinceras, honestas, inteligentes e sabem fazer boas amizades.

O consulente precisa ser orientado por causa de uma série de perturbações e não sabe por onde começar: amores, trabalho, dinheiro, inimigo, até doença, talvez.

Este Odú fala em doença, gravidez, doença de barriga, trabalho feito, conseqüências amorosas, com prejuízos pessoais e até caso de honra. Ele não gosta de cor preta. Ele só ganha se vier duas vezes. Se começar com Ofum Mêje (no início), para o jogo. No meio, idem. É velho, teimoso. Fala de paz. Tem que se ter cuidado, pois fala em perigo de morte. É aconselhável, banhos leves (folhas de Oshalá) e dar um óbory. Quando ele chega, consulente e jogador se levantam. Se for Mêje, ficar de frente para a rua, levar a mão à barriga e levá-la a tempo para a rua. Ele, sozinho, quer dizer problemas de barriga e aconselha ir ao médico.

"AWARIN" — 11 abertos e 5 fechados — YANSÁ, ESHÜ
Pesado, carregado, pessoa de má influência, perturbada.

Se for homem, é volúvel e sem fé. Luta com grande dificuldade para um grande projeto. Calma, do contrário perde tudo. Vencerá obstáculos com a razão. Doença passageira. Este Odú diz quem tem que morrer, não adoece, morre louco.

"EJILACHEBORÁ" — 12 abertos e 4 fechados — SHANGÔ
(13 ministros)

Fala em Yemanjá e Ossãe

As pessoas sob a influência deste Odú são boas, prestativas, inteligentes, arrogantes, mas de bom coração, justas. Mesmo quando não ocupam posição social elevada, não deixam de possuir as grandes qualidades do seu Orishá.

Quando esse Odú aparece, joga-se água na rua. Representa Shangô e sua corte é de doze ministros, seis que condenam e seis que absolvem.

Quando ele sai, a pessoa subirá muito ou se afundará. Dor de cabeça, pessoa doida na família. É mais um homem para o campo. Encontrará ajuda de um amigo. Uma herança com grande futuro. Uma mulher ou um homem trará dificuldades.

Saindo esta jogada, sopra-se o jogo para a rua. Saindo na cabeça, o jogo está fechado. Não pode sair de casa sem fazer Ebó. Fala em desgraça, prisão, briga, miséria, sangue, ruína, perda de tudo.

"OGILABAM" (Odilabam) — 13 abertos e 3 fechados — NANA e OBÁLUAYÊ

Este Orishá é um dos mais velhos da seita. As pessoas que estão sob seu domínio vencem as maiores dificuldades, mas não têm muita sorte com amores e sofrem de perturbações. São trabalhadores, honestas, ao extremo e possuem vontade própria ecentuada. Este Odú representa morte, desgosto, destruição, traição. Pode ser o fim de um sofrimento, isto é, morrendo o passado e surgindo um mundo novo. Também pode ser morte em família ou trabalho feito, doença ou decepção e feitiços em cemitérios.

"IKA" — 14 abertos e 2 fechados — OSHUM-MARÊ, NANA, OSSÃE e YBÊJI.

Este Odú mostra despertar, surpresa, cartas, dinheiro, lucros ou negócios, amores, felicidades, novas amizades. As pessoas influenciadas por ele são confiantes e deixam passar a felicidade para se arrependem depois. Significa que novidades estão para acontecer: demanda, algo pendente, paixões e doenças passageiras. Surgem novas esperanças, mas não têm firmeza no que querem, são inconstantes. Fazem boas amizades, bons cálculos, são bons amigos, gostam dos prazeres.

"OBEOGUNDÁ" — 15 abertos e 1 fechado — OBÁ, YEMANJÁ, OSHUM.

Este Odú representa guerra e apaga a justiça com retidão, mudança repentina, desvios, perdas, amores com perturbação, guerra de homem ou mulher por sua causa.

As pessoas sob a influência deste Odú são favorecidas em negócios de pouco lucro, poucas probabilidades de sucesso, apesar disso, porém, podem vencer obstáculos e realizar seus projetos.

"ALAFIA" — 16 abertos — ORUMILÁ.

Orishá que responde por todos os Orishás. Representa ele o sol, a luz, o desembaraço, a verdade, a felicidade tranqüila.

Este Odú significa triunfo, lucros, heranças, viagem feliz, boas propostas, amores a realizar.

Não fique aflito, pois tem a felicidade nas mãos, necessitando apenas de uma boa orientação. Deve consagrar o dia de domingo aos negócios, usando sempre o branco, e as sextas-feiras e sábados para o banho de limpeza.

"AMARRAÇÃO DO IBÔ (pedras)"

Os Odús na amarração do Ibô tornam-se mais velho pela ordem dos Odús do jogo. O mais velho é Okaran e o mais novo é Orumilá.

Na 1.^a jogada, se o Odú for mais velho do que o Odú da 2.^a jogada, manda-se abrir a mão esquerda.

Na 1.^a jogada, se o Odú for mais novo do que o Odú da 2.^a jogada, manda-se abrir a mão direita.

Na 1.^a jogada e na 2.^a jogada, se der Méje, ou seja, se forem as mesmas caídas, sempre será a mão esquerda.

N.B. — Na amarração do Ibô, as perguntas são sempre dirigidas a Orumilá, sendo necessárias duas jogadas para cada uma delas.

"PARA DESPACHAR O ODÚ — PARTE NEGATIVA"

ATRAPALHAÇÃO (livrar do feitiço)

Um galo, duas galinhas, dois pombos, dinheiro, alguidar, azeite, mel, vinho, velas.

Uma panela, uma pedra bruta, água dentro da panela. Tomar banho com um acaçá, um búzio, mel, azeite, obi, orobô.

"EBÓ PARA AFASTAR ÈGÚN"

Três ovos, três acaças, três moedas, três quiabos, três velas, três bolos de pirão branco, três bolos de pirão preto, três bolos de pirão vermelho, um metro de cadarço.

OBS.: Passar tudo no corpo e botar numa estrada longa.

"EBÓ ABIYKÚ"

Pedaço de carne fresca, uma faca, éfum ossun (fazer um saco de morim e passar no corpo de todos de casa) e botar no saco, jogando-o ao mato, bem longe do local.

"OUTRO EBÓ ABIYKÚ"

Deixar a criança brincar com um boneco durante três dias. Fazer comida seca, cozida sem sal. Levar a criança para o mato, estourar um ovo na testa, colocando-o no meio da comida e jogando tudo, depois, ao mato.

OBS.: Pai e mãe não podem fazer.

"EBÓ ÉFUN"

Quatorze cabras, quatorze inhames, uma peça de cadaço, azeite bastante, quatorze búzios, quatorze mil réis, quatorze galinhas, milho cozido, ekurú, quatorze esteiras, botar no mato. Quijila — não viajar sozinho, não tirar o chapéu para ninguém, não comer na vista de ninguém.

"EBÓ OBARÁ"

Uma preá, um peixe de escamas, sete metros de corda, azeite, água (salpicada).

Salvar os Odús em primeiro lugar o próprio, em seguida o segundo etc.

Levantar-se do pé de Eshú com três dias e, com sete, botar uma abóbora crua, com mel e dinheiro, no mato.

"EBÓ EJONILÊ"

Um frango pequeno, uma garrafa de azeite, um pacote de vela, sete acaças, farinha de mesa, um metro de cadaço, uma pamba branca, dois pacotes de enxofre, uma garrafa de vinho tinto e uma rapadura.

"ODI MÊJE"

Um metro de corda, um metro de morim branco, sete velas, sete ovos, padê de mel, sete moedas antigas.

OBS.: Este Ebó somente poderá ser despachado em lua crescente.

"IJILOCHEBORÁ"

Um pombo, um metro de corda, acaçá, doburú, sete velas, sete ovos, um metro de morim branco e um Ebó de Oshalá.

OBS.: Ao passar o ebo no corpo da pessoa, cobre-se-lhe a face com o morim. A corda deverá ser cortada em sete pedaços; o pombo não deverá ser sacrificado.

"OBEOGUNDA"

Quatorze acarajés, um metro de morim branco, cangica, ajabó, sete espigas de milho verde abertas, um pombo branco, sete pratos brancos (para quebrar).

OBS.: O pombo branco não deve ser sacrificado, usa-se soltá-lo e pedir que o tempo leve toda a parte negativa deste Odú.

"OKARAN"

Um padê de mel, um padê de água, uma padê de cachaça, vinte e um acaças, um metro de corda, um metro de morim branco, Ebó de Oshalá e milho verde cozido.

"OSSÁE"

Sete acarajés, três abarás, três abanos, sete espigas de milho abertas, padê de água, ebó de Oshalá, bolo de arroz, um metro de corda, um metro de morim branco e um pombo.

OBS.: Todos esses despachos devem ser feitos em centro de mato ou campina. Ao despachar as partes negativas deste Odú devemos dizer o seguinte: "ODÚ LONÁ ME-JIKEBÁ AKIAKAN" (dizer-se o nome do Odú). A pessoa pede tudo de bom e que afaste a parte negativa.

"IRETÉ"

Odú de bom aspecto não se despacha.

"OTUWA"

Odú de bom aspecto não se despacha.

"OSHÉ"

Um pombo branco, omalá, sete quiabos, sete acarajés, um alguidar de barro, um metro de morim branco, sete palmos de corda, vinte e um açaças e Ebó de Oshalá.

OBS.: O pombo não pode ser sacrificado. Soltá-lo a tempo.

"OFUM"

Ebó de Oshalá, vinte e um açaças, bolo de inhame, farinha branca, sete palmos da altura da pessoa em morim branco, um pombo branco.

OBS.: Ao despachar este Odú, faz-se um defumador na pessoa.

"IROSSUN-MÊJI"

Um pombo branco, uma quartinha de barro, milho verde cozido, padê de mel, padê de água, bolo de arroz, sete búzios abertos, um obi fechado, (um obi branco), um metro de morim branco, Ebó de Oshalá, sete acarajés, sete açaças, uma preá para ser imolada e sete moedas antigas (dentro de um cesto de palha).

"IWORIN-MÊJI"

Um pombo branco, três abanos de palha, vinte e um açaças, vinte e um acarajés, vinte e um quiabos, bolo de arroz, um peixe vermelho, um metro de morim branco, um metro de fita branca, feijão fradinho torrado, feijão branco cozido, sete pratos brancos.

OBS.: Os pratos devem ser quebrados. Esta obrigação normalmente será entregue em local que tenha água doce.

"IKÁ-MÊJI"

Uma preá, um balaio de palha, vinte e um açaças, um metro de corda, sete palmos da altura da pessoa em morim, Ebó de Oshalá, bolo de arroz, feijão fradinho torrado, um peixe vermelho, vinte e um açaças amarelos.

OBS.: A preá deve ser imolada e colocada dentro do balaio junto com as cordas e os açaças amarelos. Passá-lo no corpo da pessoa e despachá-lo em uma encruzilhada.

“Como Ofertar Obi ao Orishá”

1) Pergunta-se ao Yawô se possui pai e mãe vivos, se houver morrido qualquer um dos genitores, proferir as seguintes palavras: “ORISHÁ (dizer o nome do Orishá) IKU ARA UM LÓ, dizer o nome da pessoa que morreu e dizer as palavras TÔ, TÔ, TÔ”, fazendo um círculo com os dedos polegar e indicador da mão esquerda e batendo três vezes com a mão direita espalmada sobre o círculo.

2) Partir o obi em quatro partes, tirando o seu umbigo.

3) Pronunciar as seguintes palavras: “MOBOSSUM, MOGORUM, OLOFIM UNTÓ, OLOFIM RAIÓ, OBI RERE, OBI NIBIKU, OBI NIBARU, OBI MEGIKEBÁ.”

4) Jogar o obi e ver qual das posições aparece para interpretação. As posições são: ALAFIA, IGIALAKETÚ, ETAWÁ, OKARÁ e OKARÁ OBIKARÁ.

“DEFINIÇÕES DAS POSIÇÕES”

1) ALAFIA — Quando as quatro partes do obi caem para cima, significa que o Orishá aceitou a oferenda, entregando-se, no caso, o obi.

2) IGIALAKETÚ — O Orishá aceitou o obi, mas o Babalorishá ou a Yalorishá deve averiguar no jogo de búzios, pois o Orishá não está satisfeito.

3) ETAWÁ — O Orishá aceita o obi, mas quando acontece essa caída o Babalorishá ou a Yalorishá se obriga a fa-

zer de novo a caída. Caso caia outra vez o Orishá aceitou, pode entregar a oferenda.

4) OKARÁ — O Orishá se omitiu, isto é, não aceitou o obi, o Babalorishá ou a Yalorishá, neste caso, deve oferecer para o Orishá adjunto do iniciado.

5) OKARÁ OBIKARÁ — O Orishá se nega a aceitar a oferenda, pois há interferência de um Eshú, o Babalorishá ou a Yalorishá deve consultar o jogo de búzios.

“OBRIGAÇÃO DE OBI DÁGUA NA CABEÇA”

É usado para as obrigações de óbory e do abalaxé de ory (feitura de cabeça).

É feito à maneira do jogo de alobaça. O obi é catulado em quatro pedaços; a posição em que os pedaços caem indica se o Orishá está ou não satisfeito.

Se os quatro pedaços caem com a parte interna para cima, os deuses respondem SIM, a resposta que lhe foi feita é ALAFIA.

Se três pedaços caem com a parte interna para cima e uma para baixo, a resposta é NÃO — ETAWA.

Se dois pedaços caem com a parte interna para cima e os outros dois para baixo, a resposta é favorável: EJI ALAKETO.

Se um pedaço cai com a parte interna para cima, a resposta é desfavorável: OKARAN.

Se todos os pedaços caem com as partes internas voltadas para baixo, a resposta é desfavorável: OYAKU.

Se caírem os pedaços em desordem, uns por cima dos outros — JOGO NULO; Eshú está fechando. Fazer tudo de novo.

O jogo de obi é feito em recinto consagrado e limpo — no Pegi ou no Roncó —, após as orações.

O obi é jogado na toalha — TARAMESSO.

Abertos: São os pedaços que caem com a parte interna para cima.

Fechados: São os pedaços que caem com a parte externa para cima.

O JOGO DE OBI É PARA RESOLVER SOMENTE PROBLEMAS DE ORISHÁ.

OBS.: Obi macho — 2 pedaços; Obi fêmea — 2 pedaços.

Há dez possibilidades em vez de cinco.

YDARA: Um pedaço masculino aberto significa salvação, triunfo, sucesso.

AJE: Um pedaço feminino aberto significa riqueza, dinheiro, lucros.

EJINE: Um pedaço masculino aberto e um pedaço feminino aberto significa amizade.

OKARAN: Dois pedaços masculinos abertos e dois femininos fechados significa ciúme, disputa, empate, brigas, dificuldades.

YÊ YÊ ORAM ou TABI SILAGBARA: Dois pedaços femininos abertos e dois masculinos fechados significa acidentes, danos, fraqueza, perdas.

AKITA: Dois pedaços masculinos abertos e dois femininos fechados significa sucesso, depois de transpor barreiras, e dificuldades (precisa abrir os caminhos).

OBITA: Um pedaço masculino aberto e dois femininos abertos significa jogada neutra. Fazer nova jogada.

OFUNTABIALAFIA ou ALAFIA: Significa tudo bem, caminhos abertos, sucesso, felicidade, dinheiro, lucros.

ODI IDIMO: Significa jogo nulo, impedimentos, Eshú fechando, fazer nova jogada após a Obrigação de Odú.

“MÉTODOS PARA PREPARAÇÃO DO ESHÚ”

Pega-se a cabeça da galinha-d'angola (conquém) que foi sacrificado no Óbory, adicionando efum, ossum, magê. Após fazer a mistura de tudo, ainda se adiciona carvão virgem, obi branco seco, aridan, peregum, moidos a pilão. A mistura deve ser feita com água de Oshalá.

“COMO TIRAR MÃO DE IKU”

1) Uma mão de cera, verduras de toda qualidade, Ebó de Oshalá, bolo de arroz, bolo de inhame, feijão preto cozido, feijão branco, doburú, padê de farinha, um frango branco, uma moringa de barro, três abanos. Fazer uma mesa de Ègún com os cigarros de sete ou dezesseis maços, flores e morim branco, acender todos os cigarros, colocam-se também sete pratos brancos.

OBS.: A moringa deve ser quebrada aos pés da Yawô, juntamente com os pratos.

2) Após o sacudimento, procede-se à matança de Eshú, com ritual semelhante ao da feitura do Santo.

3) Após a matança de Eshú, sacrifica-se para todos os Orishás, sendo que no momento do sacrifício tira-se um pouco de cabelo de cada canto do ory, isto é, das partes laterais e de cima.

“MODO PARA LAVAR O JOGO DE BÚZIOS”

Folhas de trevo, de colônia, de santa luzia, de saião ou da Costa, de erva fortuna, de oripepe, de macacá, de levante.

“MODO DE FAZER”

Colocar os búzios no sereno, em noite de lua cheia. De manhã, lavar os búzios com as folhas acima mencionadas e deixá-los descansar por três dias.

Depois disso, dar aos búzios um casal de pombos brancos com obi, orobô, azeite de Oliva e mel de abelha. Três dias depois levantar a obrigação e colocar os ashés no pé de uma árvore frondosa e sem espinhos. Para finalizar, passe pedra d'ara e água benta no jogo de búzios.

OBS.: Quando fizer a matança para o jogo, colocar os ashés em frente dele.

“COMO ASSENTAR O ESHÚ DO JOGO”

Uma panela de barro, um obi, um orobô, terra de uma praça movimentada, terra de uma estrada movimentada, terra de um ou sete bancos ou Caixa Econômica, terra de sete encruzilhadas, uma folha de jornal do dia, vinte e um búzios, pimenta da Costa socada, muito azougue, muitos imãs, ferro, aço, lama do Mangue, folha de corredeira, folha de fogo, folha de fortuna, um pedaço de ouro, vermelhão, um pedaço de minério, um garfo de ferramenta de Eshú, uma pedra de encruzilhada, acaçá, bebida de todas as qualidades.

Assenta-se este Eshú na lua crescente, entre 12 e 16 horas. Levá-lo à rua de três em três meses e fazer, através do jogo de búzios, os pedidos que o cliente tenha feito, dinheiro, etc.

“REZA PARA SALVAR O JOGO DE BÚZIOS ANTES DE JOGAR”

“ODUDUA DADÁ ORUMILÁ
BABÁ MIM ALARI QUI BABÁ
OLÓDUMARÊ BABÁ MIM
BAQUÊ OXÊ DE OÚ LOGUM
BARA LONAN
COU FIE BABÁ MIM
EMIM LO XIRÊ BABÁ
ITÁ BEMIM MOJUBARÊ
IBÁ ORUM MOJUBARÊ
BABALORISHÁ MOJUBARÊ
OSHALÁ MOJUBARÊ
EXÚ MOGIBÁ (Bater o pé três vezes)
O QUÊ OXE IFÁ AGÓ.”

“JOGO DE BÚZIOS COM QUATRO BÚZIOS”

Quatro abertos — ALAFIA: tudo bem.
Quatro fechados — IKU: mal, pessoa morta.
Três fechados e um aberto — TAUAR: notícias.

Dois abertos e dois fechados — MÊGE: confirma o recado anterior.

Um aberto e três fechados — ORUSSUM: tudo de ruim.

“NOME DOS ODÚS DO JOGO DE BÚZIOS”

- 1) OKARAN — Bará (ESHÚ)
- 2) MEGIOKO — ògún
- 3) ETAOGUNDÁ — Obáluayê
- 4) IOROSSUM — Yemanjá
- 5) OXÊ — Oshum
- 6) OBARÁ — Oshóssi e Logun-Edé
- 7) ODI — Omulu e Oshalá
- 8) EGIONILE — Oshoguiã
- 9) OSSÁ — Yemanjá e Yansã
- 10) OFUM — Oshalufan
- 11) OWARIN — Yansã
- 12) EGILAXEBORA — Shangô
- 13) EGIOLIGIBAN — Anambuké
- 14) IKÁ — Oshum-Maré e Ossain
- 15) OBOGUNDA — Ewa e Obá
- 16) ALAFIA — Orishalá ou Orishá-Nilá

OFUHI — Orishá de pé (um aberto e quinze fechados)

OBEONOM — Eshú pedindo comida (quinze abertos e um fechado)

“ODÚ OKARAN (BARÁ ou ESHÚ)”

Significado: Susto, grandes perigos, roubos, prisão, ruína e perda de tudo.

Quando aparecer este Odú, despacha-se depressa na rua.

“EBÓ PARA FAZER (NO CASO DE ESHÚ HOMEM)”

Pano preto, vermelho e branco; acarajé, acaçás, branco e vermelho; velas, charutos, um frango, três padês sendo um de mel, um de dendê e um de água.

Passar tudo no corpo da pessoa, capar o frango e abri-lo pelas costas, colocando tudo dentro do bicho e despachá-lo. Depois, defumar a pessoa e dar-lhe banho de folhas ou de omieró.

EBÓ PARA FAZER (NO CASO DE ESHÚ FÊMEA)

Sete padês, sendo um de mel, um de dendê, um de água, um de cachaça, um de aniz, um de azeite de oliva e um de champanha; sete acaças brancos, sete acaças vermelhos, sete velas, sete caixas de fósforos, sete cigarrilhas, sete rosas vermelhas, uma galinha.

Passar tudo no corpo da pessoa, arrumar num alguidar, depois despachar numa encruzilhada em lugar alto.

"COMO DESPACHAR O ODÚ-OKARAN"

Sete folhas de mamona com talo, quatro padês, sendo um de dendê, um de mel, um de água e um de cachaça; sete palmos de morim preto, vermelho e branco; sete velas, um frango.

Abrir as sete folhas de mamona no chão, colocar um bocado das quatro farofas em cada folha. Passar no corpo da pessoa. Bater os talos de mamona nas costas da pessoa. Matar o frango, deixando o sangue cair nas sete folhas de mamona. Dividir, em seguida, o frango em sete pedaços e colocar um pedaço em cada folha. Correr sete encruzilhadas diferentes e em cada uma deixar uma mamona com essa comida. Depois, dar comida seca para Ògún.

"ODÚ MEGIOKO ou EGIOKO-ÒGÚN"

Significado: prisão, demanda, tendência para grandes triunfos, inimigos ocultos.

Saudação para este Odú: EGI KOMAGE — ODI KOAMI

EBÓ:

Dar um cachorro e aluá para Ògún. Se não souber dar o cachorro, enfeitá-lo com fitas e ojas e apresentar a Ògún. Soltar o cachorro vivo na estrada e depois dar comida para Ògún, de preferência um bode. Deve-se, em seguida, dar três banhos na pessoa, a saber:

- 1) banho de milho vermelho;
- 2) banho de feijão fradinho torrado;
- 3) banho de canjica.

"SE FOR CASO DE PRISÃO"

Escreve-se o nome do preso em vinte e um ovos. Quebrá-los em volta da delegacia ou presídio, chamando por Eshú e pedindo. Depois fazer um caruru para sete crianças e dar para que as crianças comam de mão. Limpar as mãos das crianças nas roupas da pessoa e despachá-las na cachoeira. Levar a pessoa, se ela não estiver presa, para dar-lhe banho de cachoeira.

"ODÚ TAOGUNDA OU ETAOGUNDA" (OBÁLUAYÊ)

Significado: doença, golpe, paixão, suicídio e herança.

"EBÓ DE SAÚDE PARA ESTE ODÚ"

Passar pelo corpo um quilo de fígado, peito, miolo, coração, rins, garganta, buchada, vinte e um acaças brancos, um quilo de milho vermelho torrado, pano preto, milho branco cozinhado, sete velas.

Entregar, depois de passar no corpo da pessoa, este carrego na porta do Balé.

Dar, depois, três banhos de canjica na pessoa e fazer três pontos de pólvora e queimá-los, dando, em seguida, comida à Ibalá e à terra.

"ODÚ IOROSUM" (YEMANJA)

Significado: calúnia, falsidade, cilada, desastres, indecisão, falsidade dentro de casa ou da família.

"EBÓ PARA O ODÚ"

Colocar um quillo de arroz nos quatro cantos da casa e, após três dias, varrer a casa e levar o lixo para o mar. Em seguida, dar três defumadores de arroz em casca e açúcar em casa.

"COMO DESPACHAR ESTE ODÚ NOS CAMINHOS DE YEMANJÁ"

Passar pelo corpo vinte e um ovos e vinte e um acaças brancos. Em seguida, levar tudo para o mar, quebrar os ovos e um prato branco.

Passar pelo corpo o seguinte: um caranguejo, um cadeado, quatro ecurus, uma corrente, uma peça de cadarço, um frango branco, azeite de oliva, cachaça, uma vela.

Colocar tudo numa panela com tampa e despachar no mar.

"COMO DESPACHAR ESTE ODÚ NOS CAMINHOS DE YANSÁ"

Quatro ecurus, quatro velas, quatro torcidas de algodão, quatro pedaços de morim branco.

Passar tudo no corpo da pessoa, colocando, depois, os ecurus dentro dos pedaços de morim e ir batendo com eles pelo quintal até a rua, a fim de mostrar o caminho à Yansá.

Levar tudo, com o restante do carregamento, a um bambuzal e, aí, amarra-se tudo na ponta de um bambu e acendem-se as quatro velas em volta do bambuzal.

"ODÚ OSHÉ" (OSHUM)

Significado: ilusão, notícias, vingança, questões amorosas.

"EBÓ PARA ESTE ODÚ"

Um osso furado, um saco de morim, um agebó, cinco ecurus e milho branco.

Passar tudo isso pelo corpo da pessoa e despachar em mato fechado. Depois dar comida a Oshum nas águas.

"COMO DESPACHAR ESTE ODÚ"

Uma bacia de ágata, cinco acaças brancos, cinco espelhos pequenos, cinco bolos de farinha, cinco moedas, cinco pedaços de pano branco e cinco pedaços de pano amarelo.

Fazer cinco trouxas e, em cada uma, colocar um acaçá, um bolo de farinha, um espelho e uma moeda.

Passar tudo pelo corpo, depois colocar na bacia e despachar nas águas.

"ODÚ OBARÁ" (OSHÓSSI e LÔGUM-ÊDÉ)

Significado: riquezas — Este Odú é o mais rico. Chama-se pelo Odú Obará em voz alta, nas quartas-feiras de lua cheia.

"EBÓ PARA O ODÚ OBARÁ"

Uma preá, um peixe de escamas, sete palmos de corda, azeite de oliva, mel de abelha, água, pó de bambu.

Passar tudo pelo corpo. Colocar, depois, o carregamento no pé de Eshú e despachá-lo, com três ou sete dias, dentro de uma mata fechada, com mel de abelha e muitas moedas em uma mata fechada.

"EBÓ PARA O ESHÚ DO ODÚ OBARÁ"

Seis qualidades de legumes cortados em seis pedaços, seis acaças brancos, seis velas, seis palmos de morim branco, seis punhados de milho vermelho cozido, seis punhados de milho branco cozido, seis bolos de farinha com mel.

Passar pelo corpo e despachá-lo em casa comercial de grande movimento ou em praça.

“EBÓ PARA CHAMAR PELO ODÚ OBARÁ”

Colocar seis acaças brancos abertos com seis búzios abertos enfiados nos acacás e mais seis moedas correntes, seis frutas diferentes, seis doces diferentes, seis pedaços de obi, um orobô partido no meio, seis conchas de praia, seis punhados de areia do mar apanhados em lua cheia.

Arriar na cumieira da casa e oferecer ao deus Axopá, com seis folhas da Costa.

“COMO SE ASSENTAR O ODÚ OBARÁ”

Uma panela de barro com tampa, pintada de branco, seis acaças, um pedaço de ouro, um orobô partido no meio, um pedaço de obi, seis moedas correntes, seis punhados de areia, seis conchas ou conchas do mar, da lua cheia, de maré cheia.

Embrulhar num pano branco e guardar num lugar que ninguém veja. Tudo de Obará é feito na lua cheia.

“COMO ASSENTAR O ESHÚ DE OBARÁ”

Terra de seis encruzilhadas de movimento, terra de feira livre, terra de praça de movimento, terra de porta de banco ou Caixa Econômica, areia de praia, terra de casa comercial de grande movimento, seis vinténs, seis folhas de fortuna, um imã, um orobô, uma pedra de cevá, seis pedaços de obi, um pedaço de ouro, seis búzios abertos, muitas moedas correntes.

Fazer-se uma massa com todos os ingredientes mencionados e mais: azeite de dendê, mel de abelha, azeite de oliva, sal, vinho moscatel, tabatinga branca, cimento branco.

Uma ferramenta de Eshú e assenta-se. Depois, dá-se comida e a matança é despachada em lugar de grande movimento.

“EBÓ PARA ODÚ OBARÁ NO SEXTO MÊS DO ANO”

Uma abóbora moranga grande. Fazer um buraco, colocar dentro dele seis moedas correntes e fazer o pedido que se deseja. Encher a abóbora com mel e colocá-la numa bacia de ágata grande.

Em volta da abóbora colocar: seis acaças brancos, seis moedas correntes, seis conchas do mar, seis punhados de areia, seis frutas e seis doces, seis pedaços de fumo de rolo, um copo com vinho moscatel, seis punhados de padê de: mel, água e dendê.

Entregá-lo no alto de um morro e, na volta, oferecer um ogebô à cabeça com seis vinténs ou seis moedas correntes nos pés de Oshalá.

“ODÚ ODI (OMULU e OSHALÁ)”

Significado: miséria, desgraça, embarços. É o pior Odú. Quem tem este Odú atrapalha os outros.

“COMO DESPACHAR O ODÚ ODI”

Um saco de estopa, um novelo de linha branca, um novelo de linha vermelha, sete velas vermelhas, um pinto, um peixe linguado (aramaçã), sete punhados de sal grosso, um frango branco, uma franga branca, sete acaças brancos, sete acaças vermelhos, sete velas brancas, sete palmos de morim branco, sete palmos de morim vermelho, um alguidar, bastante pipoca feita na areia, alpiste, bastante milho de canjica cozido, uma garrafa de cachaça, sete ovos, três bifés de porco.

Passar tudo na pessoa, pedindo para despachar o Adé. Por último, passa-se a linha e o pinto para retirar a linha. Aí se misturam a canjica, a pipoca e o alpiste e dá-se um banho na pessoa. Em seguida, coloca-se tudo dentro do alguidar e este dentro do saco de estopa. Amarra-se o saco de estopa e despacha-se numa sapucaia que fique longe de ribanceira.

Dá-se, então, banho de ervas na pessoa, defuma-se tudo e chama-se logo um novo Odú para aproveitar o ensejo do afastamento de Odi, dando-se logo comida ao novo Odú.

“ODÚ EGIONILE (OSHAGUIAN)”

Significado: briga, desavença, fuxico, traição, mentira. Este Odú engana até a morte, é muito mentiroso. Quando este Odú aparecer, levantar-se três vezes em reverência a Oshalá.

“EBÓ PARA ESTE ODÚ”

Oito acaças brancos, oito ecurus, oito velas, oito bolos de arroz, oito palmos de morim branco, oito carretéis de linha branca, milho branco cozido — Ebó.

Passar tudo pelo corpo, colocar dentro de uma panela branca e despachar no mar.

“ODÚ OÇÁ ou OSSÆ (YANSÁ ou YEMANJÁ)”

Significado: autoridade, capricho, teimosia, viagens, notícias, espiritualidade, início de muitas coisas e amor.

“EBÓ PARA ESTE ODÚ”

Um frango, nove acarajés, nove acaças brancos, nove ecurus, nove velas, nove charutos, padê de azeite-de-dendê, padê de mel de abelha, padê de água, canjica cozinhada, morim branco, nove cebolas, nove palmos de morim preto, nove palmos de morim vermelho, nove palmos de morim branco, feijão fradinho torrado ou cozinhado, uma roupa velha da pessoa.

Passar tudo no corpo da pessoa e despachar no mato.

“ODÚ OFUM (OSHALUFAN)”

Significado: doença, trabalhos feitos e casos amorosos, grandes perigos, sujeito à morte. Este Odú é velho e teimoso. Não gosta de cor preta, mas é um Odú muito rico.

“EBÓ PARA ESTE ODÚ”

Dez velas brancas, dez acaças brancos, dez acarajés, dez bolos de farinha com mel, dez moedas correntes, dez pedaços de morim com 10 cm cada um, dez bolos de arroz, dez carretéis de linha branca, dez bolos de canjica.

Passar tudo pelo corpo e ir colocando em cima dos panos. Depois desmanchar as linhas todas. Colocar tudo em um saco, atando sua boca com um cadarço e amarrando-o, em seguida, ao pé de uma árvore na mata.

Depois disso, dar um ebó ou um óbory à cabeça.

“ODÚ OWARIN (YANSÁ)”

Significado: pessoa de muito boa ou de muita má influência. Se for homem, é volúvel, lutas para um grande progresso, doenças, egún em cima. Este Odú tem uma filosofia: se aparece para um doente, não dá preocupação, porque, quando diz que a pessoa vai morrer, este não chega a adoecer, morre logo.

“EBÓ PARA ESTE ODÚ”

Um peixe vermelho, sete dinheiros de esmola, sete palmos de morim branco, sete bolos de farinha de dendê, fitas de sete cores, sendo um metro de cada uma.

Abrir o peixe vermelho, tirar as tripas. Passar tudo na pessoa e colocar dentro do peixe. Despachar no mar e depois dar comida a Yansá.

Se a pessoa estiver doente, passar um pombo branco em seu corpo. Se, durante o ebó, a pessoa levar um susto, de repente fica fora de perigo.

“COMO SE DESPACHA ESTE ODÚ”

Vinte e um metros de morim branco, um rolo de barbanete, um penico velho, uma roupa velha.

Primeiro, deve-se tapar os olhos da pessoa, depois enrolar a pessoa da cabeça aos pés com o morim e, enquanto se canta

as cantigas de Axêxê, se enrola a pessoa com o barbante passando por cima do morim branco. Depois disto, comece a tirar o barbante e o morim e, cantando cantigas de Yansã, Nanã o Omulu, vá colocando essas coisas dentro do penico.

Em seguida, levar o penico a um abismo, jogá-lo e dizer muitos palavrões. Em prosseguimento, dê banho na pessoa com folhas de Yansã e defume a pessoa. E, agora, dê vinte e um acarajés para Oiá Balé.

“EBÓ PARA YANSÃ NOS CAMINHOS DE OBARÁ (OIÁ ONIRA)”

Uma abóbora moranga, quatro búzlos, quatro nozes moscadas, quatro moedas, quatro acarajés, quatro metros de fita vermelha e branca, um saco de morim.

Fazer um buraco na abóbora e, através dele, colocar as moedas e bastante mel. Colocar o restante dentro do saco com os nomes. Tapar a abóbora e amarrar com fitas. Entregar no alto de um morro e oferecer a Oiá Onira nos caminhos de Obará.

“ODÚ EGILAXEBORÁ (SHANGÔ)”

Significado: casos de justiça, dor de cabeça, heranças e bebidas. Aparecendo este Odú, despachar na rua. Este Odú representa doze Obás, onde seis absolvem e seis condenam.

“EBÓ PARA ESTE ODÚ”

Doze acaças brancos, doze velas brancas, doze vinténs, um agebó, doze palmos de morim vermelho e branco.

Despachar debaixo de uma pedra e depois dar um amalá para Shangô.

“EBÓ PARA SHANGÔ NOS CAMINHOS DE OBARÁ”

Três folhas de fortuna, três folhas da Costa ou folhas de salão, um orobô.

Levantar-se antes do sol nascer, colocar as folhas nas mãos e o orobô na boca, chamando por Obaratam, e pedir o que se quer.

Depois disso, fazer o seguinte: colocar as folhas debaixo do seu jogo de búzlos e o orobô em cima de Shangô. Agora fazer um defumador de raspa de cebo e benjoim da porta da rua para dentro.

“EBÓ PARA DESPACHAR O ODÚ DE AFONJÁ”

Agebó batido com água e mel de abelha, um miolo de boi, uma fronha virgem, uma cabeça de cera.

Passar na cabeça e jogar para trás. Um Ogã apanha e despacha nas águas ou no mato.

NOTA: Afonjá é o Odú das brigas e das discórdias.

“ODÚ EGIOLIGIBAM (ANAMBUKÚ e NANÃ)”

Significado: inveja, dúvida, homem mau, vence as dificuldades, sem sorte no amor, feitiço feito no cemitério, morte na família, golpe e paixão.

“EBÓ PARA O ODÚ”

Ebô Iku.

Depois se dá comida à terra e a Iabaim.

“ODÚ IKÁ (OSSAE e OSHUM-MARÊ)”

Significado: novidades, demandas, paixões, doenças passadeiras.

“EBÓ PARA ESTE ODÚ”

Passar um Omolocun com quatorze ovos pelo corpo, sete fitas de sete cores diferentes, quatorze acaças brancos, quatorze palmos de morim de cores diferentes.

Despachar tudo em uma cachoeira.

“ODÚ OBOEGUNDA (EWÁ e OBÁ)”

Significado: pessoa com problema nas pernas ou nas vistas. Guerra de homem por homem ou de mulher por mulher — negócios ruins.

Saudação para este Odú: OBETEGUNDA TI OMON KI.

“EBÓ PARA ESTE ODÚ”

Tomar sete banhos seguidos de canjica.

Oferecer um ebó ou um prato de frutas a Obeogunda, na lua cheia. Em seguida, defumar a casa toda com mirra e açúcar.

“ODÚ ALAFIA (ORISHALÁ ou ORISCHÁ-MILÁ)”

Significado: tudo de bom, felicidade, lucros e herança. Quem tem este Odú deve vestir-se de branco e fazer negócios sempre aos domingos.

Saudação para este Odú: ALAFIA ONAN.

“EBÓ PARA O ODÚ ALAFIA”

Canjica cozinhada com bastante mel de abelha. Matar um Ibi em cima e passar tudo no corpo. Embrulhar num pano branco e entregar no alto de um morro. Fazer, depois, três defumadores com: alfazema, incenso, alecrim, mirra e benjoim.

“JOGO DE OBI”

Para partir um obi para o Santo, pedir Agô aos Orishás:

- 1.º Para o gomo que ficar na mão direita, dizer:
“OWO OTUM MOFIM RAMÓ.”
- 2.º Para o gomo que ficar na mão esquerda, dizer:
“OWÓ OCI MOFIM RAMÓ.”
- 3.º Molha-se o obi, juntam-se as duas mãos e diz-se:
“ODÓ BOREMAN EMIM BOJE MÊJE KEBA OB
(nome do Orishá) A UM LÓ.”

Nome das quedas dos obis:

Obi Biticum,
Obi Tinbijó,
Obi Uibaum,
Obi omim bafum.

Com obi de quatro gomos:

4 abertos — ALAFIA — (tudo bem),
4 fechados — OKARAN — (ruim).

Jogar de novo, dizendo antes de jogar: OKARAN KIKARA
KOMA FONFA KOMA FIKAN KIÁ-KONSIKAN.

2 abertos e 2 fechados — MÊJE — (bom).

1 aberto e 3 fechados — ETAWÁ — (negativo). Torna-se a jogar para ter certeza do que está querendo saber, dizendo antes de jogar: EWÁ GUM EWÁ KÓ. Se cair a mesma queda, dizer: EWÁ LOFÓ. Se cair ainda a mesma coisa, dizer: ETUA MANE LOBA IKÁ METÁ LOKOKAN.

3 abertos e 1 fechado — ODI — (ruim). Dizer: ODI IKI
ODARA ODOFO ADEJÓ, e, em seguida, jogar outra vez.

“Jogo de Búzios, do Obi e do Orobô”

O conhecimento e a interpretação dos búzios, do obi e do orobô constituem a parte do ritual não revelada, senão àqueles que, iniciados nas seitas, já alcançaram grau na hierarquia do culto. O conhecimento do Delogum (Búzio) é um Eró (segredo) do Santo e ninguém poderá jogá-lo sem possuir o ashé (força espiritual).

Cada configuração representa a fala de um Orishá e é assim identificado:

- Ojecú-meigi — Eshú fala.
- Kigimeigui — Ògún fala.
- Obaré-meigi — Yansá fala.
- Ocaicara-meigi — responde Eshú.
- Oreté-meigi — fala Eshú.
- Jori-meigi — Ibêje fala.
- Urimeigi e Crosé meigi — fala Shangô.
- Nani-meigi — responde Ògún e Yemanjá.
- Egunda-meigi — fala Oshalá.

Temos ainda: Ica-meigi, Ashé-meigi, Eturafam-meigi, Eogio, Ofum, cada um representando a fala de um Orishá. Entretanto o mais usado entre os povos de origem Yorubá, os Nagôs, por exemplo, se utilizam de outra designação e que em verdade é mais usada nos candomblés da Bahia, pelos Babalorishás e Yalorishás e que assim se interpreta:

- 1 búzio aberto e 15 fechados — Eshú está falando.
- 2 abertos e 14 fechados — Ejioko — Ybeji fala.
- 3 abertos e 13 fechados — Etaogunda — Ògún fala.
- 4 abertos e 12 fechados — Orosun — Shangô fala.
- 5 abertos e 11 fechados — Oxé — Ògún e Yemanjá falam.
- 6 abertos e 10 fechados — Obará — Yansá fala.
- 7 abertos e 9 fechados — Odi — Eshú fala.
- 8 abertos e 8 fechados — Ejionilé — Oshalá fala.
- 9 abertos e 7 fechados — Osá — Yemanjá fala.
- 10 abertos e 6 fechados — Ofu — Oshalá fala.
- 11 abertos e 5 fechados — Owanrin — Eshú fala.
- 12 abertos e 4 fechados — Ejila Sebola — Shangô fala.
- 13 abertos e 3 fechados — Eji Ologbon — fala o Orishá Obeteagunda.
- 14 abertos e 2 fechados — Ika — Oshum-Marê.
- 15 abertos e 1 fechado — Ory-babo-bajá — Obatalá fala.
- 16 abertos ou fechados, a jogada é nula.

Assim, pois, os nomes dos dezesseis Odús que representam os Orishás. Obedecendo a mesma ordem exposta, teremos nos cultos Jôjês e outros a seguinte identificação dos Odús do jogo:

- 1.º Otubi ou Imicau-du.
- 2.º Meji.
- 3.º Ogunda-meju ou Ogunda-massa.
- 4.º Ejila-lobo-male ou Age-merila-age.
- 5.º Oxétura.
- 6.º Be-ofum ou Oba ra-sheke.
- 7.º Ossatinico ou Odi-kankam.
- 8.º Ajanile ou Ojenile.
- 9.º Eji-bara ou Ashé-ojá.
- 10.º Obiurussum ou Osa tura.
- 11.º Oriahabe.
- 12.º Elige-sebora ou Olokam-ile.
- 13.º Opete-gunda ou esta metala.
- 14.º Obejoco ou Odan-merila.
- 15.º Obeonone ou Ori-babo-bajá.

Além dessas configurações, em número de dezesseis, que representam cada Odú, em correspondência ao Orishá que fala, elas se multiplicam por dezesseis, formando um alfabeto de 256 palavras.

O quarto de Santos é o lugar onde deve ficar, cuidadosamente guardado, o Ifá (búzios do jogo), assim como o Ibodô-Ifá (espécie de peneira, com o qual se joga os búzios).

Para o jogo de búzios faz-se necessária uma mesa na qual se processa o jogo e que tem como o de Temerassu.

Para o jogo do obi e do orobô, requer-se não só o Ashé, como também conhecimento do seu significado. O obi e o orobô respondem a cinco Odús, em seguida identificados.

Quando a parte interna do obi ou orobô está voltada para cima diz-se que está aberto, quando voltada para baixo, está fechado. O que vamos dizer se refere ao obi de 4 gomos e o orobô cortado em 4 partes:

- 1.º) 4 abertos — ALAFIA — quer dizer SIM.
- 2.º) 3 abertos e 1 fechado — ETAWA — quer dizer NÃO.
- 3.º) 2 para cima e 2 para baixo — EJIALAKETU — quer dizer MUITO BOM.
- 4.º) 1 aberto e 3 fechados — OKARAN — quer dizer RUIM.
- 5.º) 4 fechados — OYAKA — quer dizer péssimo desastroso.

Com o obi de 5 gomos, há dois femininos e 3 masculinos, e tem a seguinte leitura:

- 1.º) Um masculino aberto e outros fechados — Idaraou Iyara — quer dizer salvação.
- 2.º) Um feminino aberto e os outros fechados — Ajé — quer dizer riqueza.
- 3.º) Um masculino e um feminino aberto — Ejire — quer dizer amizade.
- 4.º) Dois masculinos abertos — Okô Oram — quer dizer crimes, dificuldades, ameaças e disputas.
- 5.º) Dois femininos abertos — Ye e Oran ou Tabi-Ailagbará — quer dizer fraqueza.

- 6.º) Dois masculinos e um feminino abertos — Akita — quer dizer sucesso depois de dificuldades.
- 7.º) Um masculino e dois femininos abertos — Obita — quer dizer neutro.
- 8.º) Dois masculinos e dois femininos abertos — Ofuntabi-Alafiá — quer dizer bem-estar.
- 9.º) Todos fechados — Odi Idimo — quer dizer impedimentos.
- 10.º) Uns sobre os outros, confirma a jogada anterior.

“Os Babalawôs”

De duas maneiras podem os Orishás tornar conhecida dos homens sua vontade: pela possessão dos fiéis — e então lhes revelam o futuro no decorrer de seus transe —, ou por meio de nozes, de búzios ou de outros processos de adivinhação. Poderíamos chamar estas duas maneiras de adivinhação subjetiva e adivinhação objetiva. A primeira não é possível senão através da celebração de um ritual especial que tem lugar durante o período de iniciação da Yaô ou logo em seguida à sua conclusão e que tem o nome de “ritual de dar a palavra”. Não temos, infelizmente, nenhuma indicação sobre o modo pelo qual o dom da profecia, em estado de transe, é dado aos “cavalos de santo”. Poderíamos citar muitas historietas em que tal dom se manifesta: Yalorishá prevenida da perseguição da polícia e a quem se recomenda que esconda os objetos do culto; Babalorishá que adivinha que a polícia vai entrar em seu terreiro e que recebe conselhos sobre o que se deverá fazer então; Yalorishá que é posta a par de um futuro movimento revolucionário que se desencadeará na região, o que lhe permite guardar provisões para não sofrer fome em tal ocasião, etc. Esta adivinhação subjetiva concerne, bem entendido, aos membros do Candomblé e nada tem que ver com os babalawôs, os quais, ao contrário dos Babalorishás e das Yalorishás, não podem jamais “cair no santo”, isto é, cair em estado de transe.

Os Orishás só aparecem pessoalmente em casos muito graves. A cada instante, no entanto, é necessário saber o que desejam e não se pode consultar constantemente o babalawô, principalmente quando se tem urgência de uma resposta. Exis-

te, pois, um processo de adivinhação no interior dos Candomblés, e nas páginas precedentes já vimos sua utilização pelo Babalorishá ou de seus assistentes, por exemplo no óbory; é o processo que utiliza as nozes de kola (obi, oubi ou orobô), divididas em quatro pedaços. Depois de consagrada a sala e realizadas orações, jogam-se os quatro pedaços no chão.

Se os quatro pedaços caem com a parte interna dirigida para cima, os deuses respondem “sim” à pergunta que lhes foi feita (Alafia); se não há senão três fragmentos com a parte interna dirigida para cima, a resposta é “não” (Etawa); se dois pedaços têm as partes internas voltadas para cima e os dois outros não, a resposta é favorável (Ejiala Ketu); se um só fragmento tem a parte interna voltada para cima, a resposta é desfavorável (Okanran). Finalmente, se todos os pedaços têm as partes internas voltadas para baixo, a resposta é desastrosa (Oyaku).

Em caso de resposta negativa, repete-se o exercício três vezes.

Pode acontecer que, com a promessa de sacrifício apropriado, o deus se acalme e acabe por aceitar o que primeiramente tinha recusado. Esta técnica de tirar a sorte é peculiar, pois, aos membros do Candomblé, não interessa ao Babalawô, mas também não pode dar grande quantidade de indicações.

Os Orishás respondem somente por um “sim” ou “não”, sem acrescentar nenhuma outra palavra.

O Babalawô, que no Brasil é também chamado, às vezes, de “vidente” (Oluwô), mas erradamente, pois o Oluwô é um título hierárquico a certos Babalawôs e não uma designação geral, dispõe, entretanto, de dois processos que lhe permitem conhecer o grande número de palavras: o colar de Ifá ou Kpoli (opelê) e os búzios de Eshú ou Edilogum (Dilogum).

Como sacerdote de Ifá, o Babalawô é o único que tem o direito de tocar no opelê ou nos cocos de dendê. O mesmo não se dá com o Edilogum. Com efeito, certa tradição, mito recolhida na Bahia, explica como Elegbá, que é outro nome de Eshú, deu às filhas de Oshum a possibilidade de, além do Babalawô, também tirarem a sorte com búzios:

Ifá era um pobre pescador que vivia miseravelmente. Fez um dia um contrato com Elegbá, comprometendo-se a lhe servir de escravo devotado durante dezesseis anos. Elegbá enviou-o à floresta para buscar coquinhos de dendê e ensinou-o a prepará-los para a adivinhação. Mas como chegasse tanta gente para consultá-lo, Ifá teve necessidade de uma mulher que se ocupasse de sua casa; tomou uma apetebe, que não era outra senão Oshum. As pessoas que não conseguiram chegar a ver o próprio Ifá, pediam a Oshum que fizesse o favor de tirar a sorte para elas. Então Oshum se queixou ao marido de que não conhecia a arte de ler o futuro e, depois de muita insistência, Ifá tomou dezesseis coquinhos, preparou-os e pediu a Elegbá que respondesse por intermédio deles às perguntas feitas por Oshum. Elegbá aceitou de má vontade tal encargo e se hoje realmente responde às questões das apetebeis, em represália persegue os filhos de Oshum com mais furor ainda do que os filhos de qualquer outro Orishá.

Cada Babalawô tem, então, perto si uma mulher que é filha de Oshum, mas não de qualquer Oshum, pois cada divindade é múltipla; é preciso que seja da mais velha de todas as Oshuns, Yaba Omi, só esta é que pode ser apetebe do Babalawô. Mas não nos enganemos: trata-se de uma sacerdotisa, de uma espécie de Babalawô feminino e não de mulher legítima do Babalawô. Antigamente se dizia mesmo que ela estava voltada à castidade. Mas é evidente que a poligamia, que os negros conservaram no Brasil, reinterpretando-a, naturalmente, em termos ocidentais de mulher legítima e de uma ou várias concubinas, pode tornar a apetebe uma das mulheres do adivinho.

Certas apetebeis e os babalawôs de nível inferior utilizam somente quatro búzios, os quais, como o obi, podem responder apenas "sim" ou "não". As apetebeis e os babalawôs de grau superior utilizam-se de dezesseis búzios. Finalmente, certos babalawôs têm um jogo de trinta e dois búzios. Todavia, as apetebeis não têm o direito de ultrapassar as dezesseis letras, como se diz muitas vezes no meio africano.

Embora existindo búzios nas praias do Brasil; não são empregados na adivinhação. Esta só pode ser praticada com caramujos vindos da África e que no mercado são vendidos a alto preço. Cada búzio tem uma das faces quebrada, de maneira a apresentar um lado aberto e outro fechado. O adivinho sacode-os entre as duas mãos unidas em concha e lança-os; segundo a maneira pela qual caem, lê-se a palavra formada. O jogo mais utilizado é o de dezesseis búzios. Eis, com relação ao jogo, a lista das combinações possíveis e os significados peculiares à Bahia:

- 1 aberto e 15 fechados — Nome do Odú — Okaran: Eshú fala.
- 2 abertos e 14 fechados — Nome do Odú — Ejioko: os Ybejis falam.
- 3 abertos e 13 fechados — Nome do Odú — Etaogunda: Ogún fala.
- 4 abertos e 12 fechados — Nome do Odú — Orosun: Shangô fala.
- 5 abertos e 11 fechados — Nome do Odú — Oshé: Yemanjá-Ogún falam.
- 6 abertos e 10 fechados — Nome do Odú — Obará: Yansã fala.
- 7 abertos e 9 fechados — Nome do Odú — Odi: Eshú fala.
- 8 abertos e 8 fechados — Nome do Odú — Ejionil: Oshala fala.
- 9 abertos e 7 fechados — Nome do Odú — Osa: Yemanjá fala.
- 10 abertos e 6 fechados — Nome do Odú — Ofu: Oshalá fala.
- 11 abertos e 5 fechados — Nome do Odú — Owanrin: Eshú fala.
- 12 abertos e 4 fechados — Nome do Odú — Ejilaxeborá ou Ejila Seborá: Shangô fala.
- 13 abertos e 3 fechados — Nome do Odú — Eji Ologbon: Obetegunda fala.
- 14 abertos e 2 fechados — Nome do Odú — Ika: Oshum-Maré fala.

15 abertos e 1 fechado — Nome do Odú — ? — Obatalá fala.

16 abertos e 16 fechados — a jogada é nula, é preciso recommençar.

No interior dos Candomblés há filhas de Oshum; têm o direito de tirar a sorte com os búzios devido à sua filiação espiritual. Assim, o Edilogum não é privativo dos Babalawôs. Pode-se vê-lo praticado também no interior dos terreiros por Yawô que pertencem a Oshum. O colar de Ifá, ao contrário, é privilégio dos Babalawôs unicamente e estes, para utilizá-lo, têm de se submeter a uma iniciação e aprendizagem especiais. Este colar ou opelê é composto de quatro metades de nozes de kola presas a uma cadeiazinha de ferro que se joga sobre a mesa de modo a cair formando um "U" cuja abertura fica colocada diante do adivinho (segundo o método Yorubá que neste ponto se distingue do método Dahomeano); as duas extremidades do "U" são de sexos diferentes, e neste sistema Yorubá a extremidade masculina está à direita do Babalawô, a extremidade feminina à sua esquerda. A diferença de sexo está indicada simbolicamente por um pequeno nó, para o sexo masculino; por uma pequena franja de quatro a cinco pedacinhos de linha, para o sexo feminino. As metades de nozes ao caírem apresentam ou os lados convexos, ou os lados côncavos, obtendo-se então dizesseis palavras ou Odú.

Antigamente existiam na Bahia, e talvez ainda existam hoje, pequenas pranchas de madeira ou oponifa, sobre as quais eram inscritos os Odús, de acordo com o que mostrava o opelê: duas linhas para cada metade de noz caída sobre o lado côncavo, uma linha para a que caía sobre o lado convexo. Como existem dois lados, masculino e feminino, e quatro metades de nozes de cada lado, temos duas séries de linhas que se marcam na prancha e que são lidas da direita para a esquerda. Está claro que esta marcação de linhas não é necessária em todas as cerimônias, não é obrigatória senão para quem quer fazer seu Ifá pessoal ou Kpoli. Quando se trata de uma consulta comum, o Babalawô se contenta em ler o Odú

sem escrevê-lo, pronunciando em voz alta seu nome e interpretando-o. Não vimos nunca na Bahia, sem dúvida por não termos feito nosso Kpoli, nenhum Babalawô escrever os Odús; mas como é mais comodo para a leitura desenhá-los do que descrevê-los minuciosamente, damos, a título de indicação, o quadro dos dezesseis sinais duplos.

- 1) Direito: 4 metades de nozes caídas sobre o lado convexo.
Esquerdo: 4 metades de nozes caídas do lado convexo: Obge-meji.
- 2) Direito: 4 metades de nozes caídas do lado côncavo.
Esquerdo: 4 metades de nozes caídas do lado côncavo: Oye-ku-meji.
- 3) Direita e Esquerda: duas metades de nozes caídas sobre o lado côncavo entre duas metades de nozes caídas sobre o lado convexo: Iwori-meji.
- 4) Dois lados, duas metades de nozes caídas sobre a face convexa entre duas metades de nozes caídas sobre a parte côncava: Ode-meji.
- 5) Dos dois lados, duas metades de nozes caídas sobre a face convexa, seguidas de duas metades de nozes caídas sobre a face côncava: Irosun-meji.
- 6) O Odú seguinte é inteiramente o inverso do precedente: Dwonrin-meji.
- 7) Dos dois lados, meia noz sobre a face convexa e três sobre a face côncava: Obara-meji.
- 8) O inverso do precedente: Okaran-meji.
- 9) Dos dois lados, duas meias nozes caídas sobre as faces convexas, e uma sobre a face côncava: Oguda-meji.
- 10) O inverso da jogada precedente: Osa-meji.
- 11) De cada lado, uma meia noz caída sobre a face côncava, uma sobre a face convexa, as duas últimas sobre as faces côncavas: Ika-meji.
- 12) O inverso da figura precedente: Oturuson-meji.

- 13) De cada lado, uma meia noz caída sobre a face convexa, uma sobre a face côncava, as duas últimas caídas sobre as faces convexas: Otura-meji.
- 14) O inverso da figura precedente: Irete-meji.
- 15) Dos dois lados, alternativamente, uma meia noz caída sobre a face convexa, e uma meia noz caída sobre a face côncava: Ose-meji.
- 16) Dos dois lados, alternativamente, meia noz caída sobre a face côncava, meia noz caída sobre a face convexa: Ofu-meji.

Estes sinais estão colocados em certa ordem. Os Odús são considerados filhos de Ifá, nasceram um após outros e os mais velhos são tidos, por isso, como mais fortes que os mais jovens. A esta primeira observação é preciso acrescentar outra, tão importante quanto ela: é muito raro que as metades de nozes dos lados direito e esquerdo caiam exatamente simétricas; os dezesseis Odús que apresentamos são os Odús-meji, mas podem combinar entre si e formar assim até 256 figuras, da qual cada metade de um dos Odús-meji; por exemplo, a parte direita do opelê pode formar uma das metades de Irete, e a parte esquerda, uma das metades de Irosun. Neste caso é a metade mais forte do Odú-meji que vence; no exemplo que acabamos de dar, seria o Irosun, que tem o n.º 5, enquanto Irete tem o n.º 14 e é, por conseguinte, muito mais jovem. Vê-se que o modo de proceder na Bahia não apresenta teoricamente nada de muito difícil.

Mas, isto posto, cada Odú, simétrico ou complexo, tem um significado diferente; está ligado a certos sacrifícios que o consulente deve fazer e que variam em importância e composição de sinal para sinal, e também a todo conjunto de historiazinhas que miticamente explicam o significado, fasto, neutro ou nefasto, do Odú. Isto é verdadeiro não apenas para os dezesseis sinais do Edilogum que apresentamos anteriormente. Desse modo, compreende-se que a condição principal para o indivíduo ser Babalawô é possuir boa memória. Mas, para auxiliá-la, conserva-se a lista dos sacrifícios e as historietas registradas em cadernos escolares ao abrigo de olhares indiscretos.

Tivemos um em nosso poder. Ora, é interessante notar que os mitos assim copiados são também encontrados em Cuba e na África.

Tais são os quatro processos principais de adivinhação dos africanos da Bahia, resumidos brevemente. Somente os dois últimos pertencem aos Babalawôs, embora os Babalorishás tentem usurpar-lhes hoje o Edilogum. É verdade que, mesmo conseguindo os Babalorishás obter vitória neste domínio, os Babalawôs continuariam únicos detentores do colar de Ifá. Infelizmente, estes apresentam atualmente tendência para abandonar Ifá por Eshú, o Opelê pelo Edilogum. Os informantes que pude interrogar a respeito deste estranho enfraquecimento de Ifá deram-me duas razões diferentes, mas não contrárias: a primeira é que o sacerdote de Ifá deve obrigatoriamente formar, antes de morrer, um aprendiz em sua arte; senão Ifá condenar-lhe-á a alma a errar em torno da Terra, sem poder se reencarnar nem encontrar descanso; ora, é difícil hoje encontrar alguém que queira consagrar sua vida a Ifá... A segunda razão, como se vai ver, longe de se opor à primeira, explicaria, ao contrário, aquela amarga constatação final, é que, quanto mais se sobe na hierarquia sacerdotal, mais numerosos são os tabus que manietam as pessoas; as obrigações ou as proibições concernentes aos Babalawôs que trabalham com os opelês são muitíssimo mais rigorosas do que as do Babalawôs que se contentam em trabalhar com dezesseis ou trinta e dois búzios; ora, hoje em dia os jovens querem gozar a vida e, uma vez que os búzios respondem tão bem quanto o colar de Ifá, os Babalawôs de nossa época, para evitar carga que se tornou pesada demais para seus ombros, preferem não trabalhar senão com o Edilogum.

Sobre o culto de Ifá paira, pois, ameaça de desaparecimento, embora subsista ainda na Bahia.

Mas, trabalhem os Babalawôs com Ifá ou com Eshú, devem obedecer em suas jogadas a certo número de regras que nos resta agora definir. Primeiramente, a consulta não pode se realizar em qualquer lugar. Tornamos a encontrar aqui o espaço sagrado, com o qual já nos tínhamos deparado no

Candomblé. Toda casa de Babalawô contém, afora os aposentos da habitação, um quarto especial, no qual Ifá ou Eshú são interrogados. Não é tudo; neste cômodo, já consagrado por sua função e muitas vezes pela sua ornamentação, há um lugar que apresenta como que um grau mais alto de santificação: é a mesa sobre a qual são atirados o colar ou os búzios. Pode ser uma pequena bandeja de palhas trançadas, bem chata, com os bordos ligeiramente revirados, ou, então, uma grande mesa formando um círculo constituído pelos colares dos deuses (o primeiro, o mais exterior, de Shangô, o segundo de Oshalá, o terceiro de Ògún e o quarto, o mais interior, composto de todas as cores para todos os outros Orishás): O opelê ou os búzios devem cair no interior deste círculo "encantado".

Encontramos igualmente na consulta a lei de participação que tanto nos chamara a atenção em capítulo anterior. Para que Ifá ou Eshú possam responder, é preciso que uma participação seja previamente efetuada entre o colar, os búzios e o consulente, de um lado, e o mundo sobrenatural, de outro. Eis por que cada consulta obedece ao seguinte esquema:

- 1) O Babalawô começa por fazer oração em língua africana, para pedir à Ifá ou a Eshú que tenha bondade de responder às perguntas que lhe serão feitas;
- 2) O consulente toma na mão esquerda um búzio que não esteja quebrado, ou dois búzios colados um ao outro pela base: O akoueo, e na mão direita uma pedrinha, o adjikoní. Se a pedrinha responde: "sim", o resultado é positivo, ibo-lotum; se o búzio duplo responde: "não", o resultado é negativo, ibo losi;
- 3) Antes de começar, o Babalawô coloca os búzios em participação com o consulente, tocando com os búzios, ou com o colar, sucessivamente, à testa deste último que é a sede do ori ou espírito, o coração que é o centro da personalidade, e as duas mãos que seguram os búzios ou a pedra, pois estes devem responder de acordo com a vontade de Ifá ou de Eshú;
- 4) O Babalawô conversa em voz baixa com seu colar ou com seus búzios;

- b) A consulta começa. O Babalawô formula uma questão, depois atira o opelê. Retornemos o exemplo já dado anteriormente. Imaginemos que a parte direita do colar, ao cair, apresente uma metade do Irete, e a parte esquerda uma metade de Irosun (uma vez que o Odú é sempre lido da direita para a esquerda). Neste caso, Irosun ganha por ser o mais velho dos filhos de Ifá.

O Babalawô faz o consulente abrir a mão correspondente, a mão esquerda. Se contém a pedrinha, a resposta à questão formulada é afirmativa; se é o búzio duplo, a resposta é negativa. É claro que a cada questão proferida o consulente junta as mãos e as sacode, de modo a fazer búzio e pedrinha mudarem de posição. Mas não é o caso que leva a pedrinha ora para a mão direita, ora para a mão esquerda, como não é por acaso que o colar recaí no espaço sagrado apresentando esta ou aquela metade de noz sobre a face côncava ou convexa. A dupla participação do consulente com o opelê e, através da oração, do opelê com Ifá, faz com que o modo de deixar cair as metades das nozes, ou a posição da pedrinha obedeam à vontade do dono do destino. Acontece algumas vezes que, apesar de tudo, a resposta permanece ambígua; neste caso, lança-se uma segunda e mesmo uma terceira jogada. A maneira de proceder do Babalawô com o Edilogum é semelhante.

Mas, por que certas respostas podem ser ambíguas? É que a resposta do Odú é dada pelo conjunto de mitos, de lendas ou de histórias a ele referentes, sendo preciso interpretá-las de acordo com o sentido da pergunta formulada. Ora, um engano é possível nas interpretações; a obrigação do Babalawô é, pois, pedir sempre uma ou duas confirmações, de modo a estar seguro de que não se enganou.

Sua responsabilidade de adivinho está em jogo, e ele tem consciência dos deveres de seu cargo. Compreende-se, também, por que se diz algumas vezes que não é suficiente ter boa memória para ser bom Babalawô, pois outra qualidade, a intuição, se exige dele também. Esta intuição ele a demonstra na leitura do Odú, no modo pelo qual tira uma conclusão dos mitos, conclusão aplicável ao caso particular que tem de resolver.

“Ebós dos Odús”

“EBÓ PARA BRIGAR”

Uma panela de barro com areia de praia, um pouco de água de praia no meio da areia, com três folhas de cansaço e corredeira. Por em volta sete crias de pata ou galinha, oferecer para Eshú com um bife acebolado. Parati, vela, charuto e fósforo.

“EBÓ PARA VOLTAR”

Um pinto novo sem asa, botar o pinto no chão, chamar a pessoa, depois colocar no bico do pinto o nome da pessoa com mel e enterrar virado para dentro de casa.

Oferecer a Eshú Mirim.

“EBÓ PARA UNIR”

Ebó de Oshalá.

Cozinhar cangica com mel, dois pombos brancos, dezesseis bolinhos de inhame, acará cozido, depois os nomes dele e dela com endereço, matar os dois pombos dos nomes e os Ashés, colocar mel e os bolinhos pôr em volta e tampar com vela de sete dias, branca.

“EBÓ PARA DIVERSAS POMBAGIRAS”

Uma farofa, um bife em cima com dendê, acebolado e sete crias, pôr em volta.

“EBÓ PARA UNIÃO”

Um coração de boi. Cortar de 4 pedaços, oferecer a Ògún com os nomes dentro e botar mel.

“OUTRO EBÓ PARA VOLTAR”

Dois bruxos brancos. Colocar os bruxos num alguidar, no macho o nome dela, na fêmea o nome dele. Matar dois pombos em cima, enfeitar com ecuru e legumes e colocar mel.

“EBÓ PARA GAMAR”

Um obi, uma lata de terra, defecar dentro e deixar sete dias, depois tirar e oferecer na comida ou no café.

“EBÓ PARA AMANSAR”

Oferecer uma comida para o Santo dele, no meio da comida oferecida matar um pombo carijó e botar cabeça, pés e asa e o resto dos ashés em cima; matar o pombo derramando o sangue em cima de uma peça de roupa dele e depois de três dias enterrar na amendoieira a comida, a roupa, o corpo do pombo, botar na travessa com folhas de Yansá, Ògún, Oshalá.

“EBÓ PARA MUDAR”

Uma espiga de milho assado, untar com azeite-de-dendê e botar no prato e oferecer a Yansá.

“EBÓ PARA NAMORADOS”

Um coração de boi, partir em quatro pedaços, botar mel de abelha com o nome da pessoa e oferecer a Ògún.

“EBÓ PARA CASAMENTO AMARRADO”

Pegar três pães pequenos, passar no corpo e oferecer às almas na igreja, com cravos brancos e rosas.

"EBÓ PARA SACUDIMENTO DE ÈGÚN"

Passar no corpo uns bolinhos de farinha, botar na folha de mamona e despachar na estrada.

Milho, alho, milho vermelho, amendoim torrado, botar tudo num tabuleiro forrado com toalha branca e entregar para Tempo.

"EBÓ DE OBÁLUAYÊ"

Coloque milho vermelho de molho, passe na máquina, peneirando depois, fazer os bolinhos, colocar na folha da mamona, amarrar e botar em banho-maria para cozinhar.

"EBÓ PARA SUBIR"

O milho picado com água mineral Lindóia. Colocar num alguidar sete nomes de pessoas altas, colocar no alto e oferecer a Shangô.

"EBÓ PARA RESOLVER"

Torrar feijão fradinho no azeite-de-dendê, botar num alguidar ou na folha de mamona.

"EBÓ PARA UNIÃO"

Um prato raso branco, os nomes no meio, matar um casal de pombos em cima dos nomes, depois de mortos colocá-los em cima e amarrar a ambos com morim branco e colocar em cima de uma árvore. Oferecer a Tempo.

"EBÓ PARA ERÊ"

Farofa de mel, enfeitar com banana ouro.

"OUTRO EBÓ PARA OBÁLUAYÊ"

Farofa de mel, enfeitar com banana da terra, colocar no dendê.

"EBÓ PARA OSHUM"

Feijão fradinho cozido com camarão inteiro, dois ovos e enfeitar com alface.

"OUTRO EBÓ PARA AMANSAR"

Escrever nove vezes o nome da pessoa, botar numa garrafa com água, azeite doce, mel, sacudir, depois tampar, enrolar numa roupa dele. Todos os dias sacode e pede.

"EBÓ PARA BRIGAR"

Quarenta e nove grãos de pimenta-malagueta, pimenta da Costa, sete pedras de sal grosso, espalhar no portão, no telhado ou no canto da casa onde pisa.

"OUTRO EBÓ PARA BRIGAR"

Sacos de pimenta-malagueta em número ímpar, colocar os nomes dos dois no meio, botar açúcar conforme a quantidade de pimenta. Lançar em um formigueiro.

"BANHO PARA GAMAR"

Erva-doce, alfazema, açúcar, colocar o nome do candidato no banho e jogar do pescoço para baixo. Não deixar a água ferver.

"DEFUMADOR PARA CHAMAR CLIENTE"

Fumo de rolo e açúcar, defumar de dentro para fora e de fora para dentro.

"OUTRO EBÓ PARA VOLTAR"

Um obi em cima, o retrato dos dois, colocar mel, acender duas velas e colocar numa tigela branca.

"EBÓ PARA VIRAR"

Sete pimentas-malagueta e cominho, nome dele e dela, uma vela acesa de fundo para baixo.

"OUTRO EBÓ PARA VIRAR"

Sete sardinhas inteiras, em cada uma o nome da pessoa dentro, acender em volta de cada uma vela e outra no meio, entregar aos reis dos Eshús.

"EBÓ DE OMULU PARA VIRAR"

Sete caranguejos, furar e colocar o nome da pessoa dentro, colocar dentro de um alguidar, enfeitar com pipoca de milho de galinha, amendoim torrado, acender velas em volta.

"EBÓ PARA DESMANCHAR NAMORO"

Um coração de boi, um Santo Antônio de pau, sete espinhos de laranjeira.

Tudo junto e amarrado com fita preta. Colocar dentro do coração e botar pimenta-da-Costa e entregar à pombagira Bucaponga.

"YANSÁ ALOPOTA"

Feijão fradinho passado na máquina. Pôr cebola, camarão e dendê.

"ÒGÚN"

Ecuru de aipim cozido, fazer bolinho, colocar mel e azeite doce.

"EBÓ DE OSHALÁ"

Milho cozido e coco ralado misturado. Colocar na cabeça da pessoa e dar um pouco para a pessoa comer. Colocar ori.

"OSHALÁ"

Milho branco com ori.

"OSHALÁ ECURE"

Inhame cozido e socado.

"SHANGÓ MENINO"

Chuchu, abóbora num alguidar. Botar sete punhados de açúcar, despachar na pedreira.

"EBÓ DE AMARRAÇÃO"

Um coração de boi, um casal de frangos, uma panela com tampa, pano de ambos, uma galinha vermelha, um pombo, um obi, pimenta-da-Costa. Tudo dentro do coração, amarrar com arame de cobre, enterrar numa bananeira. Chamar Yansá.

"ÒGÚN"

Feijão miúdo torrado, dois ovos cozidos, cortados em rodelas, sobre elas colocar rodelas de cebola, por cima uma farofa, dendê com camarão, cinco rodelas de cebola, cinco rodelas de ovo.

"EBÓ PARA CHAMAR ALGUÉM"

Acarajé com o nome, colocar o mel (acarajé recheado).

"MAIS OUTRO EBÓ PARA BRIGAR"

Acarajé regado com pimenta-malagueta, colocar o nome da pessoa e entregar a Yansá.

"COMIDA PARA ÈGÚN"

Carne do pescoço do boi, um pirão de farinha de mesa, seis rodelas de pão em fatia, vinho tinto moscatel, uma mo-

ringa com água, sete bolinhos de farinha com carvão virgem, um bolo de mel, um bolo de dendê, um bolo de terra, um pedaço de pano branco para passar no corpo, vinte e um acaçás e vinte e uma velas, despachar no rio, depois dar um banho de Oshalá, erva-sabugueiro, pitanga, folha da Costa.

“EBÓ PARA O AMOR”

Três pedaços de carvão virgem, três espinhos de rosa, o nome no meio, o espinho em cima do nome, botar azeite-de-dendê, colocar no pé de árvore.

“OUTRO EBÓ PARA AMARRAÇÃO”

Uma quartinha com tampa virgem, um vaso de planta, mel, azeite, vinho, um obi, pimenta, azougue, dois Santo Antônios, uma oração de Santo Antônio, uma medida da meia dele, duas velas pequenas de cera, sete metros de fita de todas as cores, fotografia dos dois, folha de alfavaca.

“YANSA”

Um pombo carijó, tirar oito penas de cada, asa, cabeça, os pés e colocar dentro. No final, um obi e pimenta-da-Costa.

“OUTRO EBÓ PARA VOLTAR”

Um coco verde, cortar e colocar o nome dentro, colocar no pé do coqueiro, acender do lado, botar água com mel.

“EBÓ PARA AMANSAR OSHÓSSI”

Amendoim cozido com coco sem descascar, matar um pombo.

“EBÓ PARA SUMIR” (OBÁLUAYÊ)

Um caranguejo, com nome dentro da casca, botar dentro de uma caixa, acender uma vela e jogar no rio.

“EBÓ PARA IR EMBORA”

Sete ovos, quebrar na estrada. Soprar cinza.

“GARRAFADA PARA BRONQUITE”

Três caramujos, três molhos de agrião, três rapaduras.

“GARRAFADA FORTIFICANTE”

Um milho quinado, 250 gramas de ameixa, um pedaço de breu, saião, erva-cidreira, noz-moscada, uma cenoura, lima-da-pérsia verde, canela em pau, chocolate em pó. Tudo moído, colocar no vinho.

“GARRAFADA PARA POTÊNCIA”

Pimenta de macaco, pau de resposta, raiz de marmelo, castingueira rasteira, dandá da Costa, espinho, cigano (raiz ou folha), vinho moscatel, amendoim, canela em pó, noz-moscada, milho de galinha torrado, cravo do reino.

“ATIM DE ÒGÚN”

Pemba azul, pixurum, noz-moscada, dandá naje, aje ossum, santos olhos, sândalo.

“PARA CHAMAR DINHEIRO”

Arroz cru, milho de galinha cozido e misturado.

“ATIM DE OBÁLUAYÊ”

Feijão preto torrado, noz-moscada e pixurum.

“EBÓ PARA PEDRA NOS RINS”

Pata de vaca, sipó cabeludo, cabelo de mulher, quebrapetra, colocar no chá uma colher de chá de dessopetra, usar água mineral.

"EBÓ PARA DOR NOS RINS E HÉRNIA"

Colocar perfume, mel, uma quartinha, acender vela, mudar toda quinta-feira.

"EBÓ PARA CASAMENTO"

Oito espinhos de ouriço cacheiro, dois pratos brancos: um raso e um fundo. Um casal de pombos, dois copos lisos, duas maçãs, cangica, dendê, mel, um feijão fradinho com cebola, depois ovos, três espigas de milho com mel e dendê, três pedras de carvão, meio quilo de arroz japonês, passar na pessoa, duas velas de sete dias.

"EBÓ PARA TIRAR DO EMPREGO"

Quebrar na porta do emprego três ovos chocos em cima de uma boneca de cinza. Quebrar na presença do patrão e empregado.

"ATIM DE ESHÚ"

Palmatória, folha de fogo, maricá, pemba preta, sete qualidades de pimenta, um pouco de cinza, um punhado de lima de sete encruzilhadas, dormideira, espinho de cigano, rebenta cavalo, uma casa de marimbondo, terra de formigueiro, sete pedras de sal grosso, pólvora.

"EBÓ PARA DESMANCHAR NAMORO"

Um bife passado no dendê, debaixo do bife o nome, em cima três rodelas de cebola, um pouco de arroz, sete pimenta-da-Costa, cigarrilha, farofa.

"EBÓ DO TEMPO"

Um metro de morim branco, umas flores, vinho moscatel, um frango branco, matar em cima do morim, vela, fazer esse ebó no tempo.

"EBÓ PARA BOTAR NA PIOR"

Uma galinha de pescoço pelado, colocar o nome no edi e no bico, depois esgana pelas costas, o nome dentro com pimenta e cachaça, enterrar no formigueiro e entregar à pom-bagira da Figueira.

"EBÓ PARA PRENDER"

Fava de pixurum, uma medida de calça, colocar dentro do copo virgem com mel, matar um pombo branco, colocar com os ashés, colocar no saco branco e entregar para Tempo numa árvore bem alta.

"EBÓ PARA DESCARREGO"

Uma galinha. Cortar nas costas e cuspir três vezes dentro da mesma, um pano branco, depois passar a galinha no corpo, umas flores, milho, alho, milho de galinha torrado, amendoim torrado, acaçá, despachar na encruzilhada.

"OUTRO EBÓ PARA PRENDER"

Uma pedra de carvão virgem, botar no feijão, depois botar para secar e ralar o carvão para fazer atim, uma noz-moscada, oripepe, ameixa branca, aridã, uma pemba. Tudo torrado.

"PERFUME PARA ATRAÇÃO"

Um vidro de perfume, atim de Oshalá, erva amor do campo, azougue.

"EBÓ DE ESHÚ"

Cansação, pimenta-da-Costa, pimenta-malagueta, depois a matança.

"SACUDIMENTO DE ESHÚ"

Galhos de pinhão roxo, sacudir o quarto todo, colocar nos pés de Eshú, depois sacudir com uma vela roxa, oferecer a Eshú

no alguidar numa encruzilhada. Botar cachaça para Eshú, dar dinheiro para a pessoa.

“EBÓ PARA O MAL”

Sete ovos cozidos para pombagira nùm alguidar, colocar os nomes e tampar.

“EBÓ PARA IR EMBORA”

Cortar o jiló em cruz, colocar o nome da pessoa dentro e fechar com alfinete, depois de quatro horas, tirar o alfinete e pregar no jiló novamente, sal dentro do jiló com pimentada-Costa e dendê quente, depois colocar em água corrente para sumir.

“EBÓ PARA VOLTAR”

A mesma coisa de cima, fermentar o jiló, colocar no fundo os nomes e adoçar com mel e atim de Oshalá.

“COMIDA PARA O JOGO DE BÚZIOS”

Um pombo branco, um obi, um orobô, na tigela camida para o fogo, os búzios, o obi, orôbo, mel, vinho, azeite doce.

“SACUDIMENTO PARA ERÊ”

Tudo que é qualidade de frutas, picar e passar no corpo da criança ou pessoa, matar um frango branco novo, despachar na grama.

“OUTRO EBÓ PARA VOLTAR”

Um cração de boi, partir ao meio, numa banda colocar o nome dele, na outra o nome dela, cobrir de cangica, depois enterrar a Oshalufá com vela de sete dias.

“EBÓ PARA VIRAR A PESSOA”

Dois quilos de pimenta-malagueta socada, dentro o nome, os bifes em cima, bofe. Botar dendê, mel, atim de Eshú, entregar à pombagira do Inferno da Calunga.

“EBÓ PARA CHAMAR CLIENTE”

Dois quilos de milho cozido no fundo de uma vasilha, sete moedas. Sair de manhã antes do sol nascer, fazer a volta jogando pela rua. Gritar por Ògún, entrar no portão, tirar as moedas e colocar no jogo.

Arriar num omolocum para Oshum e Yansã os acarajés.

Depois de sete dias dar um ajabó para Shangô dentro de casa com nove moedas, botar no canto do quintal e pôr em cima da casa, as moedas colocar no jogo.

“OUTRO EBÓ PARA PRENDER”

Sete maçãs, sete Santo Antônio, em cada maçã botar mel, dendê em cada Santo Antônio, colocar o nome e amarrar com uma fita branca e depois tampar. Oferecer para os Erês no mato ou jardim, colocar bala, cocada, guaraná.

“EBÓ PARA PERTURBAR A PESSOA”

Um cabrito pequeno, matar pela cabeça, deixando-o ainda vivo, colocar o nome. Soltar o mesmo, quatro frangos ainda vivos, um pombo carijó atrás. Antes desse serviço botar comida para Ègún. Acarajé, aberém, acaçá, apadê, cangica, amendoim torrado, legumes, mingau.

“EBÓ PARA ESHÚ DO LODO”

Uma garrafa de parati virada para baixo com vinte e uma tiras de papel costurada com o nome. Toda a roupa usada da pessoa, tampar e enterrar de cabeça para baixo no lodo. Em cima sete acarajés, sete velas ao contrário.

"EBÓ PARA UNIR"

Virar os anjos da guarda de ambos, trocar as imagens, unir de frente, enrolar uma peça de roupa dentro de uma tigela, bater três claras de ovo em cima e colocar mel.

"EBÓ DE PRAGA"

Passar sete velas no corpo, depois amarrar e jogar na estrada, depois passar uma língua de boi no corpo e rasgar a roupa, despachar no mato, depois o banho limpo e abô.

"EBÓ DE ÈGÚN"

Papa de feijão fradinho, nove velas para passar e quebrar, papa de acaçá, papa de arroz, doburú, dois panos brancos no chão e outro para limpar, nove pratos, nove pedras de carvão, nove galhos de armeira para saúde, colocar champanha para Yansã. Luminar o Ègún.

"EBÓ PARA TIRAR A BEBIDA"

Chamuscar sete bifés de fígado no dendê no fundo do alguidar, forrar com mamona os bifés, colocar na casa de Eshú, untar com cachaça e pedir o mesmo, depois entregar a Eshú.

"EBÓ PARA TOCAR FOGO"

Um mamão com retrato desenhado, dentro sete nomes, deixar três dias no tempo. Acendendo todos os dias, no final de três dias tocar pólvora no mesmo.

"EBÓ PARA OBTER ALGO"

Pegar uma folha de manjeriçã na palma da mão, oferecer para o tempo. Fazendo o pedido, depois colocar no íbá de Obáluayê.

Teia de aranha no íbá da Oshum, botar mel.

"EBÓ PARA ATRASAR ALGUÉM"

Um lenço branco, sete espinhos de laranjeira, um Santo Antônio, arroz com casca, tudo dentro de uma caixa.

"ABÓ DE QUINTAL"

Um pote, dentro colocar manjeriçã, alecrim, guiné, colônia, eucalipto, obi, orobô, levante, saião, tudo quinado.

"COMIDA DE OSHUM"

Milho torrado com dendê e mel.

"EBÓ PARA ARRASAR"

Vinte e uma agulha, vinte e um alfinetes, azougue e pimenta de todas as qualidades, dendê, fazer um buraco em um repolho, colocar tudo dentro e enterrar na sepultura com resto de comida ou roupa usada.

"OUTRO EBÓ PARA ARRASAR"

Sete pepinos em rodela, crivar de alfinetes com o nome da pessoa, um alguidar de barro, colocar no dendê, pimenta, fezes da pessoa, enterrar na lama.

"MAIS UM EBÓ PARA ARRASAR"

Uma panela de barro, sete caranguejos, os nomes das pessoas, pimenta, dendê, sal grosso, sal de sardinha, olho de boi, unha de Eshú, três ovos chocos, depois colocar pomba e mexer, colher de pau inteira na lama, oito alguidares grandes, duas facas virgens, tesoura virgem, navalha com cabo, seis tigela brancas, doze pratos brancos: seis fundos, e seis rasos, cinco quartinhas: uma com alça, duas tigelas de barro, quatro bacias de ágata, um quilo de palha da Costa, um quilo de búzios, todas as pombas sendo duas da cada cor, dezessete pulseiras amarelas, um pente, um espelho.

“EBÓ PARA PROTEGER A CASA”

Sete pães de sanduíche, circular em cada um uma moeda com mel e enfeitar com acaçá e Ebó de Oshalá, um par de olhos de cera, entregar a Oshum. Colocar no telhado do barracão, deixar vinte e um dias, despachar em uma árvore.

“EBÓ PARA PAZ”

Um metro de morim e um de cetim, cozinhar em um quilo de arroz, depois colocar uma camada de arroz, uma de açúcar cristal, fazer uma trouxa e pendurar no fulano que passa.

“EBÓ DE YAWÔ”

Tudo cru perto da encruza, chamar por Babá Ecurê.

“1.º dia — 2.ª-Feira”

Uma garrafa de cachaça, carne seca, carne fresca, fubá, macarrão, café, fósforo, charuto, legumes, todas as espécies de feijão, passar no corpo, despachar na porta da calunga. Chamar Alaporíó e Alá Palá.

“2.º dia”

Feijão cozido, pano vermelho e preto, acaçá amarelo, linha vermelha e preta, passar no corpo e por tudo no mato.

“3.º dia”

Ebó branco — Este é no rio, bolo de arroz, bolo de farinha, doburú, feijão branco, padê de mel, padê de água, sete acaçás brancos, sete velas para quebrar, frango branco e linha branca.

OBS.: No dia que fizer o primeiro ebó tem que fazer este para sete calungas, um bife, sete caixas de fósforos, sete charutos, sete velas, três garrafas de cachaça, pano preto, pano

vermelho. Fazer também uma matança na encruza com três acaçás vermelhos, um frango avermelhado, um litro de mel, epô, vela, cachaça, barufá os quatro cantos, chamar por Bará Gitossu-Alakesso, Bará Bassuvá.

“EBÓ DE MISERICÓRDIA”

Uma tainha, pirão de epô, travessa de barro, sete velas. A cabeça da tainha, as velas no rabo do peixe.

“MATANÇA DE ÈGÚN”

Um galo vermelho, sete acaçás vermelhos, sete acaçás amarelos, mel, dendê, sal, uma cerveja, vinho branco de mesa, salvar Ògún Ware Xorokê.

Chamar por Oiá Ozangue, balangama.

“EBÓ DE OSHALÁ, TEMPO e RIO”

Uma tigela branca, Ebó de Oshalá, seis ovos cozidos com mel, vinho branco, vinho moscatel, sete palmas brancas, jogar seis e um quebrar em três, depois de passar no corpo.

“EBÓ DE PRAIA”

Balaio, ebô, fruta, flores, fitas, espelho, perfume, vinho branco, champanha, pente, sete velas e mel.

“ADOCHO DE YAWÔ”

Ossum, Wage, ori d'Angola feito da cabeça da conquém, sabão da Costa, folha da Costa, obi ralado, sândalo, bejerecum, pixurum, dendê, atim, folha de aioco.

“ASSENTAMENTO DE ESHÚ”

Enxofre, pena de Omulu, azougue, pimenta, imã, pó de ferro, carvão de coque natural, sal grosso, osso de Ègún, var-

redeira de chão, terra de sete encruzilhadas, areia de praia, lama do rio do mangue da beira da lagoa.

"CORPO HUMANO"

ALAN, fêmea; ORI, cabeça; IJARO, nuca; ETU, orelha; IMUN, nariz; IBAM, queixo; IRUN, cabelo; IREM-BEN, barba; EFIN, dente; ETI, lábio; APA, braço; ONÓ, mão; ECANA, unha; ESSÉ, pé; ITAM-KO, coxa; IDI, vagina; KITABA, ânus; EIPÁ, testículo, osso; ENÁ, carne; ANCE, carne; IJÉ, sangue; EJÚ, olho; OJÚ, olho; ENIM, boca; OBO, nádegas; OALN, coração; AKO, macho.

"VESTUÁRIO"

ACHO, roupa; ABATA, sapato; OJÁ, faixa; ABETE, chapéu; PEKE PETRO, chapéu de sol; TILAF, gorro; AXO DUDU, roupa suja.

"CARGOS RELIGIOSOS"

BABALORISHÁ, pai-de-Santo; BABALAWÓ, sacerdote que consulta com jogo; YALORISHÁ, mãe-de-Santo; ALUFÁ, sacerdote de Oassulumin; PEJIGEM, zeladora de peji; OGÁ, padrinho; OGÁ NILU, chefe de tocadores de atabaques; OSHO-GUM, sacrificador de animais de 4 e 2 pés; ABABÉ, chefe dos tocadores de atabaques; IAKAKERÉ, mãe-pequena; PATOLIM, pessoas antipáticas.

"RESGUARDO OBÁLUAYÊ"

Abacaxi, jaca, banana d'água, couve, pepino, caranguejo.

"OGÚN"

Alpim, manga, carne de porco, cabrito, peixe de pele, pé de galinha.

"OSHUM"

Ovo, peixe vermelho, melancia, tangerina, salsa.

"SHANGÓ"

Quiabo, rabada, jenipapo, banana d'água.

"OSHÓSSI"

Tatu, salsa, porco, tangerina, coelho, manga.

"YEMANJÁ"

Melão, salsa, chuchu.

"CANTIGA PARA BORY"

O QUI LAJAE, O QUI LAJAO, O QUILAPAPA,
[COMO ONO]

OLORO CODABORO
OLORO CODABORO
ORI ASHÉ
OLORO CODABORO
ETUN CONQUÊM
ETUN ALUA CONQUÊM
ETUN ALUA CONQUÊM

"EFÓ"

"COMIDA PARA OBÁLUAYÊ"

Fermentar a mostarda, depois bater, colocar camarão seco socado, azeite doce, um pouco de dendê, cebola, um pouco de água.

"ALGUIDAR DE OBÁLUAYÊ"

Camarão de molho, depois passar na máquina, depois na peneira, mexer o pirão, enrolar na folha da bananeira.

"XIM-XIM"

Tudo picadinho com cebola, rabada, azeite-de-dendê, abe-rém, banana da lima, fritar com dendê, a sobra do dendê

fazer a farofa no mel. Enfeitar com as bananas em volta. Colocar ovos cozidos no meio das fatias das bananas, jogar azeite nos ovos.

“COMIDA PARA NANA”

Cozinhar feijão branco, depois socar, colocar cebola, rabada, azeite-de-dendê, colocar no fogo, enfeitar com alface.

Cozinhar feijão-preto com dendê, cebola, camarão.

“PEIXE DE YEMANJÁ”

Assar sem tirar as barbatanas, colocar farofa ao lado do peixe, enfeitar com cebola, ovos, tomate.

“PARA ÈGÚN”

Meio quilo de carne, um alguidar para pirão, um par de ecuru, fumo de rolo. Para enfeitar, os acurus brancos e o dendê, passar no corpo as velas, quebrá-las, passar no corpo, depois, as folhas para sacudir com a última.

“Culto aos Orishás — O Candomblé”

Trazido, sem qualquer dúvida, para o Brasil pelas várias tribos ou nações de negros que aqui chegaram como escravos, aparece, em nossa terra, o que, de um modo geral, é denominado de Candomblé.

Não se pode dizer, de forma alguma, que o Candomblé é uma seita e, menos ainda, uma religião. É, na verdade, uma série variadíssima de danças, costumes, rituais, folclore e com certa influência religiosa que, tudo junto, recebeu aquele nome.

E tanto é que, nas suas diferentes modalidades de rituais, vamos encontrar, com os nomes de ANGOLÃO, CONGO, ANGOLA-PAQUETÁ, KÊTO-MUSSURUMIM, CONGO DE OURO, KÊTO-ABICU, CATIMBÓ, NAGÓ, JEJÊ, IGEXA e muitos outros, todos originados do feitichismo africano, ou em outras palavras, resultantes das práticas fetichistas dos antigos escravos, aquilo a que chamamos de Candomblé.

Não importando, de modo algum, a modalidade em que seja praticado, uma só e única característica se poderá notar e esta característica, justamente, nada mais é do que meios ou métodos de se render homenagem a DEUS ou, melhor, aos diferentes deuses que, como ORISHÁS, tinham os negros escravos.

Começando, logicamente, com toda a sua pureza, foi o Candomblé, pouco a pouco, se difundindo e se modificando, num ou noutro estado, numa ou noutra região deste nosso imenso Brasil.

Para nossa terra, como se sabe, vieram negros de Angola, do Congo, bem como os negros muçulmanos Malês, célebres pela revolta que aqui fizeram em 1865 e muitos outros e, cada uma dessas raças, vamos dizer, praticava o Candomblé à sua moda, atendendo, realmente, a uma ritualística que perdurou e ainda perdura, embora em muito pequena parte, até os dias atuais.

De todas as nações negras que aqui estiveram e nos deixaram suas raízes religiosas ou candomblecistas, a mais antiga é a de Angola.

Os Bantus, a seu turno, também deixaram sinais fortes de sua influência nos rituais candomblecistas.

Realmente, porém, do verdadeiro e puro Candomblé africano, muito pouco ou quase nada resta entre nós, a não ser em Bahia onde vamos encontrar muito do puro e tradicional Candomblé e, quanto a isso, pedimos que nos perdoem os que vierem a nos honrar com a sua preferência ou, pelo menos, com a leitura deste nosso livro. O verdadeiro Candomblé mesmo, ainda e só existe em África, na Nigéria, na Costa do Marfim e em algumas outras regiões do continente Africano. Para aqui mesmo, desde o seu início, justamente por ter sofrido a pressão forte e indiscutível do catolicismo imperante e impiedoso naqueles tempos, foram, desde logo, feitas e implantadas diversas e marcantes modificações, tais como, por exemplo, o sincretismo religioso pelo qual passaram, sem nenhuma dúvida, todas as religiões que existiram e ainda existem no Brasil.

De qualquer forma, porém, ainda podemos nos referir ao Candomblé e, neste nosso livro, vamos, exatamente, pretender mostrá-lo de um modo mais puro, real e compreensivo.

Mas, como acima dissemos, o ritual de Angola é dos mais antigos aqui existentes e, a seu respeito, poderemos dizer, antes de mais nada, que o principal fundamento dele era, justamente, os fundamentos da casa ou das senzalas e que eram dedicados a Lã-Buru ou dono da terra, o qual tinha, por es-

cravos, três espíritos malignos que se chamavam Zumbi, Guinzumbi e Gangazumbi. Tais espíritos, que eram escravos antropófagos da terra, comiam a carne e roiam os ossos dos defuntos e, por isso, para os Zeladores terem licença de erguer suas roças, eram obrigados a presentear o centro de suas senzalas com um cadáver e, ao mesmo tempo, terem algo para segurança própria, de sua casa e dos seus.

Isso, na realidade, levou os Zeladores da época a serem perseguidos na Bahia, onde de início apareceram, pois que, constantemente, se constatava a falta de alguns corpos nos cemitérios o que, muitas vezes, vinha a ser sabido por denúncias feitas.

Os referidos espíritos, ou seja: Zumbi, Gunzumbi e Gangazumbi, logicamente, eram espíritos desencarnados ou Êgúns e, como a prática citada não podia ser continuada, os Zeladores tiveram, na ocasião, de encontrar um outro meio de realizarem suas práticas que, na realidade, eram como uma Necromancia (trabalho com cadáveres), sendo os Zeladores, por isso, chamados de nicromantes ou feiticeiros negros ou, ainda, mais tarde, de quimbandeiros. Seriam essas, coerentemente, as denominações que poderiam ser dadas a esses Zeladores.

Aconteceu, então, que os Zeladores resolveram apanhar os seus Êgúns em moedas de cobre e esconjurá-los e subjugá-los nas práticas que julgavam por bem fazer. Daí ter nascido a prática de "plantar os Êgúns" e, como não lhes seria possível conseguir mais ou pelo menos usar cadáveres, serviam-se eles exatamente das moedas de cobre. Queriam assim os Zeladores que os Eshús aceitassem um perispirito negativo nas tais moedas e elas, no final das contas, representavam os próprios Eshús ou Êgúns outros:

Daí o se encontrar, até hoje, em alguns trabalhos feitos nas encruzilhadas ou outros lugares, uma porção de moedas de cobre que, como se verifica, representam as entidades (Êgúns) a que é entregue o trabalho.

Não ficaram os Zeladores, apenas, no uso ou emprego das moedas de cobre para representarem os Ègûns ou outras entidades e, foi justamente quando apareceram outros materiais, tais como: bambuzal de qualidade, azocrim, azougue, pimenta-da-Costa, outros tipos de pimenta, limalhas de ferro, de aço, de cobre, de metal, de bronze, carvão de pedra, enxofre, galo preto, um pombo preto ou um diabo de ferro ou algumas outras ferramentas, tudo isso para que os Zeladores e seus seguidores, fossem representados os Ègûns.

De acordo com a prática, o Zelador esperava vinte e um dias, findos os quais, ele levava para sua Roça os materiais que tivesse utilizado para, com eles, firmar, em sua Roça, seus pontos de apoio ou de segurança.

Além disso, os Zeladores também ofereciam às entidades festas com bodes pretos, galos pretos, pombos pretos e comidas secas, cachaça, velas, farofas, etc., tudo isso, porém, sem deixar de cumprir com suas mais sérias promessas para convencer as entidades a aderirem a tal sistema de vida. Essas promessas constavam de dar liberdade às referidas entidades, liberdade total, nos seus dias de festas. As festas das máscaras eram, entre outras, as que se realizavam com tal finalidade e, nas mesmas, davam o nome do Afoxé que, para muitos, era apenas distração, enquanto que, para outros, um desabafo pelos seus cansativos dias de escravidão, durante todo o ano, de sol a sol, e até mesmo pela madrugada adentro. O Carnaval, também, era incluído em tais festas, embora, na verdade, se tenha o Carnaval como originário das festas pagãs dos romanos.

“ORISHÁS DE ANGOLA E CORRESPONDENTES DE OUTRAS NAÇÕES”

Embora não muito lógica, dentro do âmago dos Candomblés e, justamente em consequência da grande quantidade de nações negras vindas para o Brasil, os Orishás do Candomblé

tinham denominações por demais variadas, de acordo com os que o praticavam, tais como:

ANGOLA:

LEMBÁ
ROXO MACUMBO
TANANIM ou TAUAMIM
ZAZE QUENDENBALA ou KASSUBETA
BANBURURUCURA
NANÁ-IACÔ
VIAGÔ
CATENDÊ
DANDABUNGA
CAMBA-LACINDA, RERÊ IZAQUITALA
LÃ-BURU

OUTRAS NAÇÕES:

OSHALÁ
ÒGÚN
OSHÓSSI
SHANGÔ
YANSÁ
NANÁ
OMULU
OSANI
YEMANJÁ
OSHUM
PÓ.

Na Angola, em seus primitivos tempos, os escravos (Eshús) eram chamados de Bombogira ou Aluvalá, porque, para os Candomblecistas, os Eshús não têm direito de entrar nas Roças e, justamente por isso, é que se prepara o Padê para ser despachado antes do início das sessões nas Roças. Para os candomblecistas, portanto, eram os Eshús, praticamente, considerados como Aluvaiás, isto é, perturbadores.

Com o passar dos tempos, muita coisa de sua pureza primitiva mudou no Candomblé praticado no Brasil. Em seus comêços, por exemplo, os negros africanos tinham como ponto inicial da vida de seus filhos uma folha e que, segundo eles, quando nascia uma criança, essa folha era levada ao curandeiro da tribo para que ele a purificasse, por meio da folha, o espírito da criança e, assim, para ter a possibilidade de dizer se a criança tinha ou não condição de vida para resistir as lutas futuras que, como criatura humana, teria, logicamente, de enfrentar.

Essa folha era cortada, raspada e curada e, assim, era feito o Santo na criança, ao contrário de como é feito hoje em dia. A criança era enrolada nessa folha e posta aos pés do Santo

por determinado tempo. Note-se, porém, que esta folha é por demais perigosa, de vez que tanto pode matar como curar. Somente pessoas credenciadas e conhecedoras dessa folha é que poderiam colhê-la e lidar com ela e, na conformidade da antiga filosofia baiana, entre os escravos, representava essa folha tudo o que é falso, mesquinho ou indesejável.

Passando o tempo em que a criança, envolvida na folha, ficava aos pés do Santo, ia-se ver se ela tinha ou não resistido ao veneno, sem dar sintomas de qualquer doença e portanto, com a saúde boa e com o seu corpo compatível com o seu Orishá ou vice-versa.

Felizmente, porém, essa prática, isto é, o uso dessa folha desapareceu com o tempo, de vez que tal prática foi condenada.

Na realidade, em seu início, o Candomblé e, de um modo geral, todas as demais práticas religiosas trazidas pelos africanos para nós eram repletos de atos que bem poderiam ser considerados de atrocidades, selvageria ou coisa parecida; no entanto, o tempo passou, as mentalidades dos próprios negros africanos do Brasil se esclareceram, leis foram criadas pelos governos e, assim, foi modificado, em tudo por tudo, o que era feito quanto à prática dessas religiões ou seitas, entre elas o Candomblé.

Todavia, como já dissemos antes, o verdadeiro e puro Candomblé não existe; na verdade, nos dias de hoje em nossa terra, nota-se, porém, que é na Bahia que ainda se encontra muito, mas muito mesmo, do antigo e verdadeiro Candomblé.

São todos eles tradicionais e sua prática foi legada aos descendentes ou herdeiros dos antigos Sacerdotes ou Zeladores de Santo e isto, para nós, é motivo de satisfação e alegria. Entre outros, por exemplo, poderemos citar Menininha do Gan-toá, Senhora e alguns outros.

Uma coisa, realmente, existe, por parte de todos os que praticam o Candomblé, justamente por ser uma espécie de princípio básico ou regra fundamental o fato de que é a Eshú que, antes de serem feitas obrigações ou cerimônias outras nas Roças, se dá os primeiros e maiores cuidados.

Em outras palavras, isso quer dizer que, nas Roças, a primeira coisa que deve ser feita é o tratamento a Eshú. Ele é, portanto, o ponto de partida para tudo o mais dentro de uma Roça ou Barracão de Candomblé. Fosse para as obrigações dos filhos da Roça, fosse para atendimento de pessoas que necessitassem dos Orishás ou outras entidades, antes de mais nada, terá de ser tratado o Eshú, mesmo porque, como se sabe, cada Orishá tem o seu próprio Eshú como, também, o seu próprio Erê.

Nos antigos Candomblés, as obrigações feitas para Eshú tinham, geralmente, o nome de "venda dos escravos". Eram eles, como bem se poderá dizer, uma enorme festança para o bem de uma só pessoa, pois, sempre que eram feitas, sua finalidade era justamente favorecer a alguém. A esse respeito, as abiãs (iniciadas) recebiam orientação e instrução especiais.

Havia melodias litúrgicas especiais e apropriadas para tudo isso e, hoje em dia, infelizmente, são elas cantadas totalmente alteradas, de vez que são usadas para o Tempo e para Omulu quando, na realidade, deveriam ser cantadas, apenas, para as chamadas "vendas dos escravos". O que então se cantava e que hoje foi modificado sem que, para isso, haja uma razão que justifique, era o seguinte:

"PEQUENININHO COMO GATO DO MATO
ABAIXADINHO COM A BARRIGA NO CHÃO
TATÁ VODUM QUE AMÊ
PAPAI E MAMÃE TA NO CALABETÃO.

Ê AÊ AÊ. PEQUENININHO CAFULÊCONGO
CONGO MAVULÚ, MAVULÚ, QUE AÊ, AÊ
CONGO MAVULÚ, MAVULÚ, QUE AÊ AÊ
[CAFULÊCONGO.]

Tais melodias litúrgicas eram importantes para as Abiãs, no início de sua vida nas Roças de Candomblé e, portanto, de grande importância para o aprendizado de um modo geral. Eram, também, importantes para mexer com os sentimentos das pessoas, tal o seu significado.

Era também importante se observar que, depois dos Orishás das Abiãs terem "virado" nelas, falava-se com eles cantando-se o seguinte:

"SIMBÊLÊ, VODUM NO SIMBÊLÊ-CÔ
SIMBÊLÊ, IAIÁ NO SIMBÊLÊ CÔ-QÊ."

Dizendo-se os nomes dos Orishás que iam se recolher, cantava-se o seguinte:

"SIMBÊLÊ LENBA NO SIMBÊLÊ-CÔ
SIMBÊLÊ TAMAMIM NO SIMBÊLÊ-CÔ
SIMBÊLÊ KASSUBÊTA SIMBÊLÊ-CÔ
SIMBÊLÊ DANDALUNGA SIMBÊLÊ-CÔ, etc...."

Uma cerimônia também importante nos Candomblés era a "festa dos escravos", ou melhor, "festa para a compra de escravos".

Nos Candomblés de Angola, as "festas para a compra de escravos" eram feitas da seguinte forma:

Um mês antes do recolhimento da Abiã ou Yawô, o Zelador, no meio da festa, "virava" os Orishás de todos. Isso era feito com uma toalha com a qual os Zeladores enxugavam os Orishás, tanto das Abiãs (iniciadas mais novas) como das Yawôs (iniciadas mais antigas). Alguns Zeladores, porém, usavam recolher uma cura de todos os Orishás que raspavam em uma toalha e, usando essa toalha, faziam "virar" todos os Orishás de todos, de uma só vez, colocando todos em um círculo e passando a toalha sobre todos eles.

Nessa ocasião, suspendiam todos os Orishás dos que já eram feitos e das Abiãs que não iriam recolher, ficando, apenas, os Orishás dos que já estavam prontos para recolher. Aí, então, cantavam-se para os Orishás subirem e deixassem ficar os Erês para prosseguirem na cerimônia da "compra dos escravos". Os Erês, como era natural, saíam correndo por todo o Barracão ou Roça, para se esconder e de tal forma o faziam que era bem difícil se localizá-los depois

Minutos depois dos Erês terem saído para se esconder, o Zelador ordenava a quem quisesse participar da brincadeira, que procurasse os Erês e a Yawô, a cujo Orishá pertencesse o Erê, teria direito de "comprar o escravo". Seria, então, o "padrinho do Santo", o "padrinho da Yawô" propriamente dito e, como tal, tinha a obrigação de participar de todas as cerimônias relativas à feitura de sua afilhada, isto é, da Yawô que passava a ser sua afilhada no Santo. Teria, por isso, que oferecer o bicho de quatro patas e algumas outras coisas necessárias à feitura de sua afilhada.

Uma coisa importante e, antes que tudo, necessária para a feitura de um ou uma Yawô, era o que se segue:

1) O iniciado, com sete ou quatorze anos da primeira obrigação e cura, ia se recolher para fazer o Santo. Para isso, era levado a visitar sete senzalas para que os Curadores confirmassem o Santo que estava para ser feito. Não que houvesse dúvida a respeito, pois, desde recém-nascido, como já dissemos antes, tinha sido visto o Santo ou Orishá que regeria a vida da criança. Tinha essa cerimônia, por outro lado, a finalidade de evitar que aparecessem espertalhões que quisessem se aproveitar para ficar com o "filho" para ele e, daí, pregarem mentiras e contrariarem a verdade inicialmente feita.

2) A seguir, passavam-se, tanto o iniciado como os animais que iam ser sacrificados na sua feitura, por sete águas correntes e isto só deveria ser feito às 4 horas da manhã, antes de começar o banho de "maionga" destinado à purificação dos corpos de uns e de outros, ou seja, dos animais e do iniciado.

3) Finalmente, era feita "venda do escravo" na festa já citada da "compra dos escravos" e isso era feito, justamente, para ser encontrado um padrinho que pudesse arcar com as despesas, em parte, da feitura, não em dinheiro, é claro, mas com animais e algumas outras coisas necessárias à feitura.

Na Angola o recolhimento é feito durante nove meses, sendo seis dentro do Roncô e os outros três no Barracão e, então, o Yawô ou a Yawô vai aprender a fazer seus apetrechos para a saída do Santo e, também, aprender as orações adequadas que se chamavam "ingosol."

Após os três meses finais, ou seja, os três meses passados no Barracão, chega o grande dia que é, justamente, o dia da primeira siada e esta deverá ser feita antes da "catulagem". De um modo geral, essa cerimônia começa às seis horas da tarde (18 horas) quando então começam a ser tocadas as "engomas" e a ser entoados os cantos de abertura da casa para, depois, todos os Orishás terem os seus cantos próprios e a Iamô-rô entoar o seguinte:

"MONZENZE, MONZENZE
CATULA GIRA A YAWÔ
MONZENZE CATULA GIRA
CADE TATETO MONZENZE CATULA GIRA
CADE MAMETE."

Nessa ocasião, o Zelador sai do Roncó com os Abiãs (futuros Yawôs), do jeito que estiverem recolhidos e ainda sem terem feito nenhuma obrigação desde que tenham sido recolhidos. Dão três voltas no Barracão, dando "gikar" na porta da rua ((espécie de saudação), nos pés dos engomas, na porta do Roncó e na porta do Santo e, então, voltam ao Roncó para entregarem seus cabelos ao seu Santo e, nessa ocasião, canta-se o seguinte:

"Ê AÊ AÊ COM SENZE CATULA GIRA O YAWÔ
Ê AÊ AÊ COM SENZE CATULA GIRA O YAWÔ
Ê AÊ AÊ COM SENZE CATULA GIRA O YAWÔ."

A seguir, o Zelador se recolhe com os Iniciados e, no Roncó, já está sendo esperado pelo pessoal do Runtó da casa capacitado para ajudá-lo e, também, por três ou quatro Zeladores de outras Roças para assistirem às cerimônias a serem realizadas nequeles iniciados e, futuramente, dar-lhes todos votos de fé e confiança perante o público que ali se encontrava, notando-se que devem ser Zeladores de toda a confiança, dignos de toda a fé pública. Tudo isso, aliás, não é mais feito hoje em dia, tendo mudado completamente no Candomblé mesmo no de Angola.

Muitas outras cerimônias e coisas eram feitas no passado, porém, hoje em dia, não mais são elas encontradas.

"FESTAS DO CANDOMBLÉ DE ANGOLA"

São sem conta as festas que se realizam nos Barracões dos Candomblés de Angola. Já nos referimos, anteriormente, a algumas delas, mas, a seguir, falaremos a respeito das seguintes: "Festas do povo da rua", "Afoxé", "Axexê". Esta última, na realidade, era muito triste porque se referia justamente à morte ou desencarne de pessoas do Barracão, fossem os Zeladores ou quaisquer outros elementos. Realmente, portanto, o nome dessas festas deveria ser, ao contrário e apenas, "cerimônias"; em outras palavras, cerimônias do culto, podendo, assim, ser consideradas como parte integrante do mesmo.

Vejam, a seguir, cada uma das cerimônias mencionadas.

"FESTAS DO POVO DA RUA"

Como sabemos, Ògún e Eshú constituem, ou melhor, fazem parte do "povo da rua ou dos caminhos". O Ògún, por exemplo, é o verdadeiro "dono das encruzilhadas" e o Eshú, o "morador das mesmas."

Sabemos, também, que é para Eshú que se tem de fazer a entrega, em primeiro lugar, de tudo, antes, portanto, de qualquer outra obrigação.

Para essa cerimônia, a primeira coisa a ser feita era um "ungê", o qual constava do seguinte: três costelas tiradas das cabras das santas mulheres e, depois que levantavam as obrigações, fazia-se a "festa da lebara" com os restos das comidas e com as três costelas. Tínhamos, então, o "padê" que era feito com a cabeça do boi de Shangô ou de Ògún. Depois da festa, com o resto se fazia a festa para Eshú. Tais festas eram totalmente independentes dos "despachos de Eshú", para segurança da Casa.

"AFOXÉ"

A Quaresma, pertencente ao ritual católico, começa sempre na quarta-feira de cinzas, quando os fiéis vão às igrejas

receber cinzas na testa, com isso fazendo-lhes lembrar que a criatura humana nada mais é do que pó e que ao pó reverterá ao morrer, isto é, ao desencarnar.

No culto do Candomblé de Angola, existe também uma cerimônia que se inicia justamente na quarta-feira de cinzas e dura quarenta dias e, durante sua realização, ficam fechadas as Roças ou Barracões, nada sendo feito neste tempo, ou seja, ficando tudo em descanso.

Os Afoxés começavam três dias antes do Carnaval e duravam sete dias (incluídos os dias de Carnaval, propriamente ditos). Os elementos da Roça saíam para as ruas durante esses sete dias e, justamente na quarta-feira de cinzas, fazia-se o Afoxé com tudo que se tinha ganho, pedindo, das casas particulares, nas ruas, nos Terreiros e, com o que sobrara, da festa anterior.

“AXEXE”

Os Zeladores sabiam, com segurança, o dia em que iriam morrer ou desencarnar e disso davam ciência aos demais participantes de sua Roça ou Barracão, os quais, a bem da verdade, ficavam apesados de enorme tristeza pelo fato, ficando, assim preparados para o acontecimento.

Todos os Abiãs, Yawós, Adoches, eram recolhidos ao Roncô comum; no entanto, em um quarto todo cercado de peregum, maruô, etc., para que não sofressem nenhuma influência espiritual por parte do espírito do morto.

Os que possuíam grau de Yalorishás ou Babalorishás ou grau acima desses, ficavam ao lado do moribundo, por três, quatro ou mais dias, à espera da “chegada da morte” para o moribundo e, durante todo esse período de espera, ficavam eles num verdadeiro exercício da Yoga, sem fazer quase nenhum movimento e o mínimo barulho possível. Respiravam o silêncio do moribundo e se associavam a ele, podemos dizer, em seu sofrimento, em sua ânsia de ver chegar, de uma hora para outra, o seu fim material, o término de sua vida ou passagem pela Terra.

Finalmente, chegava a morte e, como se alguém tivesse acionado um dispositivo de aviso geral, duas coisas aconteciam simultaneamente: a morte do Zelador e o lamento dos presentes que, logo em seguida, era aumentado pelo lamento de todos os demais pertencentes ao Barracão.

O lamento era iniciado pelos mais velhos da Casa, que, pela convivência, conheciam todos os detalhes que preenchiam a vida do falecido e eram os mais indicados para dar início a essa parte dos preceitos que, durante um longo espaço de tempo, iriam ter sérias repercussões até que tudo voltasse ao normal.

É importante e oportuno se observar que o silêncio mantido junto ao moribundo pelos que o acompanhavam tinha também uma grande significação e essa, justamente, era a possibilidade de o moribundo, em seus últimos momentos de vida material, contemplá-los com alguma coisa. Quanto ao Eró (segredo), propriamente dito, de sua pessoa, como Zelador, já estava designado para alguém escolhido pelo Santo da Casa.

Voltando ao lamento, temos a dizer que o mesmo era uma oração que fazia parte da vida do moribundo. Resava-se o seu nascimento, seu progresso e sua morte, tudo cantado. Terminado o lamento, tinham lugar os preparativos para a remoção do corpo para o centro do Barracão.

Tais preparativos constavam de cercar o Barracão com mariô, peregum e outros apetrechos e cobrir os Santos, menos os da Casa.

A esta altura, já se tinham preparado os acaçás brancos, o milho branco, o mingau de três qualidades, comidas essas que eram colocadas em lugares apropriados. Havia um conjunto de engomas que não parava de rufar — um rufado triste e melancólico, constante, enquanto as engomas que eram usadas nos xires dos Santos seriam também cobertas.

Depois de tudo isso, o corpo era trazido para o centro do Barracão, colocado sobre uma esteira (Adecisa) e, na mesma, também parte dos pertences do morto. O corpo era colocado com os pés para dentro do Barracão e a cabeça para fora dele.

Segundo se acreditava e isto, na verdade, ainda acontece com os espíritos que desencarnam, isto é, os mortos; o Zelador de Santo, ao morrer, seu corpo saía de casa; no entanto, seu espírito permanecia dentro dela, junto a seus pertences e também se acreditava que seu corpo não sairia pela porta, pois, com ele, ficaria o espírito

O espírito, como se acreditava, seguia o corpo até que fosse no cemitério colocada a primeira pá de terra sobre seu ataúde. Como era necessário que o espírito ficasse no Barracão, não acompanhando o corpo do morto ao cemitério, era feito um buraco, caso não houvesse janela, para que, por esse buraco, passasse apenas o corpo,

Os corpos dos Zeladores não eram colocados em ataúde e levados pelas alças, como acontece comumente. Eram carregados em banguê sobre os ombros do runtó (pessoal) da Casa.

O cortejo fúnebre tinha de ser feito numa determinada hora e todos os acompanhantes (adeptos) vestidos com roupas carijós. Ao chegar ao cemitério, seguiu-se uma série de cantos e danças em volta do caixão, até o orador da Casa se dar por satisfeito e ordenar que se baixasse o corpo à sepultura.

Tendo isso acontecido, o cortejo voltava ao Barracão e, então, eram feitos os preparativos para o axexê propriamente dito, que constava do seguinte:

a) comida para o Egún com um xirê exclusivamente feito para ele, a fim de que ele permitisse que fossem feitos os demais trabalhos, sem nenhuma perturbação por parte de seus escravos;

b) limpeza das Yawôs, com a retirada da mão fria (vumbe) do morto de suas cabeças e xirês para seus Orishás, para que estes permitissem que seus filhos não sofressem as influências das cerimônias que se segulam;

c) realizava-se, em seguida, a reunião dos antigos com o runtó da Casa, a fim de confirmarem, pelo jogo, para quem ficaria algo do falecido, a posição em que ficaria aquele Egún, e ainda quem ficaria encarregado de zelar por eles;

d) logo depois, partiam para o assentamento deste Egún em uma nova Casa, feita exclusivamente para ele e a remoção dos seus pertences para ela;

e) todos estes atos e cerimônias tinham a duração de sete dias, a partir do falecimento do Zelador e tudo era feito em silêncio e com o maior sigilo, por parte dos leigos;

f) isto feito, os trabalhos eram encerrados a cada qual poderia ir para sua casa e ficar à espera dos sete meses, tempo esse que se esperava que o Egún descansasse para, então, dar início ao axexê, o qual era perigoso, devendo ser feito apenas por pessoas escolhidas e com capacidade para tal ato, pois o destino da Casa estava na conclusão deste ato. Iriam tirar o espírito do seu sossego para começar tudo de novo. Só o Egún poderia dizer quem ficaria com isto ou aquilo que lhe pertencera em vida, confirmando, assim, as palavras dos jogos feitos anteriormente pelos mais antigos e escolher onde seriam despachadas as sobras.

Esses carregos eram perigosos, não só para a própria Roça como, também, para todos que acompanhassem as cerimônias preparatórias do axexê.

Essas cerimônias, de um modo geral, duravam sete dias, durante os quais se faziam oferendas de comidas, lamentos e xirês, isto é, cantos, danças e orações, até que chegasse o último dos sete dias e que era o decisivo e mais perigoso. Isto porque o Egún (espírito do Zelador morto), tinha de entrar no Barracão, dançar o seu xirê e exigir que terminassem as cerimônias para que ele pudesse voltar ao seu sossego ou, então, promovesse a destruição de tudo e, justamente por isso, é que o Egún ficava ansioso para ver tudo terminado.

Preenchidos ou atendidos todos os detalhes a que estavam nos referindo, chegava, então, a hora da saída do carregado do Egún e todos os assistentes eram munidos de atôris, pereguns, etc., e, a seguir, eram colocados determinados "Santos" em lugares apropriados para o caso.

Assim, por exemplo, três Yansãs, acompanhadas de três Ôgúns, eram colocadas da seguinte forma: um par na porta da rua, um par na porta dos fundos e o outro par num canto

da Casa. Quando dizemos par, queremos dizer uma Yansã e um Ògún.

Colocava-se, também, um Omulu em cada canto restante da Casa.

Três Oshóssis eram espalhados pelo Terreiro da Casa e uma Nanã era encostada na porta da rua, para que, na hora propícia, ela abrisse a porta para o Ògún entrar.

Por vezes, colocava-se, também, Yemanjá tomando conta dos cômodos da Casa. Diversos "Santos", portanto, não tomavam parte nesta cerimônia.

Nessa ocasião, exatamente, começavam as cerimônias. sob os gritos do Ògún, os estalos dos manguás, os toques de abanos nas bocas das panelas e alguns arquivadis tocando nos abanos colocados nas bocas das panelas e isto era feito até chegar a hora de abrir a porta da Casa.

Era este, exatamente, o momento do maior alvoroço. porque, se o Ògún fosse incomodado, sairia dali como uma fera, querendo destruir tudo que encontrasse em sua frente. Encontrava, porém, os "Santos", a que nos referimos linhas atrás, que, com suas ferramentas, fustigando-lhe até acalmá-lo, deixando-o em condições de encontrar a porta da Casa, pela qual deverá entrar e, então, encontra Nanã abrindo a porta e entra para o centro do Barracão.

Começava, então, o verdadeiro ritual do axexê, com cantos e danças, sob gritos e chicotadas para que ele (o Ògún do Zelador) não saísse do centro do Barracão, até que ele próprio e o Orador se dessem por satisfeitos, hora essa em que o Ògún gritava e exigia que levassem o que ele não queria dar para ninguém e que colocasse tudo em um determinado lugar. Exigia, também, o Ògún, que fosse dado a quem de direito o seu eró (segredo do Santo) para que, dali em diante, as coisas continuassem como de costume e ninguém quebrasse mais o seu sossego, a não ser a pessoa por ele mesmo indicada para zelar por ele.

Saía, finalmente, o aquirijebó (quem leva o carregado do Ògún), acompanhado de alguns Ogãs para cumprir com o res-

tante do cerimonial, ocasião em que o aquirijebó voltava para sua casa. Estava assim feito e terminado o axexê.

"FECHAMENTO DE CORPO"

As curas ou incisões que são feitas nos Yawôs (homens ou mulheres), nada mais são, na verdade, do que um fechamento de corpo, isto é, uma preparação do corpo para ser defendido de todo e qualquer mal.

Eram elas feitas pelo ashogun (sacrificador de animais) e em número de sete, a saber: uma na cabeça (na coroa), uma na frente do corpo (peito), uma em cada braço (duas, portanto) e uma em cada pé (duas, também), uma nas costas. Um total, portanto, de sete curas ou incisões e que só poderiam ser feitas com navalha nova e virgem.

Essas curas, devemos dizer, eram feitas de acordo com o Orishá do Yawô (homem ou mulher) e que era dado pelo Jogo de Búzios anteriormente feito.

"ADOSHUM — CONE RITUAL PARA COMPLETAR A FEITURA"

O que, em primeiro lugar, se fazia quanto ao Adoshum era o seguinte:

Do lado de fora do Barracão, mãe-pequena (Yákêkêrê), em companhia do Zelador, sentados à beira do fogo, preparavam a massa, digamos, assim, para o Odoshum.

Era armada, inicialmente, uma trempe de tijolos ou pedras e, nela, fazia-se fogo com lascas de carvalho (era a madeira apropriada).

Sobre o fogo, colocava-se uma panela e em seu interior eram colocados vários condimentos colhidos nas matas e o sangue dos animais sacrificados para os Orishás, desde o início do recolhimento do Yawô ou da Yawô, até a penúltima festa dedicada à feitura dos mesmos.

Deixava-se tudo cozinhar a ponto de ficarem se desmanchando e, então, o Zelador tirava uma porção do material da

panela, juntava a ele uns determinados pós, obis e orobôs ralados até ficar uma espécie de argamassa dura, com a qual era feito, então, o Adoshum e este nada era mais do que uma espécie de cone que era a seguir colocado sobre a cabeça do Yawô. Este cone que completava a feitura é que era o Adoshum.

Alguns Zeladores simplificavam, usando um processo mais simples, o qual consistia em tirar o tampo da cabeça de um galinholo usado na feitura e, na concavidade que ficava, eram colocados os materiais ou, em outras palavras, a argamassa de que já falamos. Estava assim feito o Adoshum que, em seguida, era colocado na cabeça do Yawô ou da Yawô.

A clara de um ovo era derramada sobre a cabeça do iniciado para, colocar o Adoshum, antes se fazia o mesmo ficar inconsciente por alguns segundos.

O Adoshum era pintado com um pó que contém o Ossum, o qual tem muitas utilidades.

Para que melhor se compreenda o que é o Ossum, vamos dizer que é uma espécie de bucha que contém um grande poder e valor nos Candomblés.

“O JOGO DOS BÚZIOS OU JOGO DO IFÁ”

A este respeito, devemos dizer, inicialmente, que existe uma enorme e injustificável confusão quanto à origem, ao nascimento ou, se preferirmos, aparecimento nos rituais dos cultos afro-brasileiros do Jogo dos Búzios.

A dar ouvidos a tudo que se diz ou se escreve nesse particular, jamais chegaríamos a uma conclusão, justa, certa e razoável.

A bem da mais pura verdade, podemos muito bem aceitar que, inicialmente, Oshum foi quem descobriu, através dos búzios, o segredo da vida da criatura humana sobre a Terra. Foi, aliás, a Oshum, a única a fazer tal descoberta.

Como não poderia ela andar por aí afora a fazer o jogo, resolveu dar ao seu afilhado Eshú, como presente, quatro búzios (caoris) e lhe ensinar o segredo que eles continham.

Eshú, subordinado ao reino de Ifá, resolveu tomar para si próprio o segredo e, então, não lhe foi difícil aprender e, mais ainda, aprimorá-lo e o fez aumentando, em começo, de quatro para sete búzios; a seguir, de sete para dezesseis, de dezesseis para vinte e um; de vinte e um para trinta e seis; de trinta e seis para setenta e sete e, finalmente, de setenta e sete para trezentos e sessenta e cinco, ou seja, um búzio para cada dia do ano e, justamente aí, deu ao jogo o nome que até hoje perdura, de Jogo do Ifá, mais conhecido em Angola com o nome de Jogo dos Búzios.

Seria, então, Eshú coroado como o Rei das Adivinhações; no entanto, o tempo passara para ele e, já envelhecido, tinha não obstante, se tornou um Ôluwô. Tal título, porém, jamais pertenceu, ao que sabemos, a uma mulher e isto porque o aprendizado de tal jogo durava nada menos que trinta anos, durante os quais se aprendia tudo a seu respeito, como a sua prática, em primeiro lugar, a sua teoria e, assim, somente os Voduncis, com trinta anos de preparo, poderiam fazê-lo.

Os Ôluwôs não cuidavam do Santo, levavam sua vida quase que totalmente a jogar e, assim, a fazer vaticínios ou adivinhações, dizendo, por exemplo, qual o Orishá de uma pessoa, o que poderia ser feito até mesmo a uma criança de três anos de idade, ou melhor, da gestação no ventre materno até quando morria. Diziam tudo sem vacilar e nunca erravam, podendo, até mesmo com detalhes, descrever tudo a respeito de um Orishá, de sua família, sua dinastia e filosofia. Eram os Oluwôs os verdadeiros donos da verdade ou, se preferirmos, os adivinhos precisos ou vaticinadores.

Para eles, praticamente, não havia segredos a respeito de fosse quem fosse.

Uma coisa de capital importância era o Urupy, o qual se fazia com todas as comidas e eshés das obrigações da Casa que são destinados ao Abô, menos da última obrigação da feitura de Santo, pois esta era destinada ao Urupy do Santo dos Yawôs. No entanto, para maior compreensão, vamos, a seguir, falar com abundância de detalhes do Urupy.

“URUPY”

Em um tabuleiro forrado com uma toalha branca de folhas, colocava-se, no meio, o Mocunã do Yawô; a cabeça do quadrúpede sacrificado para o Santo, em cima; muito milho branco, muito mel e as outras comidas e eshês também por cima, colocando-se o tabuleiro, com tudo isso, em cima de uma mesa. Tudo isso era feito obedecendo a uma ordem cronológica e, depois de tudo arrumado, cobria-se com muitas pipocas e enfeitava-se com penas.

A seguir, recolhiam-se todas as ervas nas quais o Yawô esteve deitado durante seu recolhimento, colocando-se em cima da adecisa (esteira) usada também pelo Yawô, enrolando-se as içabas nesta e, assim, estava pronto o Urupy, o qual seria entregue no lugar de direito do Santo e escolhido por este, através do Jogo de Búzios ou, então, em lugar, ou melhor, na porta do Barracão ou na porta do Roncó, para que os Yawôs dessem Adobá (batessem com a cabeça no chão, diante do Urupy) e rezassem o Ingorossi para a saída. A seguir, o Yawô, a que pertencera o Urupy, carregava-o na cabeça e o arriavam no lugar que fora indicado previamente (era, na realidade, um carroço) e, ao fazê-lo, batiam Paó e rezavam o Ingorossi outra vez, antes de o entregarem ao rio ou ao mar ou, ainda, nas matas. Só então, depois disso tudo, os Yawôs estavam verdadeiramente com o seu Santo bem feito e sem faltar nada.

De um modo geral, todas as Roças ou Barracões de Candomblé tinham seus lugares apropriados e determinados pelos Orishás da Casa, para entregarem todos os seus Urupys.

“O BORY”

Uma das mais belas e fundamentais práticas dos Candomblés é o Bory ou, mais exatamente, o Bory d'Água.

Para que se possa entender o porquê de sua importância, vamos admitir que uma determinada pessoa (neste caso um Abiã ou uma Abiã), esteja sendo pressionada pelos seus Orishás que, de todo modo e a qualquer custo, querem que essa pessoa

os atenda, em outras palavras, lhes façam uma obrigação, por mais simples, porém eficiente, que seja.

Isto acontecendo, a vida dessa pessoa, de modo geral, começa a sofrer uma série incrível de modificações, todas elas, praticamente, para pior, tais como: doenças, perturbações em negócios, desemprego ou seja lá o que for. É, então, chegada a hora de ser feito o Bory d'Água.

Nada mais simples e, por isso mesmo, fácil de ser feito, este Bory d'Água, com veremos a seguir.

É ele composto, tão-só e simplesmente, de três ou sete cebolas comuns. É um grande preceito, tanto pessoal como material e, em muitos casos, destinado a acalmar a ira de seus Orishás, como acima dizemos e, neste caso, o Bory fica exposto no Roncó para que, além de ser lido ou interpretado no momento de ser feito, seja, também, lido nos seus progressos durante sete dias consecutivos quando, então, o Zelador da Casa dará a última palavra, positiva ou negativa. Para tanto, as cebolas devem ser escolhidas de acordo com os Orishás a serem borizados. Se for Orishá homem, as cebolas deverão ser machos e, se for Orishá mulher, as cebolas deverão ser fêmeas.

No caso em que os Abiãs (homens ou mulheres) estejam já recolhidos, o Bory terá de ser colocado no meio das ervas que formam a cama do Santo, junto com outros materiais fundamentais e necessários para a conclusão da feitura e, então, colocado em determinados lugares convencionais para o bem da saúde do futuro Yawôs (ou futura Yawô) e para o bem do próprio Zelador da Casa.

“BORY DE SANGUE — O MAIOR E PRINCIPAL NA FEITURA”

Além do Bory d'Água, de que já nos ocupamos, faz-se, também, como parte integrante da feitura de um Yawô (ou de uma Yawô), o Bory de Sangue que é, a bem da verdade, o mais importante e que só poderá ser feito após o Bory d'Água e obedece a uma complicada série de exigências e condições.

Depois de feito o Bory d'Água, o Zelador, que já fez a sua parte, entrega o restante a ser feito a quem de direito, no Barracão ou, mais exatamente, ao Ashogún e a Yákêkêrê (sacrificador ou matador de animais e a Mãe-pequena).

Reza-se, então, um novo Ingorossi, cantam-se novamente os cantos próprios dos Orishás e, finalmente, os cantos para o Bory, propriamente dito.

Cortada a cebola em quatro partes, cebola essa em que o Orishá respondeu, o Zelador ainda faz duas ou três perguntas referentes à citação daquela obrigação e do bem-estar do iniciado. Recebendo as respostas, o Zelador pega um dos pedaços em que foi cortada a cebola e dele tira uma fatia que é colocada dentro de uma vasilha contendo vinho branco e mel e, também, um pouco de abô da Casa. O outro pedaço é para ser juntado com a folha do Santo e, finalmente, a última fatia da cebola vai fazer parte dos fundamentos do iniciado.

O obi e o orobô, ou melhor, com eles, o Zelador cruza o corpo do iniciado e são também cortados em quatro partes, para as confirmações de praxe e cortados em outras tantas fatias, para os mesmos fins. Uma das fatias, allás, é cortada em pedacinhos para ser distribuída por todos os que se encontrarem presentes no Barracão. Ao receberem os seus pedaços de obi e orobô, cada pessoa faz o seu pedido ao Santo, tanto para si como para o iniciado e, no final, entrega o bagaço ao Zelador que, junto com os que ficaram inteiros, arruma à maneira que quiser, em cima da cabeça do iniciado, colocando um pouco dos Eshés ali arriados, formando, assim, uma espécie de camada no lugar convencional por ele (pelo Orishá).

Enquanto isso, o Ashogún, junto com a Yákêkêrê da Casa, cruzam o iniciado com os bichos e cortam os mesmos, deixando cair o sangue dentro da vasilha própria e, de todos os animais sacrificados, colocam um pedaço dentro da vasilha que contém um pouco de cura, fatia de cebola, de obi, de orobô, de vinho, mel etc. Tudo isso é destinado à cura interior do horizado.

Então, o Zelador, vai tirando (da vasilha que contém todo o sangue misturado com os outros materiais), o sangue e, aos

poucos, vai colocando sobre a cabeça do iniciado, dizendo palavras convencionais e acompanhadas dos cantos próprios para este caso. Vai enfeitando o mesmo com penas arrancadas dos bichos sacrificados naquele ato.

Após dar a folha da cura e seus complementos para o iniciado comer, dá a vasilha contendo também parte da cura e sangue para ele beber, completando sua tarefa e ficando apenas faltando a parte do Ashogún e da Yákêkêrê que se constitui da organização, arrumação e dos enfeites das vasilhas que contêm os Eshús dos Santos e acomodação do iniciado que ficará em repouso durante o tempo exigido pelo Santo. Cumprindo essa tarefa, levanta-se o iniciado pela madrugada para se preparar, a fim de assistir à primeira missa que seja celebrada na igreja mais próxima e, depois de assistir essa missa, o iniciado estará pronto para enfrentar a luz do dia e para seguir em frente, sem medo e receio dos atropelos da vida.

“COMPROMISSO OU JURA DE OBEDIÊNCIA”

Sempre que se assume um compromisso com outra pessoa, seja lá quem for, é claro, de assuntos materiais, justo e necessário é que haja algo que possa garantir esse compromisso.

Se se trata, por exemplo, de um aluguel de casa, escritório ou seja o que seja, deverá haver, para que tudo fique certo e ajustado, um fiador que, por um contrato assinado, servirá de garantia para a transação em questão.

No que diz respeito, também, com a feitura de Santo, ou seja, a iniciação, isto também deverá existir, porém, logicamente, de forma diferente.

E, de fato, tal existe e, no Candomblé, toma o nome de jura. A jura é, na realidade, uma cerimônia de grande importância e que, atualmente, quase não se vê mais realizada.

Ao ser feita uma jura, tomam parte, por um lado, o iniciado, por outro os próprios Orishás dele e, também, os padrinhos da feitura.

Pela jura feita, assumem todos eles — iniciado (Yawô), Orishás e padrinhos — o compromisso de obedecer piamente

aos mais velhos da Casa, as regras ou normas da mesma, aos rituais e a tudo o mais que tenha relação com sua feitura e com o Santo, de um modo geral.

Essa jura é coisa muito séria e, de modo algum, não poderá deixar de ser respeitada.

Uma coisa, é certo, poderá acontecer, no caso do Yawô (iniciado) ou dos Orishás quebrarem com essa jura e isto se reflete na vida dos padrinhos que, de uma hora para outra, poderão ver suas vidas se encherem de dificuldades e outros mil desacertos e isto, sem dúvida alguma, é consequência da quebra da jura feita.

Quanto aos padrinhos da feitura, deverão eles acompanhar todas as cerimônias e detalhes a ela relacionados, só não lhes sendo permitido entrar no Roncô, a não ser que sejam pessoas suficientemente credenciadas como conhecedoras do Culto ou, em outras palavras, Babalorishás ou Yalorishás.

“CERIMÔNIAS DO “LAVA-PÉS” DA YAWÔ”

Como se sabe, a cerimônia do “lava-pés” é do catolicismo e consiste em que, por um ato de extrema humildade, o sacerdote católico, imitando Nosso Senhor Jesus Cristo, lava e beija os pés das pessoas, para isso previamente escolhidas e preparadas.

Em Angola, como já foi dito, os Erês eram as entidades que ficavam com os Yawôs durante sua feitura e em sua permanência nos Roncôs, auxiliando em tudo por tudo. Os Erês, portanto, tinham parte importante e indispensável, na feitura do Santo.

Pois muito bem. Daí, para que os Yawôs se acostumassem a tratar de si mesmos, se adaptassem à vida que iriam levar, sob todos os pontos de vista e pudessem ficar habilitados a enfrentarem a vida sob todos os aspectos, era de praxe nos Candomblés de Angola soltarem os Yawôs nas matas, com seus próprios recursos, para que eles, nas matas e por sua própria conta, colhessem ervas para sua feitura, ervas para a cura de doenças que por acaso os viessem atacar, enfim, pudessem se haver, sozinhos, com os seus próprios recursos.

Os Yawôs, assim, passavam sete dias nas matas, reunindo-se, geralmente, às seis horas da tarde (18 horas) ao pé de uma cajarana ou de um murici, para fazerem o Ingorossi e, desta forma, ficarem subordinados a todos os mínimos detalhes de sua feitura. Era muito raro se soltarem, ao mesmo tempo, seis ou mais Erês e, quando isso acontecia, uns se isolavam dos outros ou, então, se juntavam para invadir plantações que viessem a encontrar e delas tirar o que bem entendessem.

Ao fim dos sete dias, os Yawôs voltavam para Casa e então, com o que tivessem conseguido fazer sozinhos, dariam uma prova cabal ou não, da possibilidade que tinham de sobreviver em quaisquer circunstâncias ou enfrentarem a vida de todo o modo possível e necessário.

Como o período em que estiveram nas matas tivesse sido aproveitado pelos Yawôs para aprenderem a dançar e a cantar para o Santo, era, ao chegarem, de volta, em Casa, celebrada com eles a cerimônia chamada de “Lava-pés.”

Para isso eram escolhidos os padrinhos para cada Santo e os padrinhos seguravam as bacias contendo o “banho da sabedoria” (os padrinhos homens) enquanto que as madrinhas lavavam e enxugavam os pés dos Yawôs.

Terminada essa cerimônia, os Yawôs voltavam para o Roncô, para serem então batizados e começarem a se preparar para os dias seguintes e a continuação do ritual de sua feitura.

“A SAIDA DO YAWÔ COM O SANTO”

A saída do Santo ou, mais apropriadamente, a saída do Yawô com o Santo, feita pela primeira vez, constava do seguinte: enquanto o Babalorishá ou Yalorishá conduzia o Yawô (com o Santo) para o Barracão, pela primeira vez, as Sambas, os Ogãs, as Ialásés iam preparando os animais sacrificados: tiravam o couro dos animais de quatro patas, depenavam os de duas patas, isto é, as aves; outros iam tirando os Ishés ou Eshés; outros já iam cozinhando as galinhas de qualquer jeito, galinhas essas a que eles chamavam currute e, dessa forma, seguia a festa.

Enquanto isso, o Pai ou Mãe-pequena (Yákêkêrê) estavam preparando as tintas para pintar o Santo, aprontando, assim, a segunda saída do Santo.

Os que se encontravam presentes ao Barracão assistiam a tudo isso e, então, eram escolhidos os Zeladores de Santo mais velhos para tomarem o nome do Santo.

Enquanto isso, o Zelador que viesse trazendo o Yawô tocava o Adejá sobre a cabeça dele e, nos lugares adequados do Barracão, ia tomando a benção aos demais Zeladores dos Santos, não importando que fossem mais moços do que ele.

Vinha, a seguir, o passeio de praxe, o jogo de língua e por fim, o Santo dava o seu nome.

Era por demais curioso a escolha do nome do Santo, pois se tratava de uma verdadeira maratona de palavras, pelas quais os presentes que tivessem capacidade e conhecimento do idioma falado iam anotando tudo o que viam e ouviam para, depois, de acordo com as regras apropriadas, saberem o nome do Santo e a Djina do Yawô, pela qual, daí em diante, seria ele conhecido e chamado, dentro do Barracão e na Casa a que pertencesse.

“O NOME DO SANTO — DJINA DO YAWÔ”

Três dias antes da festa do nome, os Zeladores mandavam os Erês dos Yawôs recolhidos irem buscar o nome, tanto dele próprio, como do pai e da mãe e, em seguida, despachavam os Erês e ficavam ali esperando. Decorridos uns dez minutos, chamavam de volta os Erês e lhes perguntavam qual seria o nome do Santo.

“KELÊ — INDICAÇÃO DA NAÇÃO DO YAWÔ”

O Kêlé, usado pelos Yawôs, nada mais é, na verdade, do que o símbolo ou sinal de identificação da Nação a que ele pertence.

Deverá obedecer, portanto, a uma série de quesitos: a cor da Casa a que pertencer o Yawô e o modo de ser colocado e usado pelo Yawô.

Pelo Kêlé, sabemos, de fato, a que Nação de Candomblé pertence o iniciado.

“QUITANDA DE YAWÔ”

Embora sejam as Yawôs que, propriamente dito, saem à rua, são os Eres, digamos assim, os verdadeiros donos da festa. O nome mesmo dessa cerimônia é “quitanda dos Erês”, no entanto, muitos a chamam de “quitanda de Yawô.”

Essa festa consta de muitos doces, frutas, muita comida de Santo, farofa, bolinhos dos mais variados e o tradicional “atori” que era usado para castigar os que tentassem roubar suas comidas, sem pagar.

Antes do início dessa cerimônia, as mães-pequenas (Yákêkêrês) davam duas voltas no quarteirão, com os Yawôs, mostrando a eles as encruzilhadas e eles, ao chegarem às encruzilhadas, ficavam abaixados (jôcô) e mandavam bater palmas para Eshú, em agradecimento por terem tido paz e tranqüilidade durante sua feitura. Note-se que os Erês, justamente, estavam nos Yawôs e, como já dissemos por várias vezes, eram eles ou são os que ajudavam a feitura de Santo. A seguir, davam três voltas na entrada do Barracão, o corpo para um lado e para o outro, como se estivessem em transe e, então, voltavam para o Barracão, onde estava tudo pronto, esperando a chegada deles serem recolhidos ao Roncó. No Roncó, os Yawôs trocavam suas vestes e, depois, eram “virados” no Santo.

Posteriormente, eram novamente “virados” nos Erês. Do Roncó, com todos os seus pertences, davam uma volta pelo Barracão e regressavam ao Barracão, ou melhor, ao Roncó, donde então saíam com seus tabuleiros de comidas, dançando sob a orientação da Yákêkêrê (mãe-pequena), com cantos apropriados para a cerimônia. À frente, vinha as Ekédes (uma ou duas) com as adecisas (esteiras) e os atorís. Depois de terem dançado e cantado, os tabuleiros eram colocados em cima das adecisas em um canto do Barracão e cada Erê, sentado, tomando conta do seu tabuleiro.

Quando todos estavam arrumados, tendo cada Erê o seu atori, era iniciada a venda das bugigangas e comidas. Enquanto os Erês negociavam suas mercadorias ou os outros Yawôs e o Runtó (acompanhantes ou pertencentes ao Barracão) da Casa dançavam e cantavam. Nessas festas, muitos compram, outros roubam e, por isso, muitos levam pancadas a valer dos atoris (bastão) dos Erês que justamente fazem uso dele para isso. Tudo isso, porém, na mais perfeita harmonia e por fim, depois de tudo vendido ou roubado pelo povo presente, inclusive os tabuleiros e dinheiro, a Yákêkêrê pergunta aos Erês se eles têm ou não autorização para vender aquelas mercadorias, se têm Nota Fiscal, etc., tudo isso, é claro, em sentido de brincadeira. Não obstante, alguém da Casa diz que os Erês não têm autorização e, então, que vai chamar a Polícia.

Os Erês, então, tentam fugir, mas dão de cara com os "POLICIAIS" e daí, sobem, dando lugar aos Santos que ficam espalhados pelo Barracão e assim ficam recolhidos a um canto, esperando que o Runtó diga aos Ogãs para cantarem os xirês para eles, pois, do xirê de cada Santo presente, é constituída a fase final da cerimônia e, quando isso termina, está encerrada a festa, que é mais um capítulo na vida dos novos Yawôs.

“Animais Sacrificados para cada Orishá”

Vamos, inicialmente, citar os animais de duas patas ou, melhor dizendo, as aves que devem ser sacrificadas de acordo com o Orishá de cada Yawô. Vejamos, portanto.

“OSHALÁ:”

Frangos, galinhas e pombos de cor branca. Catasol, em casos de doenças muito graves.

“ÒGÚN:”

Galos caboclos.

“OSHÓSSI:”

Galos índios.

“SHANGÓ:”

Galos lorna.

“OMULU:”

Galos carijós.

“NANÁ:”

Galinha lorna.

“YANSÃ:”

Galinha vermelha.

“YEMANJÁ:”

Galinha branca.

“OSHUM:”

Galinha amarela.

“OSANI ou OSSAGNI:”

Galinha cacurutada.

“TEMPO:”

Galo arrepiado.

“CHÃO:”

Galo polaco.

“ANIMAIS DE QUATRO PATAS,
PARA CADA ORISHÁ:”

“OSHALÁ:”

Cabrito branco, mas, nos Terreiros de Oshalá, não se sacrifica este animal na cor branca, a não ser para doenças.

“OGÚN:”

Cabrito vermelho; também não se sacrificava este animal na cor vermelha, a não ser para o dono da Casa.

“OSHÓSSI:”

Cabrito malhado; também não se sacrificava este animal na cor malhada, a não ser para o dono da Casa.

“YANSÃ:”

Cabra vermelha, no entanto, nos Terreiros de Yansã, não se sacrificavam nem a cabra vermelha, nem o carneiro, sendo este em respeito a Shangô.

“SHANGÔ:”

Carneiro marrom e cágado, mas não se sacrificavam estes animais, a não ser para o dono da Casa. Assim como, quando um cágado era sacrificado para o Santo da Casa, dobravam-se as engomas durante vinte e um dias, em respeito aos dias de luta contra os Egúns junto à Yansã, pela sua coroa e pelo seu trono, etc.

“OMULU:”

Para este poderoso Orishá, sacrificava-se bode preto e branco ou porco e tinham, por princípio, dar caranguejos como parte fundamental ou, de um modo geral, faziam isso porque o caranguejo era considerado, por todos, como animal a que se deve todo o respeito. Era praxe não se deixar entrar em Casa o caranguejo, a não ser para dar comida à Omulu ou para fazer felicitarias contra alguém.

“NANÃ:”

Antes de mais nada, devemos dizer que Nanã é o oposto de todos os outros Orishás, pois, de um modo geral, faz parte, quanto à comida, da mesa de seu filho Omulu, com pequenas modificações. Come, também, bichos de quatro patas, mas nunca é aconselhável para nenhum Zelador oferecer tal coisa, sem que, primeiro, tivesse certeza do que e para que iria ofertar-lhe tal oferenda.

Quanto a Nanã, ainda poderemos dizer o que se segue:

- a) É um Orishá que não se raspa, não porque seja um Orishá abicu como dizem, mas, sim, por ser Nanã a própria morte e a morte não se representar, como se costuma dizer.

- b) Nanã é a mãe de todos os Orishás, por isso que ela é a vida e a morte, a dona do lodo e do ouro e com eles vive.
- c) É um Orishá feminino e deve ser assentado no barro e não em louça como se costuma fazer.
- d) Nanã, também, é um Orishá que representa a própria feitura, pois, como não se raspa a morte, é isso impossível; a não ser em último caso e como último recurso é que se raspa para Nanã e, para isso ser feito, raspase nos filhos de Nanã o próprio Ègún e, assim, somente ele (o Ègún) poderá dizer o bicho de quatro patas que irá querer para salvar a vida da Abiã. Todos os Orishás se curvam diante de Nanã e, também, todas as Abiãs, Yawós e até os próprios Zeladores da Casa. Por tudo isso se compreende que esse Orishá (Nanã) não tem bicho definido, no que diz respeito a bichos de quatro patas, nem tampouco pega galinhas, pois, na concepção dos negros de Angola, o galinholo representa tudo o que se encontra no Yawô, tal como a paz, a vida, a felicidade, o poder de concentração, enfim, tudo.

Esse Orishá, por si só, já é tudo da vida, pois, sem o seu consentimento, ninguém sobrevive.

“OSHUM:”

Para Oshum, se sacrifica cabra amarela, sendo que há duas qualidades de Oshum, por fazer parte da vida de Oshóssi e, por mais alguma coisa, a Oshum participa da mesa de Oshóssi. Também se poderá sacrificar, além de cabras amarelas, cabritos malhados de amarelo, no entanto de uma determinada raça, somente do conhecimento dos verdadeiros e honestos Zeladores de Santo.

“YEMANJÁ:”

Essa é uma Orishá, para a qual se sacrifica cabras brancas e de acordo com sua qualidade, também se dava cabritos brancos. É importante observar-se que, nas casas de Oshum

e Yemanjá não se agia como nas casas dos demais Orishás. Entravam, para elas, os mesmos animais de quatro patas e isto, porque os males eram cortados por Eshu, que, como se sabe e já foi dito, era filho de Yemanjá e afilhado de Oshum. Nada de mal, portanto, poderia acontecer aos filhos de Oshum e Yemanjá, pois eles eram os próprios males para combater outros males a favor delas e de seus filhos. Tinham, portanto o seu mundo à parte.

“OTÁS ou PEDRAS PARA ASSENTAMENTO DE ORISHÁ”

São de grande e capital importância os Otás ou pedras de assentamento dos Orishás, pois, como bem se compreende, representam elas os próprios Orishás, tendo, portanto, enorme e decisiva influência na vida dos Abiãs e Yawós e, de um modo geral, dos filhos pertencentes ao Barracão.

A guisa de esclarecimento, devemos dizer que duas pedras comuns e do mesmo tamanho terão, logicamente, peso idêntico, isto é, o mesmo peso. No entanto, sendo uma pedra e um pedaço de barro de formato parecido ao dela, ela pesará mais. Uma pedra das comuns e uma outra do mesmo tamanho ou forma, mas que seja, em verdade, um pedaço de minério, o minério pesará mais, o que é lógico. Entretanto, entre uma pedra que seja um Otá de um determinado Orishá e uma outra pedra perfeitamente idêntica, a que for o Otá, logicamente, pesará mais. É o que existe de certo e correto, a esse respeito.

É importante se observar que o Otá ou pedra de Otá tem que ter a forma tal e qual do formato da geração humana e isto porque, segundo a tradição e os ensinamentos dos mais velhos e antigos no Santo, o homem é formado ao comprido e a mulher é formada ao redondo ou, em outras palavras, o homem é de forma comprida e a mulher de forma redonda.

“TOQUES OU ZUELAS NO ANGOLA”

O Candomblé de Angola, também conhecido como seita do Angola, embora seja demais e profundo fundamento, é uma

resultante, podemos dizer, da adesão de seus praticantes, a muitas outras seitas. Mesmo assim, o Angola se mantém firme, vamos dizer, quanto ao ritmo dos cânticos, danças e toques.

O vocabulário Angola é, na verdade, muito restrito e, não fora a influência das outras seitas, como dissemos, isso permaneceria.

Com a influência e união das outras seitas que falavam, inclusive, o mesmo idioma, digamos, espalhou-se, depois de se ter formado o Candomblé de Angola pelo Norte e Nordeste da Bahia, cada vez mais criando e fazendo Babalorishás e Yalorishás que, por sua vez, iam ensinando e divulgando seus conhecimentos, mas, em sua estrutura original, seria o "Congo de ouro e prata", pois esse era o ritmo original. Entretanto, já contava com o Barra-vento, o Cabula, o Congo e muitos outros.

Para enriquecer ainda mais os toques de Angola, seus cantos e suas danças, podemos contar também com o Igexá, entretanto, todos esses toques eram praticados apenas com as mãos sobre os instrumentos. Eram adaptados em grandes ritmos e harmonias, tanto das cordas vocais (cantos) dos seus adeptos como dos seus variados instrumentos.

De tudo isso podemos dizer que, atualmente, o Angola conta com uma média de quase sete mil cantos ou xirês, não precisando, portanto, de reformas como muitos dos seus atuais adeptos ou praticantes querem incluir, de vez que são as mesmas, na realidade, influências da Umbanda, do Kêto, Xambá, Omolocô e por aí adiante.

"OMULU e OBÁLUAYÊ"

No começo, muita mistura, muita incompreensão, muito de errado e até mesmo de muito absurdo havia quanto a esses dois grandes Orishás que, na realidade, eram até considerados como um só e único, além de se os ter na conta de maus, perigosos, tanto que, até se aceitava, para se lhes pedir alguma coisa, ter-se-ia que pedir justamente o contrário do que se desejava. Quanto a seu respeito, chegava-se ao absurdo de se evitar pronunciar até mesmo o nome. Quando ele baixava, fa-

zia-se um cerimonial, podemos assim dizer, que chegava às raias do difícil e inaceitável.

Como uma só entidade, tinha ele os seguintes nomes: Barú, Zazuani, Chapanan, Wart-Waru, Duzina, Caviungo, Gargamela, Sakpata, Jagun, Afoman, Lapanan, Babaiú-Alê, Sumbu, Aloze, Abalaú, Burungunço, Kajanjá, Jonssú e muitos outros.

Admitia-se, em princípio, que com o nome de Omulu era ele o senhor da peste e, de um modo geral, de tudo quanto fosse doença de pele.

No entanto, os tempos passaram, a mentalidade do povo de Candomblé, em princípio, e das demais seitas também mudou e, assim, chegou-se a aceitar não apenas um, mas, na verdade, dois e poderosos Orishás com os nomes de Omulu e Obáluayê. O primeiro, Omulu, como o senhor do cemitério e o segundo, Obáluayê, como o médico dos pobres.

A propósito da enorme confusão reinante a princípio, vem ao caso lembrar a seguinte lenda, da qual, aliás, se originou o fato de que Omulu e Obáluayê não devem permanecer nos pejis ao lado dos demais Orishás, mas, ao contrário, terem sua própria Casa, fora do Barracão ou do Terreiro.

Diz a lenda que, certa feita, houve uma festa no reino dos céus, ou seja: Obatalá e, para a mesma, Ólurun, o Deus Supremo, convidou todos os Orishás, inclusive Omulu (Chapanan), que era coxo.

Iniciadas as danças, todos os Orishás tomaram parte e, quanto a Chapanan, por ser coxo, tropeçou e caiu no meio do salão. Isso, naturalmente, provocou gargalhadas por parte dos demais ali presentes, razão pela qual, enraivecido, Chapanan esbravejou, prometendo que iria empestiar a todos. Justamente por essa razão, foi ele expulso do reino dos céus e, daí o que foi resolvido e até hoje em dia vigora, quanto à sua permanência fora dos pejis, porém, não importa que seja ele um grande e poderoso Orishá e, atualmente, tanto como Omulu quanto como Obáluayê, serem enorme e constantemente cultuados e festejados.

No que diz respeito, particularmente, a Omulu, acredita-se, em princípio, que havia um Omulu velho (assimilado a São Roque) e um Omulu novo (assimilado a São Lázaro).

Como Omulu, encontramos, entre outros, São Braz (o Orishá dos engasgos).

Atualmente, portanto, há uma perfeita distinção quanto a Omulu e Obáluayê, cada um na sua especialidade própria, suas próprias e definidas características, seu modo próprio de ser, agir e ser aceito e cultuado, até mesmo nos dias que lhes são consagrados.

No que se relaciona com Omulu, na Umbanda, como já dissemos antes, tem penetrado um pouco do Candomblé, não em todos, é claro, mas em alguns, existe, a respeito de Omulu, o seguinte:

- 1) tratando-se, propriamente dito, de Omulu, tudo se deve pedir-lhe como, de fato, se quer;
- 2) no entanto, como a Umbanda, com sua importante característica, penetra muito profundamente no terreno da Quimbanda ou Magia Negra, devemos notar que, entre os Espíritos que trabalham na Quimbanda, existem os chamados da linha de Omulu, chefiados por Omulu-Rei e que se apresentam como caveiras, peludos e são especialistas em fazer o mal ou, melhor dizendo, até mesmo em matar. E tanto o é que, ai se incorporarem nos médiuns, atiram ou jogam os médiuns para trás, com a possibilidade de baterem com a base do crânio no chão e, daí, virem a sofrer de fratura da base do crânio que, facilmente, poderá levá-los à morte.

“PARTICULARIDADES”

Como estamos escrevendo sobre Candomblé, justo será que, quanto a Omulu, aceito como Omulu velho, digamos que é ele conhecido dos velhos angolanos e que suas bugingas são: uma bengala na qual traz pendurada uma trouxa, uma cabaça e um bocapiu. No chapéu, carrega uma pomba e tem outras

pousadas na bengala, a qual tem de ser apoiada ao chão, primeiro pelo peso do material carregado e, segundo, para servir de apoio ao Orishá. Era conhecido por trazer no pé três guizos e seu assentamento conter sete cabaças, sete lanças, três banqueiras simples e uma com uma pomba em cima, setenta e sete búzios, quatorze moedas de cobre com um Ègún em cada uma. Pega cuscuzeiro, mas não pega massa. Além disso, dezessete alguidares para sua formação pessoal, nove colheres de pau e um porrão. Suas roupas são todas desfiadas porque seu corpo não tem lugar para elas, comida que foi pela doença. Tem por contraste um cão bem gordo. Suas folhas são de três qualidades de carrapicho e o eterno sangue-lavô.

Quanto a Obáluayê, era ele aceito como um homem todo atrofiado que se dedicou, desde a infância, à vida do cemitério, estudando a morte e todos os que fossem para lá. É um Orishá raro.

Seu assentamento é muito difícil porque tem de ser guardado por 365 Ègúns, todos em moedas de cobre, uma caveira, nove lanças, nove cabaças, nove punhais, dezenove alguidares, um porrão, quatorze colheres de pau, tudo isso para dar o formato de atrofia. Além disso, terra de vários lugares. No pé, leva três guizos. Suas cores são: preta, vermelha e branca ou, então, preta e vermelha. Não usava roupas, embora as tivesse e, assim, usava uma tanga, de vez que a atrofia atrapalhava para se vestir. Suas folhas são o dendezeiro, o bambuzal e a jaqueira, pois, todas essas folhas são refúgios de Ègúns. Também se completava com folhas de outros Omulus e eles se complementavam com as suas, dependendo do ato a ser realizado e do momento de ser.

Quanto a Omulu, propriamente dito, era ele considerado como Tempo, havendo, portanto, os seguintes: Tempo Lambara, Tempo Zárá, Tempo da Buriganga, Tempo Perepepe, Tempo Macura de Lê, Tempo Taperua e Tempo Z+Ê.

“Crendices, Costumes, Agouros e Outras Particularidades dos Angolanos”

Para os angolanos, segunda-feira era dia de Eshú e, por isso, não se emprestava nada de uso pessoal e, embora eles não tivessem medo do Eshú nem das bruxarias que alguém pudesse fazer com os objetos emprestados, tinham enorme respeito pelo Eshú e pelo dia de segunda-feira. Também não emprestavam dinheiro nos dias de segunda-feira e isto porque, para os angolanos, o dinheiro era cruzado e, assim, era impossível alguém apanhar dinheiro emprestado logo no primeiro dia da semana. Só o faziam, quando o dinheiro era para ser batizado e usado como arma forte para destruir seu próprio dono. Dessa forma, seus visitantes e até mesmo parentes, eram recebidos em suas casas, com sal e cinza e despachados também com sal e cinza.

Terça-feira, para os angolanos, era o dia de Ògún e, por isso, eles não passavam pelo meio das encruzilhadas, em respeito a Ògún de Ronda que era o dono das encruzilhadas, notando-se que Eshú era quem respondia por Ògún, sendo este último, Ògún de Ronda, o rei dos Eshús e o dono dos frutos de rama que também eram proibidos neste dia de terça-feira e bem assim os legumes de rama.

As quartas-feiras eram consideradas como o fogo e, assim, não se emprestava fogo, o fosse lá o que fosse originário do fogo. Guardavam este dia com muito carinho à Yansã e, em

muitos lugares, não se acendia fogo, sendo tudo feito na terça-feira e conservado durante o dia e a noite, sobre um braseiro que eles cobriam com areia, para usá-lo, deste modo, na quarta-feira.

Para os angolanos, às quintas-feiras não era permitido comer fosse o que fosse de buchadas e devia se evitar isso, tanto para comer, quanto para se comprar ou vender ou mesmo para dar ou receber e isso porque a maior parte dos negros africanos fazia almoço, de fato, no dia de São Pedro, em homenagem a Shangô e, assim, eles estavam respeitando e não evitando. Sabiam que se assim não fizessem, estariam enfrentando a possibilidade de contrair qualquer feitiçaria através desse material, justamente porque Shangô foi mercador desse material.

As sextas-feiras, para os angolanos, eram um dia do maior respeito e isso porque, para eles, era o dia consagrado e dedicado a Oshalá. Nesse dia, não batiam em crianças, não varriam casa, não colhiam mato ou qualquer coisa e não sacrificavam animais, nem mesmo os bichos peçonhentos.

Muitos adeptos não tomavam banho às sextas-feiras e dedicavam esse dia quase que exclusivamente às orações e ao jejum, evitando, assim, o contato com qualquer coisa, inclusive sexo, e muitos até diziam que a sexta-feira era o dia de Lembá-Deus Todo-poderoso, Deus de tudo e de todos.

Os sábados, para os angolanos, eram o dia das reuniões, dedicado a trabalhos de Magia. Todos estavam presentes para os sacudimentos, isto é, para se sacudir de possíveis males contraídos durante a semana e, então, faziam comida para Ègún: verduras, legumes, arroz, feijão, enfim, um pouco de tudo que tinham para dar a Baba-Ègún, ou seja, ao primeiro conselheiro de Obáluayê por ter esse permitido muita paz e muito progresso para eles, sem lhes expor suas terríveis doenças ou, mesmo, destruir suas plantações. Isto porque, para os angolanos, Obáluayê, Omulu e Baba-Ègún eram os três Orishás donos da ciência médica e espiritual; eram três vidas num só corpo; os três se coincidiavam em quase tudo, exceção feita a Omulu que, para eles, tinha as seguintes característi-

ORISHÁ: Omulu-Tempo Junso; Omulu-Tempo Junsun; Omulu-Tempo Cavunge. Os outros dois em nada se diferenciavam.

Finalmente, tinha-se os domingos. Era o dia de todos. O dia de festa para todos. Eles sabiam que nada podia lhes acontecer, porque os Orishás tinham permitido que chegasse o fim daquela semana, sem maiores novidades e isso graças à sua crença e à sua fé neles.

Além de tudo isso, os angolanos tinham certos costumes como, por exemplo, não podiam passar por baixo de cercas, de cordas de roupas; não podiam ver enxadas, facas, facões ou foices ou nada de corte com o gume para cima. Não davam uma topada que não falassem: Que Deus lhe salve. Suas roupas podiam ser remendadas, não podendo, porém, ter nós. Também não permitiam que se passasse com fogo, por trás deles. O interessante é que eles eram super-inteligentes, por isso diziam: Daqui para o fim do século, teremos mil e um falsos profetas. Este mundo se desenvolverá tanto que ninguém saberá o que está esperando, se a verdade da vida ou a mentira da mesma, se a paz ou a guerra, a saúde ou a doença. Pena é que não estaremos mais aqui para comprovar isso.

Isso, aliás, era dito e repetido nas senzalas de Nagé, em especial, onde o Angola era bastante cultuado.

“UTENSÍLIOS E OUTROS PERTENCES DOS ORISHÁS”

Todos os Orishás, logicamente, têm coisas a que poderemos chamar de pertences, apetrechos ou símbolos e que, na verdade, não só são de grande importância como, por si mesmos, a uma simples vista, indicam o Santo ou Orishá que é dono da cabeça ou Orishá principal do Yawô, seja ele homem ou mulher.

São feitos de búzios, missangas e, de acordo com a cor ou cores que têm, indicam justamente o Orishá. São muitos e os mais variados, como veremos a seguir.

“BRAJÁ”

É característico de Oshalá, no entanto, muitos adeptos dos atuais Candomblés costumam dá-lo a Omulu.

O Brajá nada mais é do que um colar de búzios, contendo uma cabacinha de palha da Costa. É feito com 365 búzios, representando esses os 365 dias do ano. Na cabacinha, leva sete azeviches e, no seu fecho, deverá levar uma cruz de ossos. Talvez seja, justamente, do fato de levar essa cruz de ossos, que muitos dos atuais Candomblecistas o consideram como de Omulu. Os sete azeviches representam os seus dias de trabalho, sufocado sob o globo terrestre e a cruz determina o começo e o fim de tudo ou, melhor dizendo, fim dos dias de trabalhos e, portanto, a oportunidade do descanso.

“PAXÔRÔ”

O Paxôrô representa o escudo para o seu povo, isto é, o seu meio de defesa e é o símbolo dos seus tormentos sobre a Terra. O pilão representa o eterno criador e o sacrifício de sua governante e cozinheira Nanã.

Também pertence a Oshalá.

“LAGUIDIBA”

É de propriedade do grande Orishá Omulu, embora os negros africanos, vindos para o Brasil e iniciadores dos cultos afro-brasileiros, tenham aderido, ou melhor, tenham juntado a ele outras cores, para poder presentear seus Orishás e, ao mesmo tempo, se destacarem em suas dinastias, mas, de qualquer forma, pertence a Omulu.

“BIJOGUM”

Pertence à divisão de uma família de Santos e pode ser feito para Omulu, em preto, branco e vermelho; no entanto o Zelador tem de ter o cuidado de colocar o seu filho Oshóssi,

o seu neto Lógum, sua mãe Nanã e, se existir outra geração através de Lógum, terá que Bijogum, para que seja autêntico e somente usado por quem tiver mais de três anos de Santo.

“RUNGEBE”

O Rungebe, tanto pode ser um carço grande como fundamento dentro da seita. Pode também ser empregado como um colar com maioria de formas e deverá obedecer à dinastia do Orishá a que pertencer o filho-de-Santo.

O QUE DEVE SER CONSIDERADO COMO CERTO, A RESPEITO DE LÓGUM”

Muita confusão existe, por parte dos atuais Zeladores de Santo dos Candomblés, a respeito de Lógum ou Lógum-Êdé. Será ele, de fato, um Orishá ou apenas uma lenda, ou melhor, uma fábula?

Inicialmente, vamos dizer que existem os seguintes Lóguns:

- a) LÓGUM — OSHÓSSI — OSHUM — Como tal, Oshóssi é marido ou homem e Oshum é a mulher;
- b) LÓGUM — ÔGÚN — OSHUM — Neste caso, Ôgún é remador e Oshum é rainha;
- c) LÓGUM — SHANGÔ — OSHUM — Shangô é pai e Oshum é a filha.

São, portanto, três Lóguns que, por serem duplos, ou melhor, por serem constituídos, cada um, de duas entidades ou Orishás diferentes, passam a nos apresentar seis Lóguns. Quando trazem a mulher de frente, passam a ser Lógum-Êdé.

Esses seis LOGUNS podem ser conhecidos como Ôgún-Já, Ôgún-Xôrokê ou Ôgún de Ronda e isto porque, durante seis meses do ano, responde como Eshú e os outros seis meses, como Ôgún. É um Santo de Jêjê, no entanto, para alguns Zeladores tem parte com Oshalá.

Para se fazer este Santo, é necessário muita sabedoria, muito e profundo conhecimento, pois, antes de mais nada, devemos dizer que, para sua feitura, o cachorro é que deve ser sacrificado.

O fato desse Orishá ser Eshú durante seis meses e nos outros seis meses se apresentar como Ôgún se prende a que, com o tempo de Vodunci, ele deverá descansar para, então, dar lugar ao Juntó do filho que, também, deverá trabalhar com o Filho.

Uma particularidade também importante a respeito de Lógum é que esse Orishá é o único conhecido pelos negros de Igêxa e Mussurumin.

Para os adeptos de Igêxa e Mussurumin, Lógum é um Orishá unissex e senhor absoluto tanto do sexo masculino como do feminino. Ele domina as duas partes dos sentimentos materiais da criatura humana.

Traz, como símbolo da demonstração dos seus poderes, a ferramenta conhecida ibé e uma adaga, enquanto que seu filho traz um cálice encimado por uma estrela e uma espada ou um abebê e uma adaga.

Para os verdadeiros entendedores do Santo, Lógum, por ser filho de Yemanjá, é misto de Oshóssi e Oshum. Pelo lado de Yemanjá, apresenta-se como Ôgún-Té e veste azul e prata. Seu filho veste verde e ouro. Suas roupas são a bombacha com cadarço na canela e saiote curto.

Uma coisa importante quanto a esse Orishá é que, como Lógum-Êdé, ele é o oposto de Lógum. Para tanto, basta que esse Orishá se aproprie de uma criança recém-nascida em uma determinada lua, de janeiro a junho, e, nos meses restantes, ele os deixa para sua irmã gêmea, que é Lógum-Êdé.

O mesmo acontece com Ôgún-Êdé que, de julho a dezembro, tem uma lua que lhe pertence, deixando ele as outras duas para seu irmão gêmeo, que é Lógum.

A respeito ainda de Lógum, há uma outra versão que nos apresenta sete Lóguns que também são autênticos, pois nos foram trazidos pela sabedoria dos negros Congos e Abicus. São esses sete Loguns, os seguintes: três Loguns, três Loguns-Êdé e um Ôgún, sendo que este último, embora tendo as mesmas características dos outros, divide sua vida com Eshú, formando, assim, a chave de ouro, podemos dizer, dos Loguns, como patrimônio do Angola.

Então, pelo que acima foi dito, teremos, de acordo com os negros Congos e Abicus, os seguintes: Oshóssi-Oshum, Shangô-Oshum, Ògún-Oshum, Oshum-Oshóssi, Oshum-Shangô, Oshum-Ògún e Lógum-Èdé.

“LOGUNS, DE OSHÓSSI e OSHUM”

Dizendo a verdade a respeito, temos a explicar o seguinte:

- a) no Angola, este Santo é tão falso como seus próprios cultuadores e isto porque, na realidade, não pertencem a seita e nem têm ramificação alguma com a mesma, salvo o Lógum de Ògún de Ronda;
- b) esses Orishás são patrimônio dos Igêxa, tanto por suas descendências, como por suas ramificações familiares e, daí, sua aparição em outras seitas como, por exemplo, o Kêto-Mussurumin e o Kêto-Abicu, nunca, porém, no que diz respeito ao Angola;
- c) por serem eles filhos de determinados Orishás que, por suas qualidades e descendências não são cultuados no Angola e isto porque, nessa seita há um limite de conhecimentos para cada espécie de Orishá, que chegam a três para cada descendência.

“LÓGUM DA FAMÍLIA OSHÓSSI-OSHUM”

Como tal, seus pais são OSHÓSSI ODÉ e OSHUM ONIRÁ, representando este último, o amor livre e, ao mesmo tempo, o falso amor e o poder profissional.

LÓGUM, como OSHÓSSI e OSHUM, significa marido e mulher e o poder desse Orishá está nas mãos do homem. Daí o não ser necessário se dividir seus preceitos nem seus Balés-Xires ou seu Kelê.

Seu Delogum é baseado nas cores dos dois, isto é, verde e dourado. Suas vestes são o saiote, calça bombacha com cadarço na canela, oja e na cabeça um turbante, tudo combinado nas cores dos dois.

Nas mãos, traz o simbolo deste amor propagado, representado por um cálice e uma estrela e, na outra mão, uma adaga. Para sua feitura que é muito complexa, tudo deverá ser dividido a começar pelo batismo e indo até as matanças finais. A cabeça é dividida da seguinte forma: o lado direito para Oshóssi e o esquerdo para Oshum. O Juntó ficará para a parte de trás da cabeça, enquanto que o Erê e o Escravo ficam com determinada parte da frente da cabeça, retirados os pertences dos Odús que se complementam em um só Orishá.

“LÓGUM DA FAMÍLIA DE SHANGÔ-OSHUM”

Por sua qualidade, é esse Orishá, filho de Shangô-Aiá, Santo esse que, para os cultuadores de grande conhecimento, carrega Oshalá nas costas, não por gratidão, mas sim, por um castigo por sua traição com o surgimento desse filho.

Shangô-Aiá e Oshum-Alêuá, como Lógum se apresenta tendo Shangô como pai e Oshum como filha. Esse Orishá obedece às regras de todos os outros, dividindo sua cabeça, sua pintura e sua roupa. Suas cores são marrom e dourado, tanto para seus Balés-xirés como para suas vestes.

Ele também traz o simbolo da traição e uma folha de palmeira. Seu assentamento é muito delicado, por tratar-se de Oshum filha e, assim, deverá ser feito um ao lado do outro, isto é, o de Shangô (pai) e o da Oshum (filha).

Como Shangô, esse Orishá segue as regras de todos os demais Shangôs e, desta forma, seu assentamento traz uma gamela, dentro da qual um alguidar e, ao lado deste alguidar, dentro da mesma gamela, o assentamento da Oshum (filha).

Apesar de toda sua ira contra os familiares, esse Orishá não é a favor nem contra o matrimônio. Exige, apenas, dos seus filhos uma reparação para a vida desregrada, condenando a mulher se ela só tiver filhos homens e, sendo homem o seu filho homem, só ter ele filhas mulheres. Somente em casos raríssimos, abre ele mão desse ponto de vista. De um modo geral, seus filhos só encontram a paz e o bem-estar quando na idade madura.

Esse Orishá é dono do equilíbrio monetário e da economia. Seus filhos são dotados, em geral, de grande facilidade para o acerto de suas finanças.

“LÔGUM DA FAMÍLIA DE ÒGÚN-OSHUM”

Inicialmente, vamos dizer que esse Orishá é filho de Ògún Perêrê e Oshum Abôtô, sendo ele assim definido: Ògún Remador, empregado de Oshum Rainha. Obedece às mesmas regras e fundamentos dos demais LOGUNS.

Sua pintura, suas missangas, suas vestes, enfim, tudo o que os Zeladores faziam para os outros LOGUNS, fazia também para esse.

Suas cores são o azul e o dourado. Traz em uma das mãos o símbolo da traição e, na outra, o símbolo do seu sacrifício, representado por um barquinho à vela, com duas espadas cruzadas em seu mastro.

Seu assentamento acarreta a mesma imposição do homem, sendo o de Ògún em cima e o de Oshum embaixo. As comidas para sua feitura são divididas, tanto os animais de quatro pés, como os de dois pés.

A mitologia, no que se relaciona com esse Orishá, é toda ela baseada no mar e coisas do mar e, assim, seus filhos, em geral, são pescadores, marítimos, etc.

É muito favorável à vida a dois; no entanto, cheia de dramas e desentendimentos. Seu ponto principal é a vingança.

Aos seus filhos, ele dá poucos bens, porém, constantes, não deixando que lhes falte nada, embora nada sobrando também.

Até aqui, vimos esses três Orishás LOGUNS nos domínios do homem; no entanto, quando se apresentam no domínio da mulher, é que se chama ou denomina Lógum-Èdé.

Nesse caso, temos Orishás muito meticulosos em tudo por tudo, uma vez que nem tudo poderá ficar por conta da mulher.

Eis porque tudo que lhe diz respeito deverá ser muito bem dividido e muito bem equilibrado, para que, assim, ambos fi-

quem no mesmo nível pessoal, mas sem que a mulher perca sua primazia.

Para que isso possa, de fato, acontecer, esse Orishá, em seus aspectos, devem ter dois kelês, dois adoguns, duas senzalas, dois contra-ègúns (embora o Yawô só use um par), duas penas penas no codidê, dois xaôrôs, um otá representando dois sexos ou dois otás; o môcunã em dois; suas curas devem ser muito bem repartidas, sendo que, em tudo isso, a parte da santa fique sempre por cima da do homem e em primeiro lugar.

Suas cores são as mesmas; suas vestes são as vestes das santas mulheres, porém, com um laço atrás ou no ombro, determinando o direito do santo homem.

Esse Orishá tem, por princípio, o casamento ou o amor eterno.

Para seus filhos, o casamento é a coisa mais importante da vida; no entanto, eles não se adaptam, com facilidade a isso, pois não gostam de receber ordem do cônjuge.

“LÔGUM (EXPLICAÇÃO)”

Muito bem, escrevendo sobre Lógum e chegando em Lógum de Shangô e Oshum, lembrei-me de algo muito importante que para mim seria indispensável abrir os olhos dos leigos para tais fatos, pois sei que não são poucos os que estão sendo tapeados e iludidos por uns tantos que se dizem cultuadores de Obá, porquanto é desta ficção que me recordei e que pretendo abrir os olhos dos leigos para tais complexos.

Na seita do Angola não existe tal Orishá com este nome e nem com a coreografia que pintam por aí. Assim escuto dizer: eu sou filho ou filha de tal Shangô que carrega obá. Seu assentamento é em uma panela com Shangô por cima ou em um pote com Shangô por cima, ou uma panela com seus fuxicos dentro e paralelo a Shangô em sua gamela.

O que obá é? Uma deusa sem uma orelha ou foi a primeira mulher de Shangô ou coisa parecida, ou ainda, que obá carrega uma peneira em sua vestimenta; pois bem, tudo isso é pura tapeação, é pura patifaria, digna dos próprios vende-

dores de ilusões, pois nada disso é verdade, segundo entendo. Obá significa Rei, deuses superiores, isto de acordo com os termos e temas da conversação no dialeto ao qual pertence esta palavra. Pelo que aprendi, Obá representa Justiça, Coordenação, o Poder Jurídico, o Judiciário, ou ainda, o Poder Dinástico, mas nunca uma mulher como querem pintar com o firme propósito de viver às custas dos leigos. Mesmo este tipo de Lógum, como já citei, não tem este tipo de coreografia e muito menos pega os apetrechos que querem lhe impor por simples prazer de lhe deturpar a sua autenticidade. Quero lembrar aos que não conhecem que quem carrega peneira em suas vestes é um Orishá que por certo não é mais cultuado hoje em dia por falta de material adequado para ela, Orishá este reconhecido como Bêssa, ou seja, a freira como era conhecida por seus cultuadores a três ou quatro mil anos.

É Ègún que, para vesti-lo, é necessário uma peneira, tanto ele como Bêssa trazem a peneira na cabeça com o manto por cima lhe cobrindo toda a sua anatomia e ainda um ou dois Orishás carregam a peneira, mas é melhor para por aqui, uma vez que vamos entrar em certas histórias que não têm nada a ver com a seita do Angola. Mas, para terminar, mostrarei mais um pouco da origem da força e da manifestação da palavra Obá.

Obá-Rei

Obá-Shangô: título este ganho quando de sua coroação como rei (coroadado).

Cantam:

Obá-loja laoje (Bis)

Tianã

Obá-loja laoje paranã (Shangô)

Obá côrumana lôdê-ô

Obá côrumana

Obalado côrumana-lefá (Shangô)

Obalado côrumana lôdê-ô

Obá ôluô-ô

Xinxin tôro megîã (Yansã)

Obá lôjó egum êcuô (Shangô)

Ògún

Axêxê.

Assim, aí está Obá, agora tirem suas conclusões.

Seu assentamento nada difere dos outros, a não ser que o Orishá mulher fique por cima do outro e este por seu lado muito bem calçado com algodão para não dar tombo e nem virar o outro.

O mal dos seus filhos é não ter o dom da maternidade. É muito raro conseguir uma reforma para tal fato, a não ser com muitas promessas e muitos cuidados espirituais.

Todas as comidas deste Orishá devem ser cozidas de acordo com os mesmos; metade de um e metade de outro, sem fugir à regra.

Também os três trazem à mão direita o símbolo da traição de seus pais e na mão esquerda o seu abebê, sem esquecer porém de seus Balés-Xirês, e na cabeça trazem o adê, símbolo da divindade e pureza femininas.

Este Orishá tem a obrigação de dançar não só para os seus xirês como também para seus pais e seus avós... Assim, eles estarão fazendo jus aos títulos recebidos no reino do pai, através dos avós, porém. Pois bem, até aí temos seis Orishás unissex e logo a seguir temos o sétimo Orishá Lógum "A chave de Ouro."

"A CHAVE DE OURO"

O chamado no Angola de Ògún de Ronda. Este por capricho do destino é filho de Oshum com Eshú, sendo que este Lógum por si só é a própria praga. Isso por ele ter nascido de uma gestação forçada por parte de Eshú com Oshum, sendo o pai Vila-Mavumbe — este, por sua vez, na concepção dos antigos angolões é o primeiro escravo de Oshalá — e a mãe Apandá, a qual, mediante tal fato, se transformou em um rio, dizendo: condenado serás tu por toda a eternidade, pois eu fui o corpo que concedeu a tua alma; e tu serás a praga que perseguirás o seu próprio eu.

Assim temos cultuado no Angola o Orishá místico, o qual chamamos de Ògún de Ronda, sendo que metade dele é homem santo e a outra metade, homem demônio.

A morada deste Orishá é no meio da rua, não precisando, assim, de casa para se abrigar, pois sua morada permanente é no meio das encruzas. Ao passo que, tanto o pai dele (Vilamavumbe) como qualquer outro Eshú, isso para o povo que cultuava esta seita, não se aproximavam do meio das encruzas porque ali estava Ògún de Ronda a lhes castigar com suas lanças, obrigando-os, assim, a viverem pelos cantos das mesmas, sem terem condições de se aproximar do meio destas, visto que foi jurado que um dos seus descendentes seria o seu próprio castigo. Os entendidos desta seita nunca botavam seus despachos no meio destas, mas sim, pelos cantos porque lá estava Eshú pronto para receber suas oferendas e a retribuí-lhes com seus poderes e seus trabalhos, enquanto que bem próximo a eles estava Ògún pronto para fazer justiça contra eles e contra quem fosse lhes ofertar algo que servisse de mal contra alguém.

Ògún de Ronda, o eterno guerreiro, o encarniçado perseguidor dos Eshús, o eterno protetor dos mendigos e dos alcoólatras, o juiz justo dos zombadores e profanadores.

Este Orishá deixa muito a desejar aos leigos, que, ou por zombaria, ou por ignorância, vão às encruzilhadas arriar seus despachos bem no meio delas para qualquer Eshú. Depois então ficam a esperar que seja aceita suas oferendas e que Eshú ao receber as mesmas lhes proporcione algum benefício, mas ficam esperando e esperando até o desespero, porque Eshú nem sequer sente o cheiro de tal oferenda, pois tudo é posto nos pés de Ògún de Ronda.

Ògún de Ronda, Orishá este que requer muito cuidado, tanto em sua cultuação simples, como em sua feitura, pois, para tal, tem que ser feito o filho no domínio do pai e ambos no domínio da mãe, ou vice-versa. Em outra análise, feito Eshú escravizado por Ògún, tendo, para tanto, que assentar Oshum.

Este Orishá não pode ser feito dentro de Casa e nem permanecer o seu assentamento dentro de Casa. Para a sua feitura, é preciso muito conhecimento e prática; para ele as coisas têm que ser tudo bem dividido, sem que a balança pese para um lado ou para o outro. Também tudo é duplo, do kelê aos bichos, pois na maioria dos casos não é possível se fazer este Orishá sem se sacrificar, para tal ato, um cachorro, a fim de se completar suas obrigações.

· Suas ferramentas são: um espada, uma lança e um obéfará e para as suas vestes, no lado direito, é roupa simples, e no lado esquerdo, em alguns lugares, é cheia de nozes.

Suas comidas tanto podem ser as comidas comuns de Ògún, como podem ser os despachos feitos para os escravos e postos no meio das encruzas. A este Orishá todos os Eshús prestam satisfação dos atos praticados durante o dia, e ele, por sua vez, presta satisfação a quem de direito. Seus mitos são muito longos, profundos e complexos. Os filhos deste Orishá são destemidos e muito temidos, quando cuidam delés conseguem tudo que querem na vida, mas quando não cuidam, em geral se acabam sempre no meio das ruas. A maior parte dos filhos dele são espraguejados, sendo que uns pagam quando moços e outros quando velhos, mas, no fundo, são boas pessoas para se lidar.

Quero esclarecer que este Orishá pega massa no seu assentamento, ou melhor, são dois assentamentos: um de Eshú, sem massa, e outro de Ògún, com massa, sendo que este é disposto sobre o de Eshú.

Dança tanto para Eshú como para Ògún e Oshum. Dizem que Ògún de Ronda é a chave de ouro da família Lógum, porque ele, por força de circunstâncias e por força da própria vida, é um Orishá Lógum e também pelas suas duas metamorfoses.

Existem milhares e milhares de mentiras em torno da mitologia deste Orishá, pois só se vê Abiãs e Yawôs por aí pregando que são filhos de Ògún Xóroké e que foram feitos no Angola para ele, ou, então, filhos de Ògún Já. Para bem da verdade o que estão fazendo é se tornarem ridículos perante

os conhecedores da mitologia dos mesmos, pois este Orishá quer a todo custo mudar a sua mitologia que é patrimônio do Jêjê e do Kêto. Para o bem espiritual e o mal pessoal de quem hoje o cultua, querendo ou não, terá que se conformar unicamente com seu título, porque para aqueles que se prezam, que tenham o conhecimento da vida e dos hábitos dos mitos destes Orishás, não vão pregar que estão feitos para os mesmos Orishás.

1.º) Porque, para se fazer este Orishá, é preciso um pé de loco e, segundo os meus poucos conhecimentos, não se vê esta árvore por aí à disposição de qualquer um.

2.º) Porque, como já disse, ainda não acredito que exista material competente para se fazer este Orishá.

3.º) Porque seus vícios e costumes são os mais variados possíveis, a começar pelas comidas e suas roupas. E, assim sendo, não vejo como simplificar os seus vícios e costumes, a menos que tirem os seus sentimentos e sua sensibilidade.

4.º) Pelo seu orukó, pois ele não tem outro que não seja o Xôrokê, nome que faz jus a mitologia Jêjê, a qual só seus Orishás, ao serem feitos, não gritavam outro orukó que não fosse o nome em demanda de sua existência, o qual explico:

Os negros Jêjês não adotavam as dignas em seus Orishás, pois já traziam seus nomes de batismo, os quais eram baseados em sua própria mitologia, e por isso seus Orishás não gritavam outros que não fossem de sua hierarquia no Roncô. Enquanto que Ògún-Já é também outro Orishá Logum, fazendo parte da mitologia do Kêto-Abicu e portanto do Ala-Kêto, do Kêto-Mussurumim; trazendo consigo pequenas modificações em relação a outros. Enquanto os outros permanessem integrais em sua matéria aqui na Terra, este se divide em dois seres diferentes, sendo que Eshú domina a matéria durante seis meses e Ògún domina durante os outros seis meses. Porém sua feitura não é tão complexa quanto a dos outros, porquanto se pode fazer simplesmente Ògún com a certeza de que entre ele e Eshú nada se modifica na entrega de seus domínios.

“CANDOMBLÉ — FINALIDADE”

O Candomblé, por si, é uma associação de religiões sem restrição desta ou daquela e, por conseguinte, um mundo de atos, de sacrifícios, de resignações pelo qual terão que passar os iniciados, que têm como base para esses sacrifícios a preparação para o futuro promissor e também para as atribuições acarretadas por este futuro.

Esta preparação representa o encontro de você com o seu próprio eu, e a preparação de você para o melhor e o pior. Exemplo:

Se formos raciocinar pela Bíblia, temos Deus e o demônio. Então você está com Deus, vivendo a felicidade deste futuro glorioso, que, para você, é tudo que importa. Logo, você se esqueceu que o mundo está dividido em dois planos, o positivo e o negativo, e por isso você está à mercê do plano negativo.

Se você está vivendo o positivo e tem um grande abalo em sua vida promissora, mas sem um preparo para ele, que fará você, se nem para o bem estava preparado?

Aí está a finalidade do Candomblé: a preparação material e espiritual, o encontro de você com o bem e o mal, o encontro de você com você mesmo, a preparação para viver a vida promissora, pronto para o mal imprevisto e vivendo sua vida com a convicção de um amanhã futuro, sem que isso lhe cause complexo, pois você está pronto para se encontrar com o bem e o mal.

Outra observação muito importante que podemos (com base espírita) tomar: são as características físicas e mentais de toda geração. Exemplo: Todos os deuses cultuados e adorados pelos nossos antepassados, hoje nossos deuses ritualísticos, eram todos dotados de grandes poderes mágicos e grande sabedoria. Eram detentores de grande poder aquisitivo de doenças, tanto físicas como mentais e, por isso, o mundo de ontem, de hoje e o de amanhã participará de suas vidas, de suas glórias, de suas misérias.

"CATULAGEM DO SANTO"

Esta cerimônia é repleta de grandes fundamentos e sinceros segredos, pois contém a maior parte dos atos que complementam a feitura do Santo. Primeiro, pelas rezas, ou seja, pelo angôrôci, porquanto, para este ato, a primeira coisa que fazem é rezar, depois cantam sete cantigas para cada Santo cultuado dentro desta seita. Terminado este ato, sentam o Orishá no apoti e começam os outros atos.

Uma bacia com sete tipos de ervas trituradas, água, raízes raladas, abô da Casa, toalhas brancas, pombas de todos os tipos, estas feitas pelos próprios cultuadores com frutos, folhas, raízes e complementadas com tabatinga (esta, muitas das vezes, comprada em lugares que classificavam como lugar sagrado e, às vezes, cavavam o chão onde sabiam que encontrariam a pura tabatinga).

Depois dos atos acima, começavam o dividir da cabeça do abião, separando o cabelo em cruz, quando de Santo homem, e de outro modo, quando de Santo mulher; assim agindo, tiravam sempre a parte de cima em primeiro lugar, pois diziam que a parte de cima era o Odú do Abião (Odú — o primeiro Santo), do lado direito do juntó, e o lado esquerdo era dividido entre um e outro Santo, o Caboclo, o Erê e um pouco para o fundamento da Casa. Para Eshú, cabia um pouco de nuca e um pouco do meio da testa, este porém era tirado logo assim que recolhido o Abião; assim iam cortando o mucunã do Abião com muito cuidado e respeito, sempre que terminavam de cortar uma parte eles botavam uma tintura feita de ervas que, por certo, era dedicado ao Orishá guardião daquela parte. Quando terminavam de cortar o mucunã, começavam a fazer as curas, estas eram feitas com pequenos cortes nos lugares próprios para as mesmas, enquanto isso se dava iam pondo nas curas feitas os ingredientes acima citados.

Quando acabavam de fazer as curas, iam colocando sobre o abião os balés-xirês do Orishá em questão, os quais se resumem em: kelê, codidé, senzala, contra-ègún, missangas, xaô-

rô, enfim, tudo que eles chamam de balé-xirê. Depois de cumprida esta parte, era que iam fazer as matanças para que não só os Orishás comessem em cima do Abião, como também todos os seus balés-xirês comessem e ficassem confirmados e reforçados para o já agora Yawô.

Todos os animais que iam ser sacrificados para o Santo em hipótese alguma podiam ser tocados por mãos profanas depois de passados pelos banhos de purificação. Eles são sacrificados sobre a cabeça do Yawô e não se pode afastar o animal da altura em que se encontra, não se podendo afastá-lo dali para por o sangue onde quer que seja antes que a vida do animal se expire. Isso porque os otás e os outros fundamentos devem estar sob os pés do Yawô, quando então recebem juntos a sua parte. Mais se assim não fosse, os mesmos já tinham tido suas partes através do sangue colhido das curas do Yawô, pois as mesmas são colhidas em uma folha e juntas com dendê e mel são distribuídas entre os fundamentos da Casa e os fundamentos do Santo que está sendo feito.

Depois de tudo pronto, se retira o bêô que está nas mãos do Yawô e o põe junto com o assentamento do Santo, retiram os eshês dos animais e os põem dentro do mesmo, junto com as partes a serem cortadas dos animais, dendê, mel, vinho branco, um pouco de abô e os enfeites com as penas das aves.

Terminados estes atos, vão arriar as comidas secas em volta do Yawô e então é só esperar sete dias para levantarem as mesmas, fazerem ligeiro ossé nos otás e nos fundamentos que estão carentes do ossé e arrumarem novas comidas para a próxima saída.

O “Angoroci”

“Preparação para a Primeira Festa”

A primeira festa do Santo, quatorze dias após o regresso da mata, é o Angoroci.

Quero explicar que tenho visto em alguns terreiros que executam muitos destes atos darem gritinhos, batendo na boca, e cantarem cantos fúnebres e, a isto, darem o nome de Angoroci.

Para dirimir tais dúvidas, resolvi descrevê-lo em seu retrato original: O Angoroci sempre foi e será uma série de orações, rezadas e muitas vezes cantadas, mas sempre com muito ritmo e harmonia, pois se trata de algo sério e de muito respeito. Ao dizer Angoroci digo tudo sobre a estrutura das vidas, paixões e mitologia dos santos cultuados. Ele é a fonte que emana a paz, e através desta, está tudo para as pessoas suportarem a vida nesta época de grandes lutas pela sobrevivência no planeta Terra.

O Angoroci é a primeira saída do Santo por ser dedicada a Oshalá e, por assim ser, esta festa é só para os filhos da Casa.

OBS.: — Tudo deve ser branco: os bichos sacrificados, as comidas e as roupas. A pintura dos Santos é toda branca e os cantos são somente de Oshalá e do Santo que está sendo feito. A palavra Angoroci também significa bênção.

Mais uma vez volto a meu subconsciente, ao passado, a fim de que ele, ao retornar ao presente, deixe bem claro em minha memória os atos e fatos contidos na seita espírita, cultuada pelos antigos angolenses, para que eu possa descrevê-los para aqueles que, porventura, venham precisar de algo ou mesmo que pensem em cultivá-la com toda a seriedade e sinceridade, vejam com todo carinho as realidades contidas dentro desta esplendorosa seita e não as necessidades pessoais de quem as cultua.

Para melhor esclarecer, quero dizer que tanto no Rio de Janeiro, em toda a baixada fluminense, bem como em outros Estados vizinhos do Rio de Janeiro, vemos muitos Zeladores de Santo que se dizem feitos no Candomblé e que, para tanto, não têm o conhecimento da boa parte dos cantos dos Orishás e dos seus significados e, assim sendo, vivem cantando os poucos que conhecem e, mesmo assim, sem saberem se estão fazendo bem ou mal, mas o certo é que vêm ostentando o título de Zeladores de Santo.

Assim como estes, estão os cantos dos Caboclos, pois, de modo geral, representam um desafio ao resto da geração. Os cantos destes, tanto é um desafio comum, ou um grito de guerra, ou ainda pode ser um sotaque; o certo é que todo este complexo só deveria ser executado por pessoas que tivessem conhecimentos, não só dos malefícios acarretados por estes cantos como de certos cantos que desfazem as más impressões do já citados, isto é, cantos de Caboclos como dos Orishás. Vou ainda mais longe em minhas explicações, citarei as rezas, por exemplo: se vicê reza o “quibuque” deverá rezar o “lêlê”; se você reza o “você-kêcê”, está desafiando alguém. Para desfazer este mal-entendido, deverá rezar o muxacá, etc.

“QUIBUQUE — LÊLÊ — VOCÊ-KÊCÊ — MUXACÁ”

Muitos dos cultuadores de meio século passado afirmavam que quase todos os fundamentos do Angola estava concentrado nestas rezas, podendo até dizer que as mesmas eram fonte de todo o conhecimento para a cultuação desta tão citada seita. As pessoas que não tiverem o conhecimento, tanto

das rezas como dos seus significados, não poderão jamais dizer que são Zeladores de Santo e nem que os seus seguidores estão feitos, pois, assim sendo, se falta o conhecimento ao que se diz pai, logo faltará muito mais ao filho.

Por falar em cantos e danças, lembramo-nos de algo lido em uma obra estruturada nas religiões espíritas, algo que deixaria os Orishás muito tristes se chegassem a tomar conhecimento de tal imundície e também arrepiaria o próprio Satanás, caso conseguisse um exemplar desta obra e se dispusesse matar o tempo com uma boa leitura, visto que de sujeira ela foi estruturada do princípio ao fim, chegando ao cúmulo de escrever que o Angoroci são umas orações fúnebres e que, ao serem elas oradas, se batem as mãos na boca e se emitem gritinhos abafados.

Pelo que sabemos só se bate a mão na boca para chamar Caboclo, ou melhor, para sugerir alguém que esteja levando barravento de Caboclo, mais nunca em Angoroci, salvo no abecedário de Nanã quando então se encosta a mão na boca para se pronunciar a letra "U", isso três vezes consecutivas, ou com louvação aos Egúns, pois, para estes, tanto se emite o canto dos galos em tom rouco e ao mesmo tempo se pronuncia a palavra Egún, ou se põe as mãos, em conchas, na boca e se emite sons convencionais aos Egúns.

Fora esses atos, nunca foi do nosso conhecimento algo tão ridículo quanto o que se escreveu para milhares de adeptos de todas as seitas espíritas. Isso, porém, a título de ensinamento, o que torna a escrita muito mais grave.

Por tudo isso queremos dizer a quem ler esta obra que o Angoroci é alguma coisa de muito sagrado. O Angoroci é um lamento do tempo para com você e de você para com o tempo, pois, ao rezar o Angoroci, você desabafa todas as suas dores e as suas mágoas. Assim sendo, ao rezá-lo, você encarregará o tempo de transmitir todos os seus problemas para o seu Orishá e este, então, tendo conhecimento dos seus lamentos, procurará dentro do seu merecimento lhe melhorar a vida.

Como já fomos um pouco longe neste assunto, alongar-nos-emos escrevendo partes do Angoroci, esclarecendo, entretanto, que certas rezas que já citamos, evidentemente não as escreveremos porque as mesmas são de exclusividade daqueles que tiveram o privilégio de aprendê-las.

"ANGOROCI"

· Dito três vezes pelo Zelador: Angoroci, Angoroci, Angoroci
Respondido pelos filhos: Angoroci no zambi

"Angorociglê-ê zaê
ôcubano maco
Angoroci
Tateto zambi apongo
Que dinanbura
Que vira-angola
Iramunã glênã
Tateto que lã-diriri
E um tata que malêmbê
Tulê-dura tulê-dura
E catura vira-engonga rêcô
Ôgún dê dôla
Ôgún-dê-lê é o dôla
Tata mona que umluce-âmê (bis)
Tata mona que um sê que diz

— resposta —

Direi, direi, direi
Tata mona que um lude-amê
Tata mona que um sê que diz
Meu cajá munganga meu que banda
Êru dendê dendê ô cuta
Aê tateto Oshóssi dendê ô cuta
Tateto Oshóssi dendê à cuta
Dendê cunã cauizô-ô-xêtrua-a êul

Èrê-ê-guidi e do cauizô xêtrua-a èui
E do cauizô cauizêui
Mona já ôcô cauizêui”

OBS.: Todas as rezas são repetidas três vezes, aliás, o Angoroci é um complexo de três orações para cada Orishá e com exceção de umas quatro ou cinco que são cantadas, as outras são repetidas três vezes.

Também se começa o Angoroci tomando-se por base o Orishá da Casa; assim sendo, as rezas a ele dedicadas são oradas em primeiro lugar.

“Acará é bô que e de fumfum ebó
Ele chama cògêgum tóbê tóbê
Mossolã sô dê

— resposta —

Aduque-re mossolã sô dê
Mossolã sô dê Mossolã dê dôbê
Caô cabiécile (bis)
caboclo mava colê
ô ôu ôu cabiécile
cabloco mava côlê
Ô ôlouô tama-gegê teu amoringui
ôlodôque e ôlorum já côrô-ô
izô izô
Ia vôdunumcium mêrê zāzā (bis)
Iaô no bêlô iaô no bêlô
Ia lôxum no bêlô
A minha tata a nilêua
ôdu mamãe a minha tata eui
A minha tata a nilêua

(vai-se dizendo os nomes dos Orishás e rezando a oração)

Mêrêi mêrêi mêrêi-zanzá
Iaô no bêlô iaô no bêlô

Ia lôxum no bêlô
Omo-o-luê omo-o-luê-ê
E de tu ipêpêê erulo erulo
Fiapo de congo fiapo de congo aê
Que sanga na calunga ilumina no
Gonga aê
Que sanga no alônin salonin caiangô
Omulu está no alônin salonin caiangô
Lão-burica lâ-ã-burica-arere-rucala
e um a e um i e um si êrucala
e de mi-cambra ôsi zêui zêui
êru-cala lâ-ã-burica rêrê rucala
Gumzumbi gumzumbi-a-dê: lâburica
Gumzumbi gumzumbi-a-dê: ala-dôra
Lã-ã-burica rêrê rucala
Giguidim giguidim adê
Zumbi êrucala
Giguidim giguidim adê
Gumbumbi êrucala
Giguidim giguidim adê
Ganga-zumbi êrucala
Lã-ã-burica rêrê rucala
Cauizô caiu-i-zêui i
Cauizô caiu-i-zêui i
Dingê-lê dinge ê êru catendê
Dingê-lê dinge ê maroro maruê
Dingê-lê dinge ê êru catendê
A minha tata a nilêua
E de mamãe alaxe êui
Iemanjá a nilêua

(vai-se dizendo tudo que existe dentro da seita)

Que tão bela come que tão bele come
Inglê cuta
Aê Iemanjá inglê cuta
Iemanjá inglê cuta
Xalá vôduncium mêrêi zanzā

iaô no bêlo iaô no bêlo
Iemanjá no bêlô
Iaô mamãe ialoia ta no borió rió ó
Que munhasã que munhasã ôrô
Môxi de mamãe iaba que belo-dô nicôjô
Ê iê iê ela é muzenza ê
ela é filha de mamãe que sanga
Ela é filha de mamãe Yansã
A umgê manã iôcô
A umgê manã iôcô ô
Daxo-ê-ê- nagô
Daxo-ê-ê nago ia
Axalofã que nos angoroci-i
Daxuê-ê-nago
Didê didê didê-nã
Didê didê didê axalofã é dônã
Didê didê didê vai-se falando

Os nomes das manãs e repetindo as frases acima

Olhe o pembê
Ô que pemba o iza casange
Ô iza de angola
ô que pemba manã-gola
Adeus landira
Adeus pemba
Adeus landira
Com pemba vou me curar
Olha o pembe
Manã manã
ô segura de lê
Manã manã

(E o Zelador ia fazendo cruzeiros com pemba na testa dos filhos)

ANGÓROCI DE TATA-GUDUM ÊMANA
INGÊRUA ABENÇA TATETO OGUM-ÊMANA
INGÊRUA, VAI-SE FALANDO OS NOMES
[DOS OUTROS
SANTOS E TOMANDO A BENÇA ACIMA.

Nenhuma destas rezas como outras que as precedem não são como preces oratórias, mas sim: são sinceros lamentos extraídos do mais profundo da alma de cada um dos adeptos, também de todos os presentes que tenham o privilégio de presenciar estes atos. Também os cantos que são executados entre os lamentos de um Orishá e outro são cantos que mexem com as sensibilidades do mais rústico ser humano, pois são cantos que traduzem a vida, a paixão e a morte de toda a existência humana.

Então, como diz a Filosofia, o senso do saber é o senso do viver, por isso o saber morrer com o seu dono.

Tanto por isso, como por algo mais, é que queremos aprender, queremos saber e perguntamos: como pode uma mente que se diz limpa e pura de certos atos e fatos e, por assim ser, estar à disposição dos Orishás? Como pode esta mesma mente distorcer todos estes atos e fatos verídicos a ponto de transformá-los em certos atos executados dentro da seita, mas que nem de longe têm ligações com os mesmos?

Não, no Angoroci não existe gritinhos nem pancadinhas na boca, pois esses atos pertencem aos índios, aos caboclos e às chamadas dos Êgúns nas horas necessárias dentro das seitas espíritas.

“DESPACHO DE ÊGÚN”

Ao segundo despacho, feito nos abiãs que vão se recolher, dão o nome de despacho de Êgún e é feito em um campo ou perto de um rio para que, depois, os abiãs começassem a tomar os banhos de preceitos. Este despacho compõe-se de todos os legumes e todas as verduras, várias qualidades de feijão, arroz, café, açúcar, farinha, carne fresca, linha, fumo,

prego, enfim, tudo que se come e que uma pessoa possa usar. Então, a mãe-pequena passa tudo no corpo da pessoa em questão, muitas folhas apanhadas no mato e na mesma hora passa a vela, por último passa uma galinha branca.

Depois de tudo feito, coloca a galinha de pernas para cima dentro do alguidar e põe por cima da mesma milho branco cozido, muita pipoca, bolo de farinha sem carvão.

Por último põe mel, pedindo para o Ègún aceitar todos os azares do abiã e para que a feitura do abiã corra na mais perfeita paz e harmonia e para que ele próprio alcance a perfeita paz.

“A CRIAÇÃO DOS YAWÔS NAS MATAS E O SACUDIMENTO DE ÈGÚN”

Depois do abiã ter bolado e ter sido recolhido para raspar o Santo, faz-se o despacho de Eshú no Barracão e o despacho de Eshú que põem no caminho indicado pelos búzios. Depois destes despachos, transferem o abiã para as matas, para fazerem outros despachos, a fim de que os mesmos sejam criados ali, durante sete ou quatorze dias, tempo este em que eles aprendem a curar suas dores e a cicatrizar suas feridas, tanto material como espiritual. Estas curas são feitas através de raízes, folhas e frutos, tudo recolhido pelos próprios, dentro das matas.

“A MAIONGA NO MATO”

O banho em água corrente. Ao todo são vinte e um banhos, sendo tomados às 4 horas da manhã, ao meio dia e às 6 horas da tarde. Antes, a mãe-pequena observa e prova a água, depois joga um pouco sobre o abiã, benze com um pouco de água, ordenando após que o abiã entre embaixo da cachoeira. Com seu adejá na mão vai sacudindo enquanto o abiã entra na água, quando então é possuído pela entidade. Quando preenchido este ato, volta para sua cabana, onde vão rezar o seu Angoroci. É neste momento que os Zeladores dão quase tudo de si, pois perguntam sempre aos abiãs se estão sentindo algo e quando alguns respondem que sim e dizem o que estão

sentindo, eles vão para o meio do mato e voltam com ervas e raízes. Trituram e dão ao abiã para beber ou para comer e em poucos minutos vemos que a preocupação passou e as ervas fizeram o efeito esperado.

“LAVA-PÉS”

Uma cerimônia já um pouco extinta pelos praticantes desta seita, mas executada a rigor pelo moço que, com sacrifício, consegue ganhar o grau na hierarquia espírita. Este alabê executa com seus acompanhantes e adeptos desta seita a cerimônia do lava-pés. Esta cerimônia era executada pelas igrejas católicas em um determinado dia do ano, quando, depois da cerimônia do lava-pés, iria beijar os pés do senhor. Mas pertencia à mitologia espírita, assim eles o executam:

O capitão do mato colhe umas ervas e raízes, enquanto os Yawôs estão sendo criados no mato e entrega a êkèdys que tritura tudo em uma bacia branca e aguarda a chegada de todos eles no Barracão. Dão, então, uma festa em homenagem por terem regressado sãos e salvos, a para que não sentissem nenhuma influência negativa com o regresso. Depois da pequena festa, sentam os Santos dos abiãs nos apotis, com a tritura das ervas e raízes; o padrinho e a madrinha lavam os pés dos Santos e enxugam com toalhas brancas. Parte daquela água é espalhada pelo Barracão para dar sorte e outra parte fica na bacia onde alguns adeptos fazem pedidos ao Santo em questão, pondo dentro da mesma dinheiro, jóias; outros escrevem o pedido em folha, pondo-a lá também, fazendo algumas promessas. Então a bacia com os pedidos, dinheiro, jóias, fica ali no Roncó até o término da feitura do Santo, quando então é despachada com tudo, junto com o urupy, ou seja, carregado do Santo.

“ARRUMAÇÃO DA CAMA DE FOLHAS PARA O SANTO”

O alabê e a mãe-pequena fazendo a cama para o Santo. Aí se coloca umas quinze qualidades de ervas. O Santo a ser

raspado é Oshum com Oshóssi. Para estes dois Santos são três qualidades de ervas que o mesmo não quis dar nome, limitando-se a dizer que a Yawô tinha sintoma de duas doenças e que as ervas eram colocadas de acordo com as doenças da Yawô, sendo, porém, da propriedade de seus santos.

A outra erva era de grande fundamento para o Santo e as outras eram também para certas enxaquecas que por acaso pudesse perseguir a Yawô, sendo as mesmas uma de cada Santo. Três delas eram de Oshalá, porque para tudo é preciso ter o apoio de Oshalá e serve como forro para todos os Santos.

“PREPARO DOS SEGREDOS DA CAMA DO SANTO”

Aqui eles estão pondo o fuxico, como eles dizem, no meio das folhas e em perfeita ordem. Os fuxicos são três cebolas que eles cruzam o Yawô da cabeça aos pés e põem uma onde fica a cabeça do Yawô, outro no umbigo e a outra onde ficam os pés, sempre cortando as mesmas em quatro partes. Quando elas se abrem, eles gritam “Alafiá” e batem palmas. Aí então continuam, pondo uns pós de certas frutas que eles ralam para fazer suas pembas e mais algumas coisas que não se pode citar.

Feito isso, colocam a esteira em cima e está pronto um dos maiores atos a serem praticados na feitura de um Santo. Queremos salientar que tudo isso é feito na presença de várias pessoas entendidas no assunto, às quais ele disse ao começar: “se vocês virem algum erro, critiquem sem dó e sem piedade, pois, tudo que quero é me aperfeiçoar e praticar boas ações.”

“BATISMO DO ABIÁ NO RONCÓ”

O abiá, por mais velho que seja na Casa de Santo, não consegue tomar conhecimento do que diz respeito ao Roncô. Ao se recolher para realizar seu sonho, torna-se digno da indicação, daí então o batismo, onde seu Orishá, sob forte jura, se compromete a colocar seu aparelho em seu devido lugar e castigá-lo quando o mesmo quiser sair do caminho traçado por seus pais e seu Orishá.

Os padrinhos ficam responsáveis por determinadas partes desta vida que começa dali por diante. Os padrinhos, com velas acesas e toalhas brancas, cruzam o ablá com velas e depois acompanham a feitura do Santo, sempre com as velas clareando as coisas a serem feitas pelos Zeladores e também ajudando em alguma coisa que for preciso, sempre com auto-rização dos Zeladores.

“COZINHANDO OS ESHÊS PARA FAZER O “ADOSHUM”

(Principais fundamentos do Orishá)

Aí temos a Mãe-pequena e o Zelador de Santo cozinhando os eshês e retirando o necessário para fazer o Adoshum, o qual está sendo feito pelo Zelador, enrolando nas mãos e amassando. Posso dizer que é muito material para a conclusão de uma coisa pequenina. Eis o que eles usam: como foi dito no início, o macassá-poranga, macassá, era tupi, pichulim, patichull, endá, dandá, bêpêrecum, gergelim e em alguns casos, a fava do azeviche. Fazem um fogo com lenha de carvalho e põe uma panela de barro em cima com os primeiros eshês do angoroci do Santo, ou seja, o obi, o orobô, a cabeça de conquém, o coração deste, a cabeça, o coração do pombo e algumas ervas dos Santos em demanda, finalmente um pouco de água de uma nascente. Deixa cozinhar até se desentegrarem; quando a panela secar, eles retiram os ossos e alguns talos das ervas e o resto vão amassando junto com um obi e um orobô ralado e um pouco da própria cinza do carvalho. Vão amassando até formar uma pasta meia dura. Então eles dão o formato do adoshum deixando um pequeno buraco no meio, no qual eles põem um ou dois grãos de areia conseguida de determinado lugar de uma igreja e junto com este colocam uma pena colhida do priqueiro conquém dado ao Santo em sua primeira obrigação.

Aí está pronto um dos maiores fundamentos dos Santos, que, para tanto, só é preciso ser colocado no mesmo, quando eles usam de grande artimanha profissional que é o seguinte:

como seus atos eram feitos todos na hora, eles contam com o sangue, ainda quente, dos animais sacrificados, mas, mesmo assim, pegam um ovo e batem em cima da cura da cabeça do Yawô. Eles batem muito rápido a ponto de o ovo, ao quebrar, deixa um pouco de sua clara no lugar, quando eles dizem umas palavras e colocam o adoshum que, por sua vez, está fixo, tanto pelo sangue como pela clara do ovo ao secar.

“SACRIFÍCIO PARA OS ORISHÁS DE ANGOLA”

No dia do nome do Orishá, na hora de tal ato, é que se fazem as matanças. Porém antes de sacrificarem os animais, é necessário fazer a primeira puxada pelo Barracão, quando o Orishá, no Yawô, dá o giká em certos pontos. Quando o Yawô sai do Roncô, seus padrinhos, mãe-pequena e Yawôs já graduados saem todos carregando os animais que vão ser entregues ao Orishá. Depois de darem a volta pelo Barracão é que vão para o Roncô e neste momento dão início aos sacrifícios, enquanto que a festa continua lá fora.

Até para as matanças existe uma regra: O padrinho segura nas patas traseiras do animal, a madrinha nas patas dianteiras, enquanto que o pai segura na cabeça para que o alabê possa cortar, ou então ele próprio sacrifica o animal e a mãe-pequena fica na organização dos atos.

“SACRIFICANDO OS ANIMAIS”

Depois de preenchidos todos os itens, cruza o Yawô com o animal, batendo a cabeça deste na do Yawô três vezes, testa com testa, para então fazer o sacrifício.

Outra coisa também importante é que o animal não pode ser arriado em hipótese alguma antes que sua vida se exale, quando então vão para o sacrifício dos animais de dois pés, sendo que tudo isso é sacrificado em cima do Yawô, sem vasilha alguma para aparar nada. Se eles quiserem um pouco daquele sacrifício, usam uma vasilha, também no alto, mas nunca arriam o animal por qualquer motivo.

“PRONTO PARA A SAÍDA DO ADOBA”

Depois do sacrifício, rodam os animais em volta do Yawô três vezes, e passam por todos que participaram daquele ato. O Yawô, então, será puxado ao Barracão para o ato do adobá, também em certos pontos. Será novamente recolhido e retornará todo pintado só para dar o giká pelo Barracão e voltar ao Roncô para, quando tornar a sair, gritar o nome na praça.

Aqui o temos todo pintado para o gika pelo Barracão. Uma coisa que deve ser observada, porque achamos muito importante neste ato, é como vemos os Santos serem pintados hoje por aí. Qualquer pessoa pode observar que é pintado com os dedos, por isso os Santos saem todos riscados, com as pinturas todas atravessadas, coisa que confessamos nunca vimos nem nos terreiros de nossa própria família e nem nos outros que tivemos o privilégio de assistir a certos atos bem de perto. Segundo nosso conhecimento, os Orishás antigamente eram pintados com bolinhas e não com riscos, e todos eles traziam um determinado sinal de seu mito pintado na cabeça, porém da seguinte forma.

Oshóssi trazia em formato de arco e flecha ou uma folha.

Ògún trazia uma cruz.

Shangô trazia três cruces ou uma pena.

Omulu trazia vários círculos com uma cruz.

Oshalá trazia a cabeça toda branca, mas sem que com isso deixasse de trazer uma espécie de duas penas cruzadas.

Yansã trazia três círculos com uma bolinha e mcada.

Oshum e Yemanjá traziam uma espécie marinha, porém tudo isso entremeado por bolinhas nas cores de cada um e não riscos com dedos como fazem hoje em dia.

Podemos adiantar que alguns Zeladores usavam o Ossum para a pintura dos Santos, dando a sua tinta para misturar nas outras, como usavam sua bucha para fazer as bolinhas no corpo do Yawô.

“O NOME DO SANTO”

Aqui temos o Orishá já pronto para dar o nome na praça. Este é um pouco complicado perante todos os outros Orishás cultuados em outras seitas. Exemplo: Os Orishás de determinadas seitas gritam o nome pelo qual o Yawô será chamado dali por diante, mas este Orishá, cultuado no Angola, grita umas três ou quatro palayras para daí ser tirado a digina.

Estas palavras ditas pelo Orishá serão submetidas a uma complexa divisão matemática, dividindo-se sílabas e mais sílabas e por fim somando-se as sílabas restantes, encontrando-se o nome autêntico do Orishá em questão. Mesmo assim, este nome será submetido a um sério processo de comparação com o mito, os vícios e costumes do Orishá, para poder então o Zelador se dar por satisfeito.

“FIM DE CERTOS SACRIFÍCIOS”

O Yawô, depois que sai do Roncó, ataviado com os seus pertences e com os pertences do seu Orishá. Eis a típica da Yawô dos cultos do Angola: pés no chão, touca na cabeça, sala amarrada por baixo da barriga por um atacã com as cores pertencentes ao seu Orishá. Assim, suas vestes também obedecera a uma regra mitológica. Para onde quer que vá, vai com ela seu prato de ágata enfiado na cintura e também seu caneco de ágata, ambos usados no Roncó durante seu recolhimento. Carrega também sua moringa com água para, quando sentir sede durante o tempo em que estiver de kelê. Não está entrando onde não é permitido para pedir ou comprar qualquer coisa. Para onde quer que ande, seu Zelador está sabendo por intermédio do seu Shangô, pois este não para de tocar o tempo todo. Para os Zeladores de certos conhecimentos é muito banal escutar o tilintar dele, mesmo que o Yawô esteja dormindo. Como disse um dos Omulu Tempo: “O poder da missa afasta pequenos males de senzalar,”

Por isso é obrigado, depois de entregar o orupy, o Yawô assistir à missa, tanto para afastar os males de senzala pela

qual esteve recolhida, como também para que seu Orishá, através da missa, se sinta mais confiante em suas pretensões para com o Yawô.

Um outro grande mito de hoje está sendo simplificado em milhares de Barracões: a missanga, sua formação e sua posição nos adeptos das diversas seitas.

Em primeiro lugar, sua formação varia de acordo com os antepassados dos Orishás em demanda e não com seu mito atual. Exemplo: se o Orishá em demanda é Oshóssi, pelos seus hábitos, costumes, seus gostos, seu mito e suas missangas têm por obrigação ser verde fosco, porém, em determinada seita e para determinada qualidade de Oshóssi, usam-se missangas de um verde mais para azul claro. Nestes casos, tem-se que buscar sua procedência e sua descendência, para colocar algo em suas missangas que ponha em destaque seus pais e sua procedência. Fugindo a este tema, sendo ele do Angola, tem-se que por em destaque seu juntó, quando então, tanto seu kelê como seu dêlogum terão que ser divididos entre os dois. No caso de ele ser feito no Angola, pode-se usar o verde cristal bem escuro. Em outras seitas, não, pois, para os Orishás masculinos, as cores são foscas e para os femininos são brilhantes, enquanto que os feixes de suas missangas são feitos de combinação com os adôguns e, para tanto, têm que ter a cobertura de Oshalá. Quero dizer que não é só este Orishá, mas todos eles, tanto masculino como feminino, que têm de obedecer às regras de suas nações.

Outro fato importante é sua posição no corpo de seus adeptos. Há quem diga por aí que Santo homem é obrigado a colocar suas missangas a tiracolo, porém isso é falso, pois estas eram as posições adotadas pelos Óluwôs para porem em destaque sua hierarquia e também as mitologias de seus Orishás. No caso, todos os que conheci era Yabás. Então, como se explica que hoje digam que para Santo homem as missangas são a tiracolo? Não entendo, pois se fossem impostas estas regras para o runtó das Casas em demanda estava bem, mas para os Abiãs e Yawôs, não.

Também queremos salientar a respeito de roupas dentro de uma Roça de Santo: 1) Porque para o Abiã ao se recolher a primeira roupa no Roncó é o camisu; este é uma espécie de sala comprida com uma maneira de um lado, onde o Abiã mete o braço, o outro braço fica livre e assim fica até o final de sua primeira obrigação. Então passa a usar a chamada camisa de crioula, uma espécie de blusa sem cava e toda feita em renda até a cintura. Seu complemento é feito com morim até o joelho, levando com esta quatro anos. Então passa a usar a chamada bata, esta também feita de rendão ou bordada a mão, chegando até a cintura quase justa e bem recortada para da cintura sobressair um babado regular, bem feito, para quando depois de vestido e enrolado o pano na cintura, ele se espalhar mostrando toda beleza possível. Todo Yawô tem por obrigação andar com seu pano da costa. As Yawôs com ele amarrado abaixo da cintura e os Yawôs na cintura. O ojá é uma tira de pano, com mais ou menos cinco metros, próprio para dar os lações que embelezam os Santos. O atacã é idêntico a uma toalha, só que mais comprido e mais largo, é também próprio para o Orishá e não para a pessoa. Temos o xale que é uma espécie de toalha com uns babados nas pontas, próprio para as mocotonas, ebamis ou voduncis, etc.

“ALGUMAS OBSERVAÇÕES A RESPEITO DE CÂNTICOS”

Como foi dito no início, muita gente canta sem saber o que está cantando, prejudicando, assim, não só a si próprios como aos leigos acompanhantes e os assistentes de suas cerimônias. Exemplo: muita gente canta assim:

O seu biôlê biola-ta
E congo maiongô
Biôlê biolê biola-ta
E congo maiongô

Crentes que estão cantando para Oshóssi, quando, na verdade, estão cantando para Eshú e pedindo-lhe determinada destruição.

Singê no gango-lê
Tatê no gango-la
Ai ai singê no lê
Singê no gango-lê
Tatê no gango-la
Ai ai singê no lê
Q laô bota q laô gira
Oxósse é mutalandê

Em todo lugar se canta isso e ainda se faz mímica de quem está atirando, ao passo que este canto manda suspender as roupas íntimas ou faz parte de uma cerimônia de Egún, quando chega a hora de homenagear Oshóssi, canta-se para suspender algo que está arriado, mais faz muito mal estarem cantando por qualquer motivo.

Assim cantam para Yemanjá.

Micaia zelum bamba
Zelo-bimba e de mamãe é
Micaia zelum bamba
Zelo-bimba e de mamãe é
O micaia aê

Por certo pode-se cantar esta para Yemanjá. Isto, porém, no dia certo e na hora certa.

Ja mandê caia
Ja mandê caia
Ja mandê caia seu sobrado
Zelo bumba já mandê caia

Esta, certamente, não é de Yemanjá, pois é de Egún que, por certo, tem sobrado, mais não de Yemanjá, pois ela não tem sobrado caiado, esta cantiga é de axexê.

Outro erro são os cânticos das Santas, cantados para os Santos, assim temos:

Adeus quitala zingê ora zingê ô
Adeus quitala zingê ora zingê ô

Minha iza quitala caiza cura
Ai ai ai ai ai adeus quitala zingê

Todos cantam para Oshóssi, quando este cântico é de Oshum. Canta-se para Oshóssi dançar para Oshum, mas não que o cântico seja de Oshóssi.

Quem me fareuá
Quem me fareuá
Minha iza quitala caiza cura

Também é em homenagem a Oshum.

Mamãe côqê ô rêrêrê ela é
Danda-lunda ela é mãe imbanda
Coqê coqê minha iza quitala
Mi côjô ô côjô ô mamãe

Esta, alguns cantam para Yemanjá, quando em homenagem a Oshum.

Assim, cantam para Omulu:

Massa vem de Angola
É sibuca lêlê
Massa vem de Angola
É sibuca lêlêcô

Nem todo dia e nem toda hora pode-se cantar, pois faz parte da festa de Omulu com os Egúns.

Outro sério problema é o de recolhimento, pois, por todos os cantos que andamos hoje em dia, escutamos dizer que tal pai-de-Santo recolheu um barco de dez Yawôs, tal mãe-de-Santo recolheu oito, nove, ou treze Yawôs, então nós nos perguntamos e ao mesmo tempo perguntamos a estes fulanos, como é isso ou ainda, que nome eles dão a isso. Nossa pergunta ou fica sem resposta ou dirão que puseram dois barcos ao

mesmo tempo, o que é puramente falso, tanto os pais-de-Santo como os próprios Santos que por isso ou aquilo se submeteram.

“OS ORISHÁS, SEU TEMPO E SEU DESENVOLVIMENTO SOB A MATÉRIA”

Pode não ser tão importante, do ponto de vista comum, que os Orishás usem constantemente as matérias que escolheram para suas missões aqui na Terra, mas é muito importante, do ponto de vista religioso, hierárquico e espiritual. Mesmo do ponto de vista fundamental e social, tanto para seus filhos como para eles próprios, pois é uma farsa vermos os chamados Zeladores fazerem escada para seu poder econômico e social, usando como madeira a crença e a boa-fé, tanto dos seus clientes, como dos seus filhos, que querem constantemente ver e louvar os Orishás de seus pais e Zeladores, sem imaginarem que são dignos de uma explicação bastante elementar, tanto por parte destes, como das pessoas que dizem que os recebe, mas... tal explicação não vem, pois, se assim for ou se tal coisa for explicada, os tais Zeladores irão se sentir tão pequenos que serão incapazes de controlar o seu povo para o bom andamento e desenvolvimento de sua seita. Para tanto, só se sentem seguros quando se dizem com Orishá incorporado. Pois bem, explicamos o que é.

Todos os Zeladores, com mais de nove anos de Santo, que se propõem a dizer que estão recebendo seus Orishás por qualquer motivo, por certo que estão mentindo, pois seus Orishás já galgaram com eles os pequenos graus na hierarquia espiritual e no aperfeiçoamento, tanto mental, como material, para que, desta perfeição, eles possam descansar em paz no mundo que criaram através de tantos sacrifícios, deixando, assim, que seus filhos façam jus à sua preparação, pondo em prática seus conhecimentos e sua capacidade espiritual.

Estes atos fundamentais não se limitam a uma ou duas seitas, mas, pelo que sabemos todas as seitas que se dizem com raízes africanas obedecem aos mesmos preceitos hierárquicos.

“EKEDY”

Disse ela: sou filha do Osāni, com muito orgulho, mas não dessa Osāni homem como dizem por aí muitos cambonos de Zeladores de Santo, pois sei muito bem que minha inteligência é feminina (Osāni) e sei que o homem desta dinastia chama-se Odāni, bem como o filho de ambos é conhecido como Lilosāni.

Podemos adiantar que o Santo não é apenas raspar a cabeça, cantar duas cantigas, despachar Eshú e abrir um Barracão. Não, os Orishás são puro amor, são glórias que se alcançam com lutas e muita consciência para com os nossos semelhantes, e, por assim dizer, eles são renúncias constantes, sacrifícios eternos e no nosso entender quem não estiver preparando e disposto a estes sacrifícios o melhor que faz é não se meter nestes assuntos, ao invés de viverem destruindo as vidas de muitos leigos que, com muita boa-fé nos Orishás, procuram esses cambonos de Zeladores de Santo.

“HIERARQUIA ESPIRITUAL”

PRIMEIRO:

Todas as pessoas espíritas ou não, mas que ainda não foram iniciadas ou feitas, são, para qualquer fim espiritual, Abiã, e como Abiã as regalias são bastante restritas, sobrando-lhe apenas os direitos de algumas coisas; ver, aprender e obedecer, isto sem distinção de nível de qualquer espécie, pois, para tanto, ninguém pode precisar com absoluta certeza o Santo que encarna o Abiã, até o momento em que este é recolhido para ser feito.

SEGUNDO:

Depois de ser feito, o Abiã faz jus a mais um grau na hierarquia; deixa de ser Abiã para ser Yawô e com ele o seu Orishá, pois este é tão criança como seu aparelho ao nascer, precisando, assim, de toda atenção, todo amor e todos os en-

sinamentos possíveis, para que, quando adulto dentro da seita, saiba e possa controlar seu povo para o bom andamento de sua seita. Como Yawô seu Orishá tem três anos para se desenvolver, quando, então, cederá o lugar a outro Orishá seu Juntó, para que ele possa, assim, desenvolver-se para ajudá-lo em missões futuras.

TERCEIRO:

Três anos depois de feito, o Yawô ganha mais um grau deixando de ser Yawô para ser Adôxi, posição esta que o Juntó do seu Odú usufruiu durante quatro anos. Então, o aparelho contará com sete anos de feito, data em que o Juntó torna a entregar o lugar ao Odú, para que este, por sua vez, possa receber os seus pertences e os pertences do seu aparelho. Junto com os pertences recebe mais um grau na hierarquia, sendo este de alto nível quando seu aparelho recebe o Dekar e deixa de ser Adôxi para ser Vodunci ou outro nome correspondente na sua seita. Depois seus Orishás terão mais um ano de preceito sob o aparelho para daí deixá-lo e seguir a vida que escolheram, tendo a certeza de que eles estarão prontos para socorrê-los em qualquer imprevisto, mais sem que, para isso, tenham que estar incorporado, só agindo assim em última análise. Através destes princípios, a farsa dos Orishás que estão feitos com mais de nove anos e que constantemente estão sob seus aparelhos para, assim, fazerem vontades aos filhos-de-Santo do seu aparelho e aos clientes do mesmo.

QUARTO:

Tendo alcançado este nível espiritual, tudo que as pessoas terão que fazer é seguir em frente, pois, mais para lá, irão encontrar outros graus que irão galgando pessoalmente com o passar dos anos. Portanto, nada custa dizer para seus seguidores que não pode ser como eles querem, pois existe normas para tudo e que em qualquer eventualidade eles estarão prontos para socorrê-los.

QUINTO:

De tudo isso, só uma seita requer uma observação, esta é o Angola, pois a ela está aderida o Cabula e para tanto os espíritos indígenas que os adeptos desta seita recebem, não contam tempo, simplesmente eles respeitam os tempos dos Orishás pais dos aparelhos para depois ficarem à disposição de quem precisar. Também junto com os Caboclos está o escravo do Orishá, que por lei tem direito à incorporação uma vez por ano. Isto depois que o aparelho já ultrapassou os sete anos de feitura.

Mediante este ponto de vista, podemos citar outros ainda mais graves e mais falsos, pois é que muitas pessoas leigas e usando o nome da seita vão se dizendo entendidos, o que também é muito falso, porque com isso e se dizendo estar com Eshú ou com preto ou mesmo com Santo ou Caboclo, quando estes espíritos se propõem a fazer jogo de búzios ou jogar cartas para os clientes. Estes atos são para as pessoas executarem e não para os espíritos, pois eles, por serem espíritos, não precisam recorrer a tais estratégias para saberem o que querem ou estarão sentindo ou mesmo precisando seus clientes. Com isso só conseguem se diminuir perante os verdadeiros sábios no assunto e ao mesmo tempo pondo por terra todas as noções pessoais e espirituais de todos e de toda estrutura espiritual em questão de preparação material e pessoal, deixando assim lugar a uma série de perguntas a estes próprios espíritos, que, acreditamos, ficariam sem resposta. Por nossa parte perguntaríamos em que devemos acreditar, no espírito ou no jogo que ele mesmo está fazendo, ou ainda, com quem está o saber, com o espírito que se diz muito sábio ou com os búzios com os quais ele joga. A esta farsa, ao dizer isso, dizemos com convicção e com base na filosofia estrutural tanto dos Orishás como das religiões espíritas afro-brasileiras, pois as seitas em geral obedecem a certa filosofia, esta por sua vez obedece a estrutura das seitas, enquanto que esta estrutura obedece, por sua vez, a hierarquia de todas as seitas reunidas, que, segundo entendemos, tem por base as seguintes normas hierárquicas.

Recolhe-se um barco completo (sete Yawós)

- 1.º — Dofono
- 2.º — Dofonotim
- 3.º — Fomo
- 4.º — Fomotim
- 5.º — Gamo
- 6.º — Gamotim
- 7.º — Romboni

Sendo que cada seita tem sua filosofia independente, mas sem que nenhuma tenha independente uma hierarquia, e com base em nossos conhecimentos dentro das seitas espíritas, podemos até dizer que todos os barcos que forem recolhidos e que ultrapassem esta regra, continuam carentes de feitura, pois são tão Abiás quanto quem nunca viu falar em espiritismo.

Isso para não falar em dialeto, pois nós não somos nada, nem ninguém como muitos possam dizer por aí, mas uma coisa é certa, nós nunca vimos maior besteira falada por uns tantos ou quantos que por qualquer motivo aprendem uma quantas palavras de vários dialetos tribais e saem por aí exibindo-se como um grande conhecedor da linguagem dos Orishás, quando esta é bastante completa em todos os sentidos. Exemplo:

A linguagem dos Orishás nunca foi assim gritada como querem fazer crer hoje em dia, mas, sim, sussurrada ou ainda em mímica, mas não gritada. Nesta mesma linguagem um rum, um rum rum, um ê ou ainda um ê ê; um ô ou ainda um ô ô ô ô, etc., cada um destes termos correspondia longas frases para todos os verdadeiros no assunto. Mas uma coisa é certa, quem tinha ou uns poucos que hoje têm alguns conhecimentos do verdadeiro dialeto dos Orishás e não tribalismo garantimos que não daria a qualquer um para depois ouvi-lo em todos os cânticos e em qualquer boca como vemos com algumas palavras dos dialetos tribais.

Impresso por
Gráfica Portinho Cavalcanti Ltda.
Rua Santana, 136/138 (edifício próprio)
Tel.: 224-7732 (PABX)
Rio de Janeiro – RJ